



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**

**EVÂNIA CÂMARA VILAR**

**PRÁTICAS LEITORAS MOTIVADAS EM DIÁRIO DE LEITURA:  
UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Mamanguape – PB

2018

**EVÂNIA CÂMARA VILAR**

**PRÁTICAS LEITORAS MOTIVADAS EM DIÁRIO DE LEITURA:  
UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal da Paraíba – PROFLETRAS/UFPB, em cumprimento aos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de Concentração: Linguagens e Letramentos. Linha de Pesquisa: Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes.

Orientadora: Profa. Dra. Laurênia Souto Sales.

Mamanguape – PB

2018

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

V697p Vilar, Evânia Câmara.

Práticas leitoras motivadas em diário de leitura: uma  
experiência no ensino fundamental / Evânia Câmara  
Vilar. - Mamanguape, 2018.  
149 f. : il.

Orientação: Laurênia Souto Sales.  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCAE.

1. Leitura. 2. Formação leitora - Ensino fundamental.  
3. Diário de leitura. I. Sales, Laurênia Souto. II.  
Título.

UFPB/BC

**EVÂNIA CÂMARA VILAR**

**PRÁTICAS LEITORAS MOTIVADAS EM DIÁRIO DE LEITURA:  
UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal da Paraíba – PROFLETRAS/UFPB, em cumprimento aos requisitos para obtenção parcial do título de Mestre em Letras.

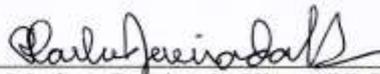
Aprovada em 26 de fevereiro de 2018.

**BANCA EXAMINADORA**



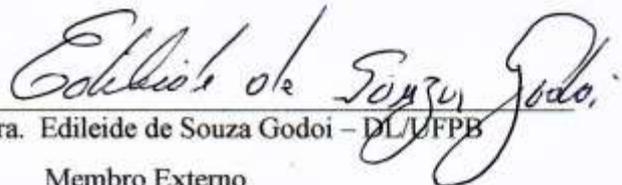
\_\_\_\_\_  
Profª. Dra. Laurênia Souto Sales – PROFLETRAS/UFPB

(Orientadora)



\_\_\_\_\_  
Profª. Dra. Marluce Peteira da Silva – PROFLETRAS/UFPB

Membro Interno



\_\_\_\_\_  
Profª. Dra. Edileide de Souza Godoi – DL/UFPB

Membro Externo

Àquele cujas palavras são Espírito e Vida,  
Verbo Eterno, Logos Encarnado, meu Mestre:  
**JESUS.**

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da Vida, e aos meus pais, Luiz e Deusalete (*in memoriam*), cujas ausências me deram olhos para enxergar aqueles que habitam os escuros ambientes da vulnerabilidade desde a mais tenra infância.

Aos meus filhos, que sempre acreditaram em minha total loucura, o meu incondicional amor.

Aos meus familiares, que sempre me desejaram todo Bem.

Aos amigos do Caminho, os anônimos agentes humanitários espalhados pelo mundo, com os quais aprendo sobre Esperança.

Aos colegas dessa louca, divertida e sofrida jornada chamada Profletras: Gê, Diane, Ana, Silmara, João, Zenaide (nossa Iracema), Maíra, Roberta, Cida (a futura prefeita de Livramento), Eliete, Ednice, Jane, Fátima (a Bonita), Graça, Jeane, Tati, Alysson, Rosa, Cleber (o internacional) e Tiago.

Aos queridos professores doutores, que nos levaram a lugares inimagináveis em Saber, nossa gratidão eterna: Alvanira, João Wandemberg, Joseval, Carla Alecsandra, Roseane, Marineuma, Luciane, Laurênia, Erivaldo, Marluce e Hermano.

À Banca da Qualificação, Prof. Dr. Erivaldo Pereira do Nascimento, Prof. Dr. Fábio Pessoa da Silva e minha querida orientadora, que trouxeram valiosas contribuições à pesquisa.

Aos queridos alunos participantes, pela contribuição generosa do melhor de si, sem os quais não haveria razão de ser para esta pesquisa.

Em especial, a minha orientadora, Profa. Dra. Laurênia Souto Sales, que me deu asas para voar e nunca duvidou de minha capacidade, vi isso em seus olhos, mesmo quando tudo lhe era contrário.

À CAPES, pelo investimento realizado a nossa formação e inserção no meio acadêmico e de pesquisa do País.

*“Quem salva uma vida, salva o mundo inteiro.”*

*(Talmude)*

## RESUMO

A docência em uma escola pública municipal de João Pessoa–PB, inserida em uma área de extrema vulnerabilidade social, provocou nosso olhar a (re)pensar o “como fazer” para ressignificar o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa no que concerne a práticas de leitura capazes de motivar e desenvolver capacidades reflexivas em alunos que demonstram desinteresse e apatia em relação às atividades pedagógicas. Diante disso, questionamos: Como o diário de leitura pode contribuir à formação leitora dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal que se encontram desmotivados e apáticos em relação à aprendizagem escolar? Essa questão de pesquisa nos encaminhou para o seguinte objetivo geral: Contribuir, a partir da produção de um diário de leitura, para a formação leitora de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal de João Pessoa–PB. Fundamentam teoricamente a pesquisa, sobre práticas sociais de leitura, Antunes (2009), Soares (2003), Sousa (2002), Kleiman (2008) e Kock e Elias (2008); quanto aos estudos sobre o gênero diário de leitura, tomamos como base os estudos de Buzzo (2017), Machado (1998), Liberali (1999) e Remédios (2017); quanto à motivação e aprendizagem, Maslow (1978), Paiva e Lourenço (2009), Sampaio (2009) e Tapia e Fita (2011). A investigação, de natureza aplicada e intervencionista, estruturou-se em três etapas: a sondagem inicial (02 aulas); o plano de intervenção pedagógica (22 aulas); e a sondagem final (02 aulas). Os resultados da pesquisa apontaram que o plano de intervenção atingiu de maneira satisfatória o objetivo principal do trabalho no que concerne à contribuição para a formação leitora de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, mediante utilização do diário de leitura como instrumento motivador para o desenvolvimento de práticas leitoras, uma vez que os discentes puderam se constituir sujeitos de seu dizer, fazendo uso de um espaço identitário e singular.

**Palavras-chave:** Formação leitora. Motivação. Diário de leitura. Aprendizagem.

## ABSTRACT

Teaching in a municipal public school from João Pessoa (Paraíba), in a neighborhood with harsh social conditions, made us rethink our professional practices and resignify the teaching-learning process for the Portuguese discipline in regard to reading practices that are capable of motivating and developing reflective skills on students that demonstrated disinterest and apathy in relation to pedagogical activities. We then questioned: How the reading diary can contribute to the development of reading skills of 9th grade (senior year of middle school in Brazil) students from a municipal public school that are apathetic and demotivated in relation to school learning? This question led us to the following general objective: To contribute, starting with the creation of a reading diary, to the development of reading skills of 9th grade students from a municipal public school in João Pessoa (Paraíba). The theoretical foundation of this research, about reading as a social practice, are Soares (2003), Sousa (2002), Kleiman (2008) and Kock and Elias (2008); about the reading diary as a genre, the basis of our studies are Buzzo (2017), Machado (1998), Liberali (1999) and Remédios (2017); in regards to motivation and learning, Maslow (1978), Paiva and Lourenço (2009), Sampaio (2009) and Tapia and Fita (2011). Our applied and interventionist investigation was structured in three parts: initial survey (02 classes); pedagogical interventionist plan (22 classes); final survey (02 classes). The results of this research showed that the interventionist plan had a satisfactory outcome regarding our main objective concerning the contribution to the development of reading skills of the 9th grade students by having the reading diary as a motivational instrument, since the students were able to express themselves by using a space for their identity and unique qualities.

**Keywords:** Reading skills. Motivation. Reading diary. Learning.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Pirâmide de Maslow .....	22
Figura 2- Kit do Projeto de Leitura .....	47

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Propostas para o contexto da aula .....	31
Quadro 2 - Propostas para o contexto escolar .....	32
Quadro 3 - Propostas para o contexto familiar e social .....	32
Quadro 4 - Sondagem Inicial .....	46
Quadro 5 - Orientações para registro no diário de leitura .....	48
Quadro 6 - Resumo dos capítulos do livro .....	48
Quadro 7 - Pauta para Roda de Conversa .....	52
Quadro 8 - Sondagem Final .....	53
Quadro 9 – A leitura como atividade catártica .....	<u>55</u>
Quadro 10 - A leitura como prática desprazerosa e arbitrária .....	<u>57</u>
Quadro 11 - A leitura como atividade de decodificação .....	<u>59</u>
Quadro 12 - A leitura como prática reflexiva .....	<u>60</u>
Quadro 13 - Você pratica a leitura com qual objetivo? .....	<u>61</u>
Quadro 14 - Qual a frequência com que você lê? .....	<u>62</u>
Quadro 16 - Que tipo de leitura você gostaria que seu/sua professor(a) realizasse na sala de aula? .....	<u>63</u>
Quadro 17 - Você enfrenta ou já enfrentou alguma dificuldade com relação à leitura dos textos realizados em sala aula? .....	<u>65</u>
Quadro 18 - Você costuma ir à biblioteca de sua escola ou de sua cidade por livre iniciativa? .....	<u>66</u>
Quadro 19 - A Escola pode ser o caminho para a realização de seus sonhos? Seus professores, sua família, seus amigos têm contribuído para que você compreenda a importância de ter acesso à Educação? .....	<u>68</u>
Quadro 20 - Em que o livro “Malala, a menina que queria ir para escola” contribuiu para sua aprendizagem? Que contribuições trouxe em prática de leitura, ou seja, em sua maneira de ler? .....	<u>98</u>
Quadro 21 - Posicionamento dos alunos sobre dificuldades em acesso à escola e à leitura ..	<u>100</u>
Quadro 22 - O que o Projeto de Leitura representou para você? O que aprendeu com ele?	<u>102</u>
Quadro 23 - Experiência de leitura na escola .....	<u>104</u>
Quadro 24 - Posicionamentos dos participantes em leitura nas sondagens inicial e final .....	<u>105</u>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>2 REVISÃO DA LITERATURA: LEITURA, MOTIVAÇÃO ESCOLAR PARA APRENDIZAGEM, DIÁRIO DE LEITURA</b> .....	<b>17</b>
2.1 Sobre a leitura: algumas considerações .....	17
2.2 Motivação para aprendizagem em práticas de leitura .....	21
<b>2.2.1 Concepção de Motivação, segundo Maslow</b> .....	<b>21</b>
<b>2.2.2 A Concepção de Motivação para a Teoria da Atribuição da Causalidade (TAC)</b> .....	<b>24</b>
2.3 O diário de leitura como instrumento de aprendizagem .....	33
<b>2.3.1 Categorias constituintes do gênero diário</b> .....	<b>38</b>
<b>2.3.2. Estrutura composicional do gênero diário</b> .....	<b>38</b>
<b>2.3.3 Conteúdo temático</b> .....	<b>39</b>
<b>2.3.4 Estilo</b> .....	<b>39</b>
<b>3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>41</b>
3.1 A Pesquisa-Ação .....	41
3.2 Locus da pesquisa e sujeitos envolvidos na ação .....	42
<b>3.2.1 Locus da pesquisa</b> .....	<b>42</b>
<b>3.2.2 Sujeitos envolvidos na pesquisa</b> .....	<b>44</b>
3.3 Descrição da proposta de intervenção pedagógica .....	44
<b>3.3.1 Primeira Etapa - Sondagem Inicial (02 aulas)</b> .....	<b>45</b>
<b>3.3.2 Segunda Etapa - Plano de intervenção pedagógica (22 aulas)</b> .....	<b>46</b>
<b>3.3.3 Terceira Etapa - Sondagem Final (02 aulas)</b> .....	<b>53</b>
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	<b>54</b>
4.1 Primeira Etapa - Sondagem Inicial (02 aulas) .....	54
<b>4.1.1 Qual é a importância da leitura em sua vida? Você gosta de ler?</b> .....	<b>54</b>
4.1.1.1 A leitura como atividade catártica .....	55
4.1.1.2 A leitura como prática arbitrária e desprazerosa .....	57
4.1.1.3 A leitura como atividade de decodificação .....	58
4.1.1.4 A leitura como prática reflexiva .....	59
<b>4.1.2 Você pratica a leitura com qual objetivo?</b> .....	<b>60</b>
<b>4.1.3. Qual a frequência com que você lê?</b> .....	<b>61</b>
<b>4.1.4. Que tipo de leitura você gostaria que seu/sua professor(a) realizasse na sala de aula?</b> .....	<b>63</b>

4.1.5. Você enfrenta ou já enfrentou alguma dificuldade com relação à leitura dos textos realizados em sala aula? .....	65
4.1.6 Você costuma ir à biblioteca de sua escola ou de sua cidade por livre iniciativa? .....	66
4.1.7. A Escola pode ser o caminho para a realização de seus sonhos? Seus professores, sua família, seus amigos têm contribuído para que você compreenda a importância de ter acesso à Educação? .....	67
4.2 O Plano de Ação Pedagógica.....	70
4.2.1 O diário como escrita pessoal .....	71
4.2.2 O diário como “resumo” do livro .....	76
4.2.3 O diário como ação reflexiva .....	78
4.2.4 Análise das reflexões construídas na Roda de Conversa .....	88
4.3 A Sondagem Final .....	98
4.3.1 Em que o livro <i>Malala, a menina que queria ir para escola</i> contribuiu para sua aprendizagem? Que contribuições trouxe para sua prática de leitura, ou seja, para sua maneira de ler?.....	98
4.3.2. Malala defendeu o seu sonho de estudar e não desistiu diante das dificuldades. Você enfrenta alguma para ter acesso à escola e à leitura? Quais? ..	100
4.3.3. O que o Projeto de Leitura representou para você? O que aprendeu com ele?.....	101
4.3.4. Deixe uma frase com uma mensagem sobre esta sua experiência de leitura na escola.....	103
4.4 Discussão dos resultados .....	105
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>113</b>
<b>ANEXO A - O VALE DO SWAT.....</b>	<b>117</b>
<b>ANEXO B - VISITA AO PRÍNCIPE DO SWAT .....</b>	<b>118</b>
<b>ANEXO C – LASHKARS, A MÍLCIA ARMADA DE MINGORA .....</b>	<b>119</b>
<b>ANEXO D – MALALA ESCREVE O BLOG SOB PSEUDÔNIMO GUL MAKAI .....</b>	<b>120</b>
<b>ANEXO E: PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....</b>	<b>121</b>
<b>ANEXO F – DIÁRIOS .....</b>	<b>125</b>
<b>APÊNDICE A - SONDAÇÃO INICIAL.....</b>	<b>142</b>
<b>APÊNDICE B - RODA DE CONVERSA.....</b>	<b>144</b>
<b>APÊNDICE C - SONDAÇÃO FINAL .....</b>	<b>145</b>
<b>APÊNDICE D: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>146</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em tempos de desencanto e desilusão, a escola vive o paradoxo de ser e de não ser a esperança da mudança, “dela não se espera nada, e dela se espera tudo”, afirmam Gentili e McCowan (2003, p. 257). Especificamente, sob o ponto de vista da leitura, entende-se que a escola é um lugar que deve promover práticas que ultrapassem uma simples ação mecânica, e contribuam para a formação de um leitor crítico, autônomo, que pode realizar leituras de forma mais significativa, tornando-se assim um leitor capaz de atuar na sociedade em seu favor. No entanto, o que observamos, muitas vezes, são práticas docentes atreladas unicamente ao uso do livro didático, sem, necessariamente, levar em conta a real necessidade dos discentes, que se veem obrigados a cumprir o que reza a prática do professor.

Sob a perspectiva do estudo da leitura, autores como Antunes (2009), Soares (2003), Sousa (2002), Kleiman (2008), Kock e Elias (2008), entre outros, trouxeram importantes contribuições no sentido de orientar uma prática leitora que vá além da perspectiva estruturalista, em que o ato de ler acontece de forma mecânica, alcançando a leitura numa perspectiva interacionista. Esta última, de interesse desta pesquisa, contribui para o desenvolvimento do aluno e requer novas práticas de ensino. Contudo, nossa realidade de docência em escolas públicas tem se deparado com práticas tradicionalistas e tem provocado nosso olhar a (re)pensar o “como fazer” para ressignificar o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa no que concerne a práticas de leitura capazes de motivar e desenvolver capacidades reflexivas em alunos desinteressados e apáticos à aprendizagem escolar.

Podemos arriscar dizer que essa falta de motivação se dá devido ao fato de estarem inseridos em comunidades que apresentam graves vulnerabilidades sociais, com famílias que, na maioria dos casos, não tiveram uma formação leitora apropriada, e, em alguns casos, já consideram o suficiente terem inserido seus filhos na escola. O que, não podemos negar, já lhes garante a possibilidade de vislumbrar novas oportunidades na vida. Diante de tais questões, fomos instigados a refletir sobre a seguinte pergunta de pesquisa: Como o diário de leitura pode contribuir à formação leitora dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal que se encontram desmotivados e apáticos em relação à aprendizagem escolar?

Essa pergunta nos encaminhou para o seguinte objetivo geral: Contribuir, a partir de um diário de leitura, para a formação leitora de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal de João Pessoa–PB. A partir desse objetivo geral, delineamos os seguintes objetivos específicos para a pesquisa:

- ✓ Traçar o perfil leitor dos sujeitos participantes da pesquisa;
- ✓ Elaborar e aplicar uma proposta de intervenção pedagógica que motive os alunos para a leitura e reflexão sobre o livro “Malala: a menina que queria ir para a escola”, de Carranca (2017), em um diário de leitura;
- ✓ Avaliar as implicações do trabalho com o diário de leitura e a roda de conversa para a motivação dos alunos para a leitura.

Fundamentam teoricamente a pesquisa, quanto a sua natureza intervencionista, Bortoni-Ricardo (2008) e Tripp (2005); sobre práticas sociais de leitura, Antunes (2009), Soares (2003), Sousa (2002), Kleiman (2008) e Kock e Elias (2008); quanto aos estudos sobre o gênero diário de leitura, tomamos como base os estudos de Buzzo (2017), Machado (1998), Liberali (1999) e Remédios (2017); quanto à motivação e aprendizagem, Maslow (1978), Paiva e Lourenço (2009), Sampaio (2009) e Tapia e Fita (2011).

Essa investigação, de natureza aplicada e intervencionista, estruturou-se em três etapas: a primeira (02 aulas), que consistiu numa sondagem inicial por meio de sete perguntas, as quais nos permitiram traçar o perfil leitor dos participantes da pesquisa; a segunda (22 aulas), que se subdividiu em dois momentos: (a) a leitura do livro (20 aulas) “Malala, a menina que queria ir para escola”, Carranca (2017), acompanhada da escrita no diário onde os discentes registraram livremente os sentidos apreendidos no texto e a partir dele; (b) uma roda de conversa pós-leitura (02 aulas) acerca da frase<sup>1</sup> dita por Malala Yousafzai: “*Uma criança, um professor, um livro e uma caneta podem mudar o mundo*”; e a terceira etapa (02 aulas), em que aplicamos uma sondagem final por meio de quatro questões que nos possibilitaram analisar quais as implicações do trabalho com o diário de leitura e com a roda de conversa para a motivação dos alunos para a leitura, identificando assim se o projeto desenvolvido logrou êxito.

---

<sup>1</sup> Pronunciada durante seu discurso à ONU por ocasião do recebimento do Prêmio Nobel da Paz, em 2014.

Quatro capítulos, além deste introdutório, estruturaram a dissertação que ora se apresenta. No segundo, “Revisão da Literatura: Leitura, Motivação Escolar para Aprendizagem, Diário de Leitura”, apresentamos considerações vigentes na escola acerca da leitura e, em seguida tecemos algumas reflexões sobre a noção de motivação para aprendizagem, em virtude da ação pedagógica que desenvolvemos neste trabalho encontrar-se inserida em ambiente afetado por contrastes sociais que refletem diretamente na desmotivação dos alunos participantes, e, por último, apresentamos o gênero diário de leitura como instrumento capaz de promover a ação reflexiva por parte dos discentes participantes da pesquisa. No terceiro capítulo, “Procedimentos Metodológicos”, apresentamos as três etapas da pesquisa: sondagem inicial, proposta de intervenção pedagógica e a sondagem final. No quarto capítulo, fizemos a descrição e análise dos dados a partir dos posicionamentos feitos acerca dos temas leitura e escola, das reflexões construídas nos diários de leitura e roda de conversa e, por último, da motivação e da ressignificação das crenças e valores dos alunos participantes quanto à leitura e aprendizagem. Nas Considerações Finais, quinto capítulo, refletimos acerca de como o diário de leitura pôde contribuir para que os alunos fossem motivados para desenvolver práticas leitoras e, por meio destas, ressignificarem seus valores sobre a leitura.

Queremos ressaltar que este trabalho foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal da Paraíba – UFPB (conforme Anexo E), resguardando-se o direito ao anonimato dos sujeitos da pesquisa e que a participação destes foi autorizada por seus responsáveis, mediante assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice D), uma vez que se trata de alunos com idade entre 14 e 18 anos.

## **2 REVISÃO DA LITERATURA: LEITURA, MOTIVAÇÃO ESCOLAR PARA APRENDIZAGEM, DIÁRIO DE LEITURA**

Neste capítulo, apresentamos considerações acerca da leitura e, em seguida, tecemos algumas reflexões sobre a noção de motivação para aprendizagem, em virtude da ação pedagógica que desenvolvemos neste trabalho encontrar-se inserida em ambiente afetado por contrastes sociais que refletem diretamente na desmotivação dos alunos participantes. Por último, apresentamos o gênero diário de leitura, o qual consideramos um instrumento capaz de promover a reflexão dos discentes sobre o texto, sobre si próprios e sobre o mundo que os cerca.

### **2.1 Sobre a leitura: algumas considerações**

A leitura é comprovadamente uma necessidade a ser cultivada como hábito desde a mais tenra idade, quer seja no seio familiar, quer seja na escola ou em outros espaços sociais. Contudo, como professores, precisamos entender que, para formar leitores, não basta ensinar a ler, é preciso gostar de ler e estabelecer uma relação de cumplicidade com a leitura, pois temos – a escola como um todo deve ter – uma participação importante na formação de sujeitos capazes de transformar as mais diversas situação e relações sociais a partir da leitura. O que temos visto, na maioria das vezes, no espaço escolar, é a leitura sendo utilizada apenas para a avaliação do aluno, cujo professor, com base em uma concepção autoritária de leitura, parte do pressuposto da existência de uma única maneira de abordar o texto e interpretá-lo, sendo a a leitura do aluno avaliada pelo seu grau de proximidade a essa interpretação autorizada

Segundo Kleiman (2012), a aprendizagem é construída na interação de sujeitos cooperativos que têm objetivos comuns, e somente dessa maneira é possível uma real compreensão do que seja, de fato, aprender a ler. Sobre a natureza da leitura, considera:

[...] uma prática social que remete a outros textos e outras leituras. Em outras palavras, ao lermos um texto, qualquer texto, colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa sociabilização primária, isto é, o grupo social em que fomos criados. (KLEIMAN, 2012, p.13)

Nessa concepção interativa de leitura, o leitor ativa seus conhecimentos linguísticos, socioculturais e enciclopédicos, deixando de ser, o ato de ler, uma atividade mecânica do uso da língua. Sobre esta atividade, correspondente à concepção de leitura como decodificação dos signos linguísticos, a autora afirma que nada acrescenta à visão de mundo do aluno, pois trata-se basicamente do ato de mapeamento da informação gráfica do texto.

A autora ainda destaca que “toda leitura de qualquer texto, por mais neutro que pareça, está inserida num contexto social que determina as maneiras de escrever e ler” (KLEIMAN, 2012, p.145). De comum acordo, Soares (2001) entende que a leitura não é um ato solitário, é interação entre indivíduos socialmente determinados, ou seja, é preciso levar em conta o universo do leitor, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com o outro em interação com o universo do autor. Nesse cruzamento de intersubjetividade, a enunciação é de natureza social, não individual, determina a leitura e constitui seu significado, conforme afirma Bakhtin (1979):

Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta. (...) Mas essa comunicação verbal ininterrupta constitui, por sua vez, apenas um momento na evolução contínua, em todas as direções, de um grupo social determinado. Um importante problema decorre daí: o estudo das relações entre a interação concreta e a situação extralinguística - não só a situação imediata, mas também, através dela, o contexto social mais amplo. (BAKHTIN, 1979, p.126)

Sobre essa questão, Koch e Elias (2008) afirmam que as concepções de leitura assumidas na escola dependem da concepção que o professor assume acerca das noções de sujeito, de língua, de texto e de sentido. Para essas autoras, há, portanto, três concepções de leitura, que tomam como base o foco no autor, no texto ou interação autor-texto-leitor. Quando o sentido está focado no autor, a leitura é apenas uma atividade de decodificação das ideias e intenções do autor, bastando ao leitor o papel passivo de captá-las. Temos aqui a ideia de que o texto é um produto já acabado do pensamento do autor; subjacente a essa concepção de texto e de leitura, considera-se a língua a representação do pensamento do sujeito autor. Quando o foco está no texto, basta ao leitor o conhecimento do código linguístico utilizado, ou seja, reconhecer o sentido das palavras e estruturas do texto, desconsiderando as experiências e conhecimentos do leitor, como também o dialogismo autor-texto-leitor. Isso significa que o texto é compreendido como um produto do que foi codificado pelo emissor e decodificado pelo receptor. Para essa segunda concepção, a língua é concebida como código.

Na concepção interacional, quando o foco é na interação autor-texto-leitor, “os sujeitos são vistos como autores/construtores sociais, sujeitos ativos que - dialogicamente - se constroem e são construídos no texto, considerando o próprio lugar da interação e da constituição dos interlocutores”, afirmam Kock e Elias (2008, p.10-11). Dessa maneira, o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos, tornando a leitura uma atividade intelectual complexa, pois, com base na superfície material do texto, mobiliza um conjunto de saberes no interior comunicativo pela interação sociocognitiva entre seus sujeitos, concepção esta que privilegia os sujeitos e seus conhecimentos em processos interativos. A língua, nessa perspectiva, tem uma natureza dialógica/interacional.

Quando a concepção de leitura prevista para o texto é de enquadramento do discurso do outro, de ajustar a própria perspectiva, cujo propósito é conter os sujeitos e os sentidos, nos perguntamos: É possível normatizar a subjetividade? Quem são os leitores autorizados que detêm a chave do texto? Apenas o professor? Ou o autor?

Segundo Sousa (2002, p.41), “é isso o que ocorre com a leitura do texto em sala de aula: as atividades de leitura concorrem para disciplinar e normatizar a subjetividade do texto e do leitor”. Falar do texto é inseri-lo no universo de leitura que envolve não somente o autor, mas também o leitor; descobrir o que o texto quer dizer limita a função do leitor a de um caçador de intenções do autor. O ensino de Língua Portuguesa que circula nos manuais didáticos demonstra que o texto é o sustentáculo-pretexto para a leitura, poucas vezes o texto sem status de pretexto cruza a soleira da sala de aula, seja nas atividades de modelo à escrita e/ou à leitura. Inúmeras teorias linguísticas referendam modos de ler que contribuem à criação de estereótipos à leitura do texto na sala de aula, em um ritual de enquadramento do discurso do outro, cujo propósito é conter os sujeitos e os sentidos (SOUSA, 2002).

O discurso de sala de aula é uma construção coletiva, porém, nas atividades de leitura, especificamente, há uma tendência no professor de regular o discurso do aluno e ajustá-lo a sua perspectiva de leitura. Ao serem colocados diante de atividades de leitura onde o objetivo específico é a ênfase nas propriedades estruturais de um texto, trazendo efeito de sentido para a leitura como literalidade, ficam impedidos de atuar enquanto sujeitos em interação. Que modelo de leitura já está socializado do qual o professor não pode fugir sob pena de não estar lendo o texto? O que seria afinal a produção discursiva em sala de aula durante a aula de leitura? Deve estar presa ao objeto selecionado? Aos efeitos didáticos de avaliação e

correção? Tais efeitos de contenção e enquadramento do discurso do outro são obstruções à constituição do aluno como sujeito leitor capaz do próprio dizer.

Sousa (2002, p.138) afirma que o modelo de leitura que se caracteriza como objeto de ensino é “a objetificação do próprio texto [...] a fixação de uma técnica de leitura incansavelmente repetida”. Nessa perspectiva, a leitura passa a ser uma atividade de busca limitada que realiza de dois modos o ler um texto e dizer a sua leitura. Primeiro, a leitura (pré)vista, que institui-se independentemente do texto e dos sujeitos leitores, privilegiando a visão: vejo, logo creio. Segundo, o discurso da leitura, que seria a atividade discursiva realizada que reitera a leitura prevista e como se diz e se faz a leitura, cuja materialização linguística é a repetição. Dessa forma, a produção do sentido literal do texto cria a *persona* do leitor autorizado, que detém a chave do texto, legitimando o professor como único capaz de desvendar seus mistérios.

A necessidade de tornar o discurso da sala de aula homogêneo sustenta esse discurso sobre leitura com o propósito de conter os sujeitos e os sentidos, chegando-se à conclusão, segundo Sousa (2002, p.141), de que “ as atividades de leitura concorrem para disciplinar e normatizar a subjetividade do texto e do leitor”, cujas práticas se constituem nas atividades propostas pelos livros didáticos. Porém, continua a autora, o discurso da leitura sinaliza que a linguagem não é simples instrumento de comunicação e seus sujeitos não são simples receptores passivos de repetição, sem capacidades autorais.

O modelo de leitura que eterniza os sentidos e reduz o leitor a um decodificador não se sustenta mais. “Falar do texto” é diferente de “o que o texto quer dizer”. O falar do texto permite ao leitor situar-se no texto, construir um lugar de leitor que não se limita a decodificar, capaz de inseri-lo no seu universo próprio e construir outros sentidos para o lido. Descobrir o que o texto quer dizer limita o leitor a um caçador de intenções do autor. Portanto, constituir-se como leitor é extrapolar a leitura canonicamente autorizada por um modelo escolar, o que exige do professor uma função discursiva de controle de participação sem enquadramento dos sentidos, que deixa o aluno falar e faz-o falar, tornando-se um ouvinte consciente de que controlam-se sujeitos, mas não os sentidos. Ora, é preciso que o aluno se constitua sujeito que tem o que dizer, liberto do ritual de reproduzir os sentidos atribuídos pelo professor como garantia de uma leitura perfeita, tendo, por fim, desconstruída a imagem de alunos como aqueles que não sabem, que não leem.

Portanto, a concepção de leitura como atividade a ser ensinada na escola lida com aspectos cognitivos que estão interligados nessa relação sujeito, leitor e texto, entre linguagem escrita e os aspectos socioculturais como compreensão, memória, inferência e pensamento, tornando-se então uma atividade em que o leitor ideal se engaja por meio de estratégias que caracterizam um comportamento reflexivo, consciente, sendo capaz de, na divergência da interação com o autor, convergir de forma crítica para uma leitura plena de subjetividades.

Para que ocorra esse engajamento, levamos em consideração a importância da motivação para aprendizagem em práticas de leitura a partir das contribuições de Maslow (1978), Sampaio (2009), Paiva e Lourenço (2010), Boruchovitch (2005) e Tapia e Fita (2015). De acordo com as atuais teorias cognitivas de motivação, que priorizam as crenças, os valores e as emoções do indivíduo como mediadoras do comportamento que influenciam no processo motivacional, o envolvimento do aluno nas atividades curriculares varia em função de diversos fatores ligados à motivação, sejam eles individuais ou contextuais, razão pela qual, no subitem a seguir, salientamos a sua importância para os processos de aprendizagem e para o sucesso escolar.

## 2.2 Motivação para aprendizagem em práticas de leitura

Para esta pesquisa, trouxemos as concepções de motivação julgadas de maior relevância para o contexto escolar em que a mesma se insere, partindo da conhecida hierarquia das necessidades postuladas pelo psicólogo americano Abraham H. Maslow (1978), acrescida de outros olhares. Entendemos que o conhecimento de tais concepções pode contribuir decisivamente para o desenvolvimento de um trabalho com a leitura em sala de aula, em que se possa ampliar a capacidade reflexiva dos discentes. Vejamos.

### 2.2.1 Concepção de Motivação, segundo Maslow

A concepção de motivação trazida pelo psicólogo americano Abraham Maslow (1978) trata dos desejos ou necessidades humanas. Para o autor:

[..] Muitos dos problemas que têm flagelado os autores nessa área, quando tentaram definir e delimitar a motivação, são uma consequência da demanda exclusiva de critérios comportamentais, externamente observáveis. O critério original de motivação é aquele que ainda é usado por todos os seres humanos, exceto os psicólogos behavioristas,

é o subjetivo. Sou motivado quando sinto desejo, ou carência, ou anseio, ou desejo, ou falta. Ainda não foi descoberto qualquer estado objetivamente observável que se correlacione decentemente com essas informações subjetivas, isto é, ainda não foi encontrada uma boa definição comportamental de motivação[...]. (MASLOW, 1978, p.41)

Suas contribuições, porém, não se limitam ao aspecto da vida laboral, como relatam muitos dos seus estudiosos, pois “[...]diferentemente do que se pensa, seu estudos sobre motivação humana tinham em vista o desenvolvimento de uma teoria que pudesse servir de base para a compreensão do homem inserido na sociedade.[...]”, afirma Sampaio (2009, p.5). Tal posição teórico-metodológica apoiada por Maslow via o homem racional, sob impulsos e desejos, porém não circunscrito a sua corporalidade, mas

[...] possuidor de uma vida interior, que não pode ser reduzida à mera manifestação da cultura ou da sociedade e que não se acha descolada delas; em interação interpessoal, mas também com elementos coletivos, é um “todo integrado e organizado” e capaz de escolhas e de criação de significado para a realidade [...]. (SAMPAIO, 2009, p.7)

As necessidades categorizadas por Maslow não compreendem apenas cinco aspectos, como sugere a Pirâmide de Maslow apresentada pelos críticos de sua obra, conforme podemos observar a seguir:

Figura 1: Pirâmide de Maslow



Fonte: www.rafaelrez.com

Segundo Sampaio (2009), as necessidades foram classificadas da seguinte forma:

- necessidades fisiológicas — compreendem os impulsos (drive), acrescidos da dinâmica da homeostase e da ideia de apetite (que introduz a escolha de alimentos pela pessoa ao tema da fome);
- necessidades de segurança — [...]Por necessidade de segurança depreende-se a inexistência de ameaças percebidas no ambiente[...];
- necessidades de pertença e amor — entendidas como o compartilhamento de afeto com pessoas em um círculo de amizade e intimidade[...];
- necessidades de estima — compreendem a imagem que a pessoa tem de si (autoestima ou autorrespeito) e o desejo de obter a estima dos outros. Maslow divide essas necessidades em dois conjuntos. No primeiro, ele situa o desejo de realização, adequação, maestria e competência, que possibilita confiança com relação ao mundo, independência e liberdade. No segundo conjunto ele situa a busca de reputação ou prestígio, status, dominância, reconhecimento, atenção, importância ou apreciação[...];
- necessidades de autorrealização ou autoatualização — compreendem a ideia[...]de que as pessoas têm um potencial interno que necessita tornar-se ato[...];
- desejos de saber e de entender — [...]Elas são postuladas por Maslow (1954, p.97) como “um desejo de entender, de sistematizar, de organizar, de analisar, de procurar por relações e significados, de construir um sistema de valores”;
- necessidades estéticas — que Maslow entende como os impulsos à beleza, à simetria e, possivelmente, à simplicidade, à inteireza e à ordem[...]. (SAMPAIO, 2009, p.8-9).

A teoria da motivação desenvolvida por Maslow é uma teoria dinâmica, pressupõe a preponderância hierárquica das necessidades, não de forma mecanicista, pois considera que a influência de uma necessidade estaria associada à gratificação relativa de outra considerada inferior, necessidades estas que se alternam ao longo da vida. Ao abandonar os estudos com animais e dedicar-se ao estudo das personalidades sadias, observou um duplo mecanismo das motivações aos quais nomeou por motivação baseada em deficiência (metanecessidade) e motivação para o crescimento (metamotivação).

A motivação baseada em deficiência compreende-se como o funcionamento do psiquismo humano com base nos impulsos e instintos, enquanto a motivação para crescimento é um contínuo, cuja gratificação a aumenta em vez de diminuir, sem busca de descanso, pois o próprio processo é em si recompensador e excitante na realização dos desejos e ambições, afirma Maslow:

Em qualquer dos casos, a vida psicológica da pessoa, em muitos dos seus aspectos, é vivida de forma diferente quando ela é propensa à satisfação das necessidades de deficiência e quando é dominada pelo crescimento, ou “metamotivada”, ou motivada pelo crescimento ou pela necessidade de individuação[...] quando examinamos pessoas que são predominantemente motivadas para o crescimento, a concepção motivacional de “retorno ao repouso” torna-se completamente inútil. Em

tais pessoas, a satisfação gera uma crescente, não decrescente, motivação, uma excitação intensificada, não atenuada. Os apetites são intensificados. Avolumam-se e, em vez de querer cada vez menos, a pessoa quer cada vez mais, por exemplo, educação. Em vez de chegar a um estado de repouso, a pessoa torna-se mais ativa. O apetite de crescimento é estimulado pela satisfação, não aliviado. O crescimento é, em si mesmo, um processo compensador e excitante, por exemplo, a realização de anseios e ambições, como ser um bom médico; a aquisição de aptidões admiradas, como tocar violino ou ser um bom carpinteiro; o recrudescimento constante da compreensão sobre outras pessoas ou sobre o universo, ou sobre nós próprios; o desenvolvimento da criatividade em qualquer campo ou, mais importante ainda, a simples ambição de ser um bom ser humano? (MASLOW, 1978, p.46, 49-50)

Ao fazer tais considerações, o autor passou a analisar estes fenômenos considerando se as pessoas são principalmente motivadas com base em deficiências (motivadas D), ou motivadas em crescimento, pelo ser (motivadas S). É a partir dessa distinção que ele mantém um papel secundário acerca do postulado da hierarquia das necessidades e demarca maior importância ao estudo das diferenças entre as pessoas autorrealizadas e as pessoas motivadas com base nas deficiências, afirma Sampaio (2009, p.11).

Portanto, o conceito de necessidade desenvolvido por Maslow (1978), levou alguns autores a afirmar que a motivação é interna sem consideração às articulações do mundo exterior, onde se encontram os objetos de satisfação, mediadas pela consciência de si e do outro, como também às diversidades de trajetórias e aspirações da vida humana. No entanto, para o autor, o critério original de motivação é a subjetividade, ou seja, somos motivados ou pelo desejo ou pela falta. Dentre as necessidades humanas por ele estudadas, o desejo de saber e de entender, de construir um sistema de valores é uma delas, que pode ser provocada em relação a práticas de leitura como possibilidades de superação de problemas e realização de sonhos.

### **2.2.2 A Concepção de Motivação para a Teoria da Atribuição da Causalidade (TAC)**

A motivação para os processos de aprendizagem e sucesso escolar varia em função de fatores individuais e de contexto. As teorias cognitivas da motivação priorizam as crenças, valores e emoções do indivíduo que movem o comportamento humano e influenciam o processo motivacional. De acordo com Paiva e Lourenço:

[...] a planificação da motivação e a ativação da mesma implica adotar metas, de acordo com o tipo de tarefas a que nos propomos, bem como a estimulação de um conjunto de crenças motivacionais, tais como as crenças de autoeficácia, os interesses pessoais nas tarefas propostas e as crenças sobre a importância dessas mesmas tarefas. (PAIVA; LOURENÇO, 2010, p.133).

A qualidade do envolvimento do aluno com o processo de ensino e aprendizagem é um desafio a ser confrontado, pois um aluno motivado envolve-se no processo e aceita novos desafios. A motivação do aluno também é variável a ser considerada quando se procura explicar o rendimento escolar, que não deve ser verificado apenas pelos conceitos de inteligência, contexto familiar e condição socioeconômica, afirmam os autores. Mediante a motivação, conduz-se o aluno a encontrar razões para descobrir suas competências, num processo contínuo de aprendizagem, objetivo desse trabalho em relação às práticas leitoras.

As características do contexto escolar têm impacto relevante sobre o processo de motivação, o que pode esclarecer o fato de alguns gostarem e desenvolverem seu potencial no ambiente escolar e outros desprezarem tal contexto. Alguns problemas motivacionais são confundidos com dificuldades de aprendizagem e não há uma teoria única capaz de explicar o fenômeno.

Para Boruchovitch (2005), a motivação pode ocorrer de formas intrínseca e extrínseca, nas quais o aluno, intrinsecamente motivado, realiza a tarefa pelo prazer, pelo interesse e pela satisfação da atividade em si, já o aluno extrinsecamente motivado, realiza-a pelo receio de punições, pelo anseio de reconhecimento ou compensações ou por necessidade que lhe desagrada. Tais postulados são advindos da Teoria da Atribuição da Causalidade (TAC), que teve início nos anos 60 com Heider (1970). A TAC considera que:

[...] o ser humano empreende todos os esforços necessários para compreender os acontecimentos que vivencia e para tal faz uma diferenciação entre as causas que podem ser devidas à pessoa (causas disposicionais), como por exemplo, os factores de personalidade, a motivação para concretizar uma tarefa, o esforço gasto numa actividade, e aquelas que podem ser atribuídas à situação, designadamente o impacto das normas e das expectativas sociais[...]. (PAIVA; LOURENÇO, 2010, p.134)

Baseando-se nesse entendimento de elaboração de modelos causais, essa teoria torna-se de grande utilidade para sondar quais as causas atribuídas pelos alunos para o êxito e para o fracasso, como também seus efeitos na motivação para aprendizagem, teoria esta utilizada nas

atividades de sondagem desta pesquisa acerca das práticas leitoras dos alunos participantes. As crenças pessoais acerca das causas que acredita serem responsáveis pelo sucesso ou fracasso escolar são atualmente preferências de estudo pelas teorias cognitivas da motivação.

Os conhecimentos dessas causalidades atribuídas aos alunos permite um programa de intervenção que pode modificá-las ou motivá-las para uma aprendizagem com bom desempenho escolar e superação dos problemas motivacionais, construindo crenças positivas acerca da aprendizagem como também um ambiente de sala de aula que evidencie o prazer de aprender e ensinar.

Sendo a escola um componente social de grande importância e influência na vida das pessoas, é indispensável que desperte nos alunos a motivação pela aprendizagem e pelo desempenho. Tal ação requer soluções de seus profissionais, no microespaço da sala de aula, capazes de adequar os conteúdos programáticos a uma temática em consonância com os reais interesses da turma, transformando esse espaço num ambiente que ative o sentimento de pertença no aluno, amparando-o nas suas dúvidas e necessidades, consistindo a motivação num processo mediado que envolve aluno, professor, sala de aula e cultura da escola, afirmam Paiva e Lourenço (2010).

Para Vygotsky (2003), o processo de aprendizagem pelo qual os sujeitos adquirem novos conhecimentos, desenvolvem competências e modificam o comportamento ocorre mediante a experiência, a observação e a prática motivada, pois um indivíduo motivado apresenta um comportamento ativo que possibilita uma aprendizagem efetiva. Na concepção vygotskiana, o pensamento propriamente dito é produto da motivação, ou seja, dos desejos, necessidades e interesses. Se inerente a cada pensamento existe uma tendência afetivo-volitiva, estudar as dificuldades da aprendizagem sem considerar tais aspectos afetivos não se validam, tampouco é possível traçar uma ação pedagógica sem determinar o universo de cada aluno nos diferentes aspectos. Portanto, para Vygotsky (1991), a motivação deve ser reconhecida como essencial no processo de aprendizagem, razão pela qual a escola deve construir seus esforços na motivação dos alunos, estimulando e ativando seus recursos cognitivos.

Mediar tarefas exequíveis e estratégias que possibilitem ao aluno integrar novos conhecimentos, ajustando os métodos as suas necessidades e um currículo bem estruturado, tendo como papel basilar a motivação, criando uma cultura de atuação na escola, pode ser o

pilar essencial para a ação de aprender, pois “não há aprendizagem sem motivação, assim um aluno está motivado quando sente necessidade de aprender e atribui significado ao aprendido”, afirmam Paiva e Lourenço (2010, p.139).

Sabedores de que o ensino só tem sentido quando interfere na aprendizagem, motivar práticas de leitura possibilitará aos alunos atribuírem significados ao aprendido, tornarem-se sujeitos autônomos, reflexivos e competentes como leitores.

### **2.2.3 Concepção de Motivação, segundo Tapia e Fita**

Segundo Tapia e Fita (2015), a motivação para a aprendizagem requer para toda ação educativa que o professor responda à pergunta motivacional: “como conseguir dos alunos um comprometimento pessoal com sua própria aprendizagem e uma profunda implicação nas tarefas escolares? Os autores defendem que a motivação está ligada à interação entre as características pessoais dos alunos e os contextos escolares onde se desenvolvem as ações educativas, sendo de relevância os objetivos que trazem os discentes e a performance do professor em organizar, interagir e avaliar a aprendizagem, pois “saber motivar para aprendizagem escolar pressupõe saber como os alunos aprendem”, ou seja, requer do professor conhecimentos de mecanismos capazes de motivar e fundamentar uma aprendizagem significativa. Acrescentam “que o interesse dos alunos em aprender depende em grande medida das decisões que o professor toma com respeito à organização do ensino” (TAPIA; FITA, 2015, p.7-9).

A dimensão dos contextos de aprendizagem extrapola o espaço físico escolar, estendem-se desde a família até aos ambientes informais, o que tornam compreensíveis alguns comportamentos não motivados para aprender.

Muitas variáveis interferem no processo de interesse e motivação que os professores enfrentam cotidianamente diante de alunos, que, muitas vezes, não apresentam o menor interesse em aprender o que buscamos ensinar. São vários os fatores que podem influenciar na motivação para o ensino e a aprendizagem, desde as condições de trabalho precárias na maioria das escolas públicas, como também a influência negativa da família, a ausência de perspectivas de futuro, entre tantas outras que escapam ao nosso controle e nos trazem uma

visão pessimista acerca da possibilidade de motivar esses alunos. No entanto, para os profissionais que não desistem, cabe a pergunta, segundo Tapia e Fita (2015, p.13), “... que posso fazer para que meus alunos se interessem pelo que pretendo lhes ensinar de modo que empreguem o esforço e a dedicação necessários para aprendê-lo?”

Para os autores, fazer-se essa pergunta é reconhecer o papel contextual de ativador da motivação e do interesse em aprender, uma vez que os alunos não se motivam ou desmotivam abstratamente, é preciso definir objetivos de aprendizagem, informar, propor tarefas, avaliar, exercer o controle e a autoridade, criar ambientes que afetem a motivação e a aprendizagem, “[...] pois os modos de pensar diante do progresso ou da dificuldade, as estratégias que se põem em jogo e as causas a que se atribuem resultados - também influenciáveis pelo contexto - modulam as emoções que o sujeito experimenta e sua forma de agir.” (TAPIA; FITA, 2015, p.15), ou seja, as respostas às ações educativas não são as mesmas para cada aluno, o que requer do profissional esse conhecimento das variáveis pessoais que influenciam. Que condicionantes pessoais agem na motivação para aprender?

Segundo Tapia e Fita (2015), para entender é preciso observar o que nossos alunos dizem e fazem durante as atividades de aprendizagem, uma vez que agimos em função de diferentes metas, seja aprender algo que faça sentido, evitar sair-se mal diante dos outros, não participar ou participar tendo em vista a preservação da própria imagem, conseguir aprovação ou nota para evitar problemas em casa, ingressar em uma universidade, entre outros. Em todos os casos, a aprendizagem serve para conseguir algo externo, porém, as possibilidades de motivar adequadamente os alunos, uma vez que na escola tudo é praticamente “imposto”, pode ser atenuada pelo favorecimento da percepção de autonomia por meio de apresentação de opções e alternativas; pela divisão das tarefas em objetivos parciais para que se possam alcançar; tomar consciência do que significa aprender; compreensão dos fenômenos e o domínio das estratégias que possibilitam a solução dos problemas.

Também é preciso considerar as experiências emocionais dos alunos, pois o modo como reagem diante das dificuldades de aprendizagem são diferentes, assim, gerando angústia, desgosto ou sensação de incompetência, podem resultar em desmotivação ou abandono da tarefa. Nesses casos, espera-se a intervenção do professor para que encontrem novos modos de solucionar os problemas, mantendo a motivação para execução das tarefas.

Um aluno motivado a aprender recebe as tarefas como um convite à realização de um desafio, concentra seus pensamentos na busca de estratégias para execução do processo. Já o aluno desmotivado questiona sua capacidade, tem baixa autoestima. Assim desmotivados, acreditam que os estudos não servem para nada e, conseqüentemente, não se interessam.

Segundo Tapia e Fita (2015), muitas vezes não se tenta aprender porque não se sabe como fazê-lo, nem que estratégias empregar para abordar um tema, superar uma dificuldade ou resolver um problema e afirmam que, para a realização das atividades escolares com motivação, são necessárias intervenções em duas direções:

Tentando mudar a ideia geral sobre a possibilidade de melhorar ou não as capacidades e habilidades, e o conceito que o aluno tem de si mesmo com relação às possibilidades de êxito nas diferentes áreas. Ensinando modos de pensar que, no momento de realizar as tarefas escolares, permitam enfrentá-las a fim de aprender, com a atenção voltada para a busca e utilização de estratégias que permitam superar as dificuldades, aprender com os erros e construir representações conceituais e procedimentos que facilitem a percepção de progresso e contribuam para manter a motivação elevada. (TAPIA; FITA, 2015, p.37)

Para conseguir os dois propósitos, os professores precisam definir os objetivos de aprendizagem, apresentar a matéria, propor tarefas, responder às demandas dos alunos, avaliar a aprendizagem e exercer o controle e a autoridade, criando ambientes que afetam a motivação e a aprendizagem.

No caso da leitura, tema deste trabalho, a motivação deve ser provocada logo no início da aula, ao mostrar a importância do que vão aprender por meio de recursos que ativem a curiosidade. Outro fator importante é levar em conta o que os alunos já sabem sobre o tema, observando se a forma e o ritmo da atividade proposta estão contribuindo para manter o interesse de todos.

A maneira como o professor apresenta a atividade escolar é decisiva para a aceitação como algo positivo e desejável, daí o princípio da autonomia, conforme proposta por Tapia e Fita (2015):

Para que uma pessoa assuma de bom grado a tarefa de mudar suas normas de comportamento, a primeira condição é que, embora a mudança possa vir sugerida de fora, ela a assuma como algo que deseja e escolhe de forma autônoma e voluntária. Isso também é válido no caso dos alunos porque, se essa condição não ocorre,

podem rejeitar a atividade escolar e não progredir em sua aprendizagem. A aceitação da atividade escolar como algo positivo e desejável se vê facilitada ou dificultada dependendo da forma como os professores a apresentam. (TAPIA; FITA, 2015, p.45.)

Também são decisivas na construção e manutenção da motivação, oferecer o máximo de possibilidades, desde a escolha do(a) companheiro(a) nos trabalhos em grupo, aos temas, por exemplo, sempre validando suas conquistas, reforçando que tal aprendizagem só aumentará suas capacidades autônomas.

A falta de motivação quase sempre advém da percepção de “fazer coisas que não têm muito sentido para eles, o que evidentemente desencadeia processos negativos do ponto de vista emocional”, afirmam Tapia e Fita (2015, p.48). Por isso, são de suma importância as mensagens do professor antes, durante e depois das atividades de ensino-aprendizagem, contribuindo para definir a motivação dos alunos. Mas afinal, o que significa aprendizagem? Segundo os autores, entende-se por aprendizagem

[...] a mudança que se produz num sistema que chamamos aluno ao passar de um estado inicial a um estado final [...]. Como consequência da aprendizagem, o aluno transforma seu estado inicial, alcançando um estado final que se caracteriza por ser capaz de manter uma conduta que antes do processo era incapaz de gerar; o aluno é capaz de realizar algo que antes não podia ou não sabia fazer. Assim, a aprendizagem é uma construção que o aluno realiza sobre a base do estado inicial ao incorporar a nova informação em seus esquemas cognitivos. (TAPIA; FITA, 2015, p.67)

É nesse conceito de aprendizagem que surge a importância da motivação, pois “toda a mobilização cognitiva que a aprendizagem requer deve nascer de um interesse, de uma necessidade de saber, de um querer alcançar determinadas metas”, afirmam Tapia e Fita (2015, p.67), e sobre tais processos pesa a interação do professor quanto ao planejar, implementar e avaliar a aprendizagem.

As dimensões que envolvem a aprendizagem são o processo e o produto. O processo pode ser por recepção, por descobrimento guiado e por descobrimento autônomo, que resultará num produto, ou seja, a qualidade da aprendizagem realizada, que poderá ser puramente mecânica ou plenamente significativa. Para esta pesquisa, enveredamos pela busca da aprendizagem significativa “em leitura”, que promove uma reflexão crítica por parte do aluno, com funcionalidade, para que o mesmo seja capaz de resolver novas situações, novos

problemas, realize novas aprendizagens e alcance mudanças profundas na estrutura cognitiva. Para que isso aconteça, é importante partir sempre do princípio de pesquisar e ensinar com base no que o aluno sabe. Portanto, uma aprendizagem significativa:

[...] é a aprendizagem na qual o aluno, a partir do que sabe e graças à maneira como o professor apresenta a nova informação, reorganiza seu conhecimento do mundo ao encontrar novas dimensões, transfere este conhecimento a outras situações ou realidades, descobre o princípio e os processos que o explicam e, portanto, melhora sua capacidade de organização abrangente para outras experiências, ideias, fatos, valores e processos de pensamento que adquirirá dentro ou fora da escola. (TAPIA; FITA, 2015, p.73)

Segundo os autores, o campo da motivação é um terreno propício a ser pesquisado, pois:

[...] é importante conhecer e classificar as diferentes motivações de nossos alunos e ver que tipos de tarefas, que métodos são mais adequados para os diferentes alunos. Nós, professores, somos, pela proximidade com os alunos, os que estamos mais bem situados para abordar esse tipo de pesquisa. (TAPIA; FITA, 2015, p.99-100).

Algumas propostas de motivação para a aprendizagem escolar nos contextos da aula, da escola, da família e da sociedade foram assim sugeridas pelos autores:

#### Quadro 1- Propostas para o contexto da aula

<p>Criar na sala de aula um clima agradável e feliz, em que se ressaltem os acertos como projeto de desenvolvimento pessoal, por meio de uma metodologia ativa.</p> <p>Propiciar um ambiente afetivo que favoreça o aumento da autoestima nos alunos.</p> <p>Organizar o espaço e os elementos da sala de aula de maneira que favoreçam a interação e a motivação.</p> <p>Construir ambientes espaçotemporais motivadores e dinâmicos.</p> <p>Aproveitar a interação cotidiana para modelar atitudes motivadoras, para criar expectativas positivas, para negociar planos de trabalho e outorgar um grau notável de autonomia, favorecendo a criação da própria imagem.</p> <p>Fomentar e/ou potencializar a atividade tutorial pessoal para um melhor conhecimento e motivação do aluno.</p> <p>Elaborar uma programação diária que inclua estratégias de motivação em função do contexto.</p> <p>Planejar o processo de ensinar e aprender tendo em conta o reforço referencial (recompensas, elogios), estabelecendo dissonâncias cognitivas no início da aula, considerando o que, como, quando e para que avaliar.</p> <p>Utilizar a avaliação como um meio de analisar o processo educativo, reforçando acertos, corrigindo diferenças e marcando novas metas. “Aquele que tropeça e não cai dá um grande passo.” (Cícero).</p>
---

Fonte: TAPIA; FITA, 2015, p.137-139

A motivação no contexto da aula decorre, principalmente, de atitudes que visem a um projeto de desenvolvimento pessoal do aluno mediante uma pedagogia focada no êxito e não no erro, propiciando assim um ambiente afetivo capaz de favorecer a autoestima dos alunos. Para esta pesquisa, esse tipo de motivação é fator decisivo à aquisição e formação de práticas de leitura ressignificadoras, uma vez que os participantes estão inseridos em áreas de extrema vulnerabilidade social, carentes de valores e ações motivadoras à criação de expectativas positivas acerca de si mesmos e da aprendizagem.

Na sequência, apresentaremos as propostas de motivação para os contextos escolar, familiar e social, segundo os autores Tapia e Fita (2015)

#### Quadro 2 - Propostas para o contexto escolar

Cuidar especialmente do clima geral da escola e fazer com que o contexto global seja motivador com algumas finalidades conhecidas (não exclusivamente o “sair-se bem”), com uma insistência notória no positivo (reforços) e em torno de pessoas-modelo que ajam como motivadores.

Elaborar um projeto consensual que sirva como eixo da vida da escola.

Programar encontros de formação permanente na escola e planejar de forma estruturada (expectativas, metas, processos, meios, tempos, avaliação) as intervenções.

Fomentar e estabelecer canais de intercâmbio de experiências educativas entre os professores da escola.

Promover a partir da escola (direção) o trabalho em equipe (equipes docentes, seminários) com o fim de conseguir uma boa programação horizontal e vertical. este trabalho compartilhado exigiria planificação e corresponsabilidade nos planos e serviria para estruturar o trabalho da escola.

Fazer da escola uma segunda casa para os alunos, por meio da pluralidade e riqueza de suas atividades.

Fonte : TAPIA; FITA, 2015, p.137-139

A motivação para o contexto escolar pressupõe a criação de um projeto educativo que sirva como eixo comum à escola mediante programas de formação permanente e planejamento das intervenções. A partir da direção escolar, de forma horizontal e vertical, estabelecer canais para troca de experiências educativas entre professores e gestores, assim promovendo uma equipe engajada em construir estruturas para que a escola se torne uma segunda casa para os alunos (ou a primeira, e talvez única para muitos, da qual já recebem o alimento cotidiano), de forma rica e atrativa.

### Quadro 3 - Propostas para o contexto familiar e social

Conhecer de forma exaustiva o ambiente e as características familiares dos alunos para adaptar a oferta educativa.

Aumentar e/ou viabilizar encontros pessoais e grupais do professor-tutor com os pais dos alunos.

Gerar valores positivos que sejam alternativas aos contravalores do ambiente.

Estabelecer entre as escolas da região canais de coordenação e intercomunicação formais e informais.

Facilitar a abertura da escola ao ambiente participando em atividades recreativas e culturais.

3.3.6. Estabelecer planos de formação temporários e revisáveis que possibilitem a todo o professorado uma atualização profissional.

Fonte: TAPIA; FITA, 2015, p.137-139

Quanto ao contexto familiar e social, conhecer o ambiente e as características dos alunos torna possível ações educativas exitosas, mediante a realização de encontros pessoais ou em grupos dos familiares dos alunos, capazes de gerar valores positivos que possam influenciar os contravalores dos ambientes hostis em que muitos estão inseridos, com históricos familiares graves de desagregação, abandono e violência doméstica, entre outros.

Portanto, a criação de ações formadoras, recreativas e culturais, que envolvam a comunidade como um todo, as escolas da região, podem interferir grandemente em motivação dos alunos envolvidos, como também ações de formação e atualização profissional, traçando mapas a percorrer, escolhendo instrumentos facilitadores de aprendizagem, inovando o modo de ensinar e avaliar para viabilizar o processo educativo.

Conhecedores das teorias de motivação acima mencionadas, entendemos serem relevantes à formação leitora dos alunos participantes da pesquisa a utilização do instrumento diário de leitura, que lhes possibilitará expressar suas subjetividades e reflexões leitoras, e, assim, ressignificarem suas crenças e valores. Conheçamos um pouco sobre esse gênero discursivo.

#### 2.3 O diário de leitura como instrumento de aprendizagem

A escrita diarista reúne propriedades de gêneros de cunho subjetivo ou íntimo. É um texto livre, em primeira pessoa, que estabelece uma intensa e produtiva interação entre a

leitura e a escrita. Na cultura romana, séculos I e II, “a escrita de si”, de acordo com Foucault (1992), era vista como exercício pessoal capaz de, por meio da meditação, produzir princípios dos discursos recebidos.

No século XX, essa escrita ganha destaque por ser capaz de resistir às mudanças históricas e sociais. Surgem os diários íntimos como terapia, o lugar do secreto em razão da autocensura. Durante a adolescência, tem caráter simbólico da mudança na personalidade, um instrumento de acesso ao conhecimento de si, sem marca de segunda pessoa. Segundo Buzzo (2003), seria também uma ação terapêutica ou de documentação das memórias de si próprio ou dos antepassados.

Buzzo (2003) relata que o historiador holandês Jacob Presser acrescentou à língua holandesa a palavra “egodocumentos”, atribuída aos textos relacionados à vida e sentimentos pessoais, às pesquisas autobiográficas, memórias, diários, jornais de viagem e cartas pessoais. Diz também que, no final do século XX, alguns pesquisadores refutaram a escrita diarista por julgarem-na de espírito triste e melancólico, contagiando os leitores, questionando-a como práticas com fins didáticos. Porém, a França, os Estados Unidos e o Brasil reconheceram-na como ensino na formação de professores, e assim, aos poucos, o diarismo transpôs os muros da Literatura para os campos da Metodologia da Ciência e da Educação, passando a ser utilizado por pesquisadores da etnografia crítica como forte instrumento de reflexão, cooperando na sua formação profissional.

Em relação ao uso de diários, Buzzo (2003) afirma que dois pesquisadores brasileiros destacam-se: Cunha (1992), que usou diários reflexivos com professores de inglês como língua estrangeira, e Liberali (1997), que usou diários reflexivos de coordenadores durante um curso semestral para formação de coordenadores, para a qual, o diário é uma ferramenta para a construção interna da reflexão crítica, pois oferece ao sujeito “[...]a oportunidade de escrever sobre sua ação concreta, permite um distanciamento e organização do pensamento que poderá servir como contexto para reflexão crítica [...]”. (LIBERALI, 1999, p.20-21)

Na utilização de diários específicos para ensino-aprendizagem de leitura, temos a experiência de Machado (1995), que utilizou diários reflexivos de leitura com alunos do curso de Jornalismo visualizando nessa ferramenta o reconhecimento da relação dialética existente entre gêneros e práticas discursivas. Segundo a autora, compreender as características discursivas de um gênero é fundamental para guiar as ações didáticas. Diários de leitura foram

produzidos à medida em que liam diferentes tipos de textos por ela indicados. Como instruções básicas, os alunos foram solicitados a

[...]refletir criticamente sobre o texto lido, descrevendo o que ele lhes trazia de interessante tanto em relação à forma quanto ao conteúdo, buscando aspectos do conteúdo e da forma textual que poderiam contribuir para sua aprendizagem, para sua prática de leitura e produção e para sua futura profissão, relacionando a informação nova do texto lido a qualquer tipo de conhecimento prévio e levantando temas a discutir na sala de aula. (MACHADO, 1997, p.2)

Os diários produzidos foram analisados de acordo com o método proposto por Bronckart (1985), centrando-se no levantamento da ocorrência de unidades linguísticas que descrevem os quatro tipos básicos de discurso, dois da ordem do Expor e dois da ordem do Narrar. O resultado dessa experiência revelou uma hibridização do gênero, não se configurando como egodocumentos, uma vez que foram apoiados em diferentes gêneros, o que resultou na constituição de um novo instrumento semiótico, ou seja, um novo gênero a partir de instrumentos conhecidos, no caso em questão, o diário de leituras.

Na utilização do diário de leituras em sua prática docente, Machado (1998) introduz o conceito de sujeito reflexivo como ação estratégica para construção dessa capacidade reflexiva, na qual, segundo a ontogênese, um sujeito plenamente desenvolvido reconhece sua própria subjetividade, sabe justificar e questionar o interlocutor.

O gênero diário reflete mais livremente a individualidade de quem fala, possibilitando ao locutor apresentar seu mundo subjetivo, o que, no contexto escolar, sofre mudança de estilo, dando origem ao superdestinatário superior, o professor, que detém o controle do instrumento de ação, por isso, ao introduzir o gênero diário por meio do subtipo diário de leituras, tem-se o empréstimo de um gênero da esfera privada para a pública, escolar, como elemento facilitador para transformação de ordem discursiva e instauração de uma situação comunicativa favorável à ação comunicativa, assegura a autora.

As mudanças históricas a partir do século XIX marcam os primeiros registros de autores que trabalharam o discurso como questionamento sobre a própria identidade, na busca para resolvê-la através dessa escrita diante de uma humanidade psiquicamente esfacelada.

À proporção que essa produção diarista aumentava, ia-se constituindo como objeto de múltiplos discursos, sob ponto de vista literário, metodológico, científico e educacional. Nas pesquisas educacionais, tornou-se um instrumento de ensino e aprendizagem.

Apesar dos diferentes subtipos de diários, todos apresentam características comuns da situação de produção: um produtor - que periodicamente ou cotidianamente escreve primeiramente para si com objetivos múltiplos, não havendo um destinatário empírico, o produtor é relativamente livre à escrita diarista; um destinatário com ausência de segunda pessoa quando não há um receptor interferindo no enunciado. Nos textos diaristas, a ausência empírica do Outro pode provocar o quase total esquecimento de um interlocutor possível ou acentuar sua presença imaginária. Quando objeto não publicável, não há preocupação com as responsabilidades inerentes à produção de um texto, como seu acabamento, podendo apresentar fragmentação ou descontinuidade, também há predomínio de elipse e parataxe, conferindo aos textos o estilo telegráfico ou de notas.

No gênero diário, predomina o universo temático da experiência pessoal mediante sentimentos, sensações e pensamentos - tipo de conteúdo e o tipo de vivência relatada sem preocupações com o domínio estético, que faz dele “um receptáculo para todos os tipos de escritura”, afirma Machado (1998, p.29). O diário é um instrumento de acesso ao conhecimento de si, é uma forma de descoberta dos próprios pensamentos, é um instrumento de pesquisa interna. São características, portanto, dos textos diaristas a fragmentação, a descontinuidade, a heterogeneidade de conteúdos e de tratamento dos parâmetros da situação de comunicação, como também a ausência de modelos fixos.

Segundo Machado (1998), o diário com a função de testemunha de leituras e de reflexões que as leituras produzem, como os demais tipos de diários, caracterizam-se por variedades de formas que vão de enumerações de datas, títulos e nomes de autores a citações literais do texto lido, reações afetivas e julgamentos sobre o texto, tornando a leitura como uma atividade que conduz ao desejo de escrever.

Essa relação entre leitura e escrita era prática antiga na cultura romana por volta dos séculos I e II, descrita por Foucault (1992, p.160) acerca dos *Hypomnemata*, que aproxima-se do diário de leituras, teria a função de levar a processos de subjetivação, pois “tratava-se de se constituir a si próprio como sujeito de ação racional pela apropriação, a unificação e a subjetivação de um ‘já dito’ fragmentário e escolhido”, ou seja, a escrita seria uma forma de

recolher a leitura e se recolher sobre ela, permitindo que as diferentes vozes constituíssem uma unidade, assim formando a própria identidade, afirma Machado:

A escrita permitiria, assim, a “digestão”, a incorporação do sujeito - de forma unificada e transformada - daquilo que é lido, constituindo-se, dessa forma, em um princípio de ação racional. Assim, o jogo entre as diferentes leituras escolhidas e a escritura assimilativa permitiria a formação da própria identidade, na qual as diferentes vozes que a constituíram encontrariam uma unidade. (MACHADO, 1998, p. 37)

Portanto, o gênero diário e seu subtipo diário de leituras se constituem instrumentos poderosos de desenvolvimento psicológico, como também promotores de aprendizado autônomo no estímulo à capacidade reflexiva de internalização do discurso do outro, criando assim um espaço que permite a constituição das subjetividades.

Remédios (1996) destaca a importância do diário ao se referir a Getúlio Vargas, que iniciou seu Diário refletindo sobre a necessidade de encontrar-se na solidão de seu interior. Para a autora,

Se todas as pessoas anotassem diariamente no caderno seus juízos, pensamentos, motivos de ação e as principais ocorrências em que foram partes, muitos, a quem um destino singular impeliu, poderiam igualar as maravilhosas fantasias descritas nos livros de aventura dos escritores da mais rica fantasia imaginativa. O aparente prosaísmo da vida real é bem mais interessante do que parece. Lembrei-me que, se anotasse diariamente, com lealdade e sinceridade, os fatos de minha vida como quem escreve apenas para si mesmo, e não para o público, teria aí um largo repositório de fatos a examinar e uma lição contínua da experiência a consultar. (REMÉDIOS, 1996. p.205)

Entendemos, assim, que escrever para si mesmo, sem necessidade de justificações, expondo o instante presente numa necessidade de autoconhecer-se diante do universo e da sociedade em que vive, com o claro objetivo de dar ao *eu* um corpo de palavra, faz o diário inscrever-se na classe de relatos confessionais, de grande desenvolvimento no século XX, dentre os quais ressaltamos o diário de leitura para o desenvolvimento da atividade de leitura na escola. Entendemos que este que se constitui como instrumento capaz de favorecer novos tipos de relações na sala de aula mediante elaboração de um discurso mais autoral e trocas mais efetivas e produtivas das intersubjetividades entre os sujeitos atores. O diário se configura, portanto, como instrumento que permite a reflexão sobre os próprios processos de

aprendizagem em leitura e escrita, além de permitir ao professor detectar o estado real do aluno em relação a esses processos, conforme Machado (1998).

### **2.3.1 Categorias constituintes do gênero diário**

A definição dos gêneros do discurso em Bakhtin (1997) considera como suas categorias constituintes os elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional, conforme observamos a seguir:

[...] A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 1997, p.279)

Levando em consideração as categorias constituintes do gênero diário, faremos uma breve apresentação do referido gênero a partir de Oliveira (2016) e de outros autores que possam contribuir com a discussão sobre tais categorias e sobre a função social desse gênero.

### **2.3.2. Estrutura composicional do gênero diário**

Quanto à estrutura composicional, o gênero Diário constitui-se quanto à:

a) Forma

São elementos quanto à forma: datação, vocativo e saudação final.

Em relação ao tempo, diferencia-se dos gêneros Memória, Biografia e Autobiografia por não cultivar a forma narrativa sob retrospectiva, atém-se ao momento presente, registrando-o cotidianamente, funcionando, pois, como marco para resgate da memória do próprio escrevente ou pessoa autorizada.

Como maneira de aproximar o eu-escritor do eu-leitor, o gênero pode também utilizar um vocativo, que personifica o objeto e infere-lhe um caráter íntimo e confessional, e, por fim, a saudação final, que encerra a narração.

É importante lembrar que, desses três elementos, o único imprescindível é a datação, os outros dois entram na relatividade estável dos gêneros.

#### b) Linguagem

É utilizada a 1ª pessoa, o que facilita a informalidade, dada a natureza íntima do objeto. Como prosa narrativa, insere-se na ordem do relatar, cujo domínio social na comunicação documenta e memoriza as ações humanas representadas pelo discurso de experiências vividas.

#### c) Suporte

Todo gênero necessita de um suporte que o registre e o materialize como texto. Marcuschi (2008, p.174) entende suporte como “um gênero um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto.” Portanto, o suporte de um diário pode ser um livro, um papel ou um caderno, que geralmente vem acompanhado de cadeado para garantir seu caráter secreto.

### 2.3.3 Conteúdo temático

Via de regra, os diários falam sobre a vida pessoal do autor de forma hermética e subjetiva. Por não prever, teoricamente, um leitor externo, a escrita de si flui em diálogos interiores, projetando um leitor imaginário num processo de reconstituição do próprio eu. Por essa razão, esse gênero propicia práticas de leitura e escrita significativas, contribuindo grandemente com o ensino-aprendizagem da língua portuguesa. Além disso, contribui para a percepção do próprio sujeito em torno de si, ou seja, é uma escrita de si para si.

### 2.3.4 Estilo

Segundo Bakhtin (1997), as condições menos favoráveis ao aparecimento do estilo, reflexo da individualidade na língua, são os gêneros do discurso que requerem uma padronização, como os de formulação de documentos oficiais, que apresentam informações

quase superficiais e biológicas, nos quais o estilo individual não entra na intenção do enunciado, aparece como epifenômeno, seu produto complementar. Dessa maneira,

[...]o estilo lingüístico ou funcional nada mais é senão o estilo de um gênero peculiar a uma dada esfera da atividade e da comunicação humana. Cada esfera conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos. Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. O estilo é indissociavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais: tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal (relação com o ouvinte, ou com o leitor, com o interlocutor, com o discurso do outro, etc.). O estilo entra como elemento na unidade de gênero de um enunciado. (BAKHTIN, 1997, p.283-284)

Portanto, dada a sua natureza íntima, individual, o gênero Diário imprime e reflete a subjetividade do autor, tendo como função social documentar e memorizar suas ações pelo discurso das experiências vividas, por isso daremos aos alunos a plena certeza de que serão ouvidos em seus sonhos e perplexidades, a fim de que possam expressar os seus dizeres e sentimentos do mundo. Por sua vez, eles nos permitirão verificar caminhos melhores que oportunizem intervenções significativas em práticas de leitura e escrita, seja de ordem formal e/ou subjetiva, apresentando os recursos da língua de forma viva e funcional, para a qual existe.

Após estabelecermos, para essa pesquisa, a concepção de leitura com foco na interação autor-texto-leitor, cujos sujeitos dialogicamente se constroem e são construídos no texto, de termos apresentado a motivação para aprendizagem como base para execução de nossa pesquisa e, finalmente, de termos selecionado o diário de leitura como suporte à atividade leitora e instrumento motivador capaz de ações subjetivas de leitura, passemos ao capítulo metodológico, que possibilita a contextualização da pesquisa, de seus sujeitos, da escola em foco, bem como a descrição dos procedimentos metodológicos da ação interventiva, enfim.

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, tratamos das ações metodológicas adotadas a fim de alcançarmos o objetivo geral do trabalho, contribuir para a formação leitora de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal de João Pessoa–PB, mediante a produção de um diário de leitura no período de 04 a 28 de setembro de 2017. Inicialmente, justificamos a natureza da pesquisa, em seguida, fazemos a caracterização do *locus* e dos sujeitos envolvidos, finalizando com a descrição das etapas propostas à intervenção pedagógica.

#### 3.1 A Pesquisa-Ação

Esta pesquisa é de natureza interventiva, com abordagem qualitativa, uma investigação-ação que “aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela.” (TRIPP, 2005, p.445-446). Segundo o paradigma interpretativista, é impossível observar o mundo sem considerar as práticas sociais e seus significados, como também a própria subjetividade do observador como relator ativo em sua compreensão. Em sala de aula, a pesquisa-ação aperfeiçoa profissionalmente o docente que, associando o trabalho de pesquisador ao seu fazer pedagógico, torna-se um professor pesquisador de sua própria prática, compreende melhor suas ações mediadoras de conhecimentos na interação com os educandos, adquire assim maior compreensão do processo de ensino e aprendizagem.

No que diz respeito à abordagem qualitativa, Bortoni-Ricardo (2008) considera que as pesquisas sociais de cunho qualitativo pertencentes às ciências humanas tornam impossível o distanciamento entre o sujeito (pesquisador) e o seu objeto (aluno), uma vez que a simples presença do pesquisador pode alterar o comportamento do pesquisado, por isso a relevância do senso comum, que não destitui seu valor significativo, uma vez que “o cientista social pode valer-se dele para interpretar as ações socialmente organizadas e a forma como os atores sociais a veem, posicionam-se em seu interior e constroem seu sistema de interpretação.” (BORTONI-RICARDO, 2008, p.18).

A pesquisa qualitativa busca a interpretação das ações sociais, o significado dessas ações na sociedade busca compreender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto no qual “o pesquisador está interessado em um processo que ocorre em determinado ambiente e quer saber como os atores sociais envolvidos nesse processo o percebem, ou seja,

como o interpretam.” (BORTONI-RICARDO, 2008, p.34). Assim sendo, a pesquisa qualitativa é uma maneira alternativa de trabalhar com o conhecimento, cuja essência é interpretativista, na qual também estão presentes as impressões subjetivas do pesquisador, portanto, três perguntas fundamentais se propõem ao pesquisador à interpretação das ações que têm lugar em uma escola ou em uma sala de aula:

O que está acontecendo aqui? O que essas ações significam para as pessoas envolvidas nelas? Ou seja, quais são as perspectivas interpretativas dos agentes envolvidos nessas ações? Como essas ações que têm lugar em um microcosmo como a sala de aula se relacionam com dimensões de natureza macrossocial em diversos níveis: o sistema local em que a escola está inserida, a cidade e a comunidade nacional? (BORTONI-RICARDO, 2008, p.41)

O interesse do pesquisador, nessa busca pelos significados que os atores sociais envolvidos no trabalho pedagógico conferem as suas ações, consiste em relacionar os padrões de organização social e cultural às atividades, pois:

[...]a pesquisa interpretativista não está interessada em descobrir leis universais por meio de generalizações estatísticas, mas sim em estudar com muitos detalhes uma situação específica para compará-la a outras situações. Dessa forma, é tarefa da pesquisa qualitativa de sala de aula construir e aperfeiçoar teorias sobre a organização social e cognitiva da vida em sala de aula, que é o contexto por excelência para a organização dos educandos.” (BORTONI- RICARDO, 2008, p.42)

Assim, o professor pesquisador não se vê apenas como um usuário do conhecimento produzido por outros, mas se propõe a produzir conhecimentos, a refletir sobre a própria prática, a superar as próprias deficiências, sempre aberto a novas ideias e estratégias.

### 3.2 *Locus* da pesquisa e sujeitos envolvidos na ação

A seguir, passamos a descrever o *locus* e os sujeitos envolvidos nessa pesquisa-ação, para compreensão das ações realizadas por esses atores sociais inseridos em seu contexto.

#### 3.2.1 *Locus* da pesquisa

De acordo com as diretrizes do programa deste mestrado, a pesquisa foi executada no âmbito da própria sala de aula da pesquisadora, numa escola municipal onde exerce sua atividade pedagógica. Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola:

[...] a área onde fica situada a escola é periférica ao bairro, onde não existe saneamento básico e a rua não é calçada. Como serviço público consta o Posto de Saúde. A clientela escolar em sua grande maioria apresenta baixo poder aquisitivo e alguns dependem apenas do programa Bolsa Família - Programa do Governo Federal. Podemos destacar a baixa escolaridade entre os adultos e para sua sobrevivência diária vivem de trabalhos informais. (PPP, 2016)

A escola atende atualmente a, aproximadamente, 600 alunos, distribuídos entre os turnos matutino e vespertino. No ano de 2017, a escola teve o turno da noite encerrado definitivamente por motivo de violência, quando uma gestora esteve sob a mira de uma arma de fogo portada por um aluno matriculado na Educação de Jovens e Adultos (EJA), sob efeito de entorpecentes, o qual já se encontrava fugitivo social por outros delitos.

Ainda sobre a caracterização da comunidade atendida pela escola, diz o PPP:

Nossa unidade educacional atende uma clientela predominantemente proveniente de famílias com elevado número de filhos e com baixo poder aquisitivo. Nosso alunado é formado principalmente por crianças e adolescentes na faixa etária dos 6 aos 16 anos os quais estudam durante o dia. [...]Diariamente, temos dificuldades com nossos estudantes em relação às tarefas escolares, diante à falta de participação da família em acompanhar o desenvolvimento educacional dos filhos. [...]Porém ainda há muito a ser conquistado. Além das limitações referentes à precarização de segurança pública, infraestrutura, mobilidade urbana, a escola vivencia diversos tipos de violência dos estudantes contra o seu patrimônio, profissionais e entre si. (PPP, 2016)

Em áreas demarcadas por tais contrastes sociais de pobreza e violência, a escola tem assumido uma responsabilidade que não lhe é própria, quer seja, tornar-se um lugar de subsistência, tornando-se um depositário com fins alimentícios para muitas famílias, conforme citam Gentili e McCowan (2003):

[...] Em boa parte da América Latina, e nas regiões mais pobres do Brasil, as crianças e suas famílias reconhecem que o principal valor da escola reside no fato que, nela, pode se comer a única refeição diária. Escolas transformadas em comedores populares desempenham, não há dúvida, uma importante função social, em sociedades onde o flagelo da fome consome a vida e a dignidade de milhões de seres humanos [...]. (GENTILI; MCCOWAN, 2008, p. 262)

Atualmente, a escola conta com as seguintes dependências: 14 salas de aula, (01) diretoria com almoxarifado, (01) secretaria com arquivo, (01) sala de professores, (01) biblioteca, (01) laboratório de Informática, (01) sala de especialistas, (01) cozinha com

depósito de merenda, (02) sanitários para funcionários, (06) sanitários para alunos, (02) sanitários para crianças com necessidades especiais, (01) ginásio poliesportivo, (01) sala de recursos, (01) sala de vídeo, (01) cozinha de apoio.

Quanto ao quadro funcional, a escola é constituída por uma Equipe Gestora, formada por um diretor geral e três adjuntos; uma Equipe Técnica Pedagógica, formada por dois (02) supervisores, uma (01) orientadora e uma (01) psicóloga; Equipe de Professores, formada por 41 professores atuando em dois turnos, manhã e tarde. Completando o Quadro Funcional, a escola dispõe ainda de uma (01) secretária, três (03) auxiliares de secretaria, dois (02) monitores de Informática, cinco (05) inspetores de alunos, três (03) auxiliares de serviços gerais, quatro (04) vigilantes e quatro (04) merendeiras.

### **3.2.2 Sujeitos envolvidos na pesquisa**

Os sujeitos envolvidos nesta pesquisa foram quinze alunos de 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal de João Pessoa – PB com faixa etária entre 14 e 18 anos. Tratam-se de alunos inseridos em uma área de extrema vulnerabilidade social, a maioria apresentando desinteresse e apatia em relação às práticas pedagógicas, razões pelas quais elaboramos uma ação interventiva que atendesse suas necessidades básicas de motivação à aprendizagem quanto às práticas de leitura capazes de ressignificar suas crenças e valores, tendo em vista os desafios que os seguirão nas próximas etapas escolares relativas ao Ensino Médio e à vida como um todo.

Para preservar a identidade dos discentes, no decorrer da pesquisa, serão reportados nas análises dos dados como Participantes (P) e receberão um número identificador em sequência, doravante P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9, P10, P11, P12, P13, P14 e P15.

### **3.3 Descrição da proposta de intervenção pedagógica**

Quanto aos procedimentos metodológicos, três etapas foram percorridas ao longo da pesquisa, no ambiente da biblioteca escolar, conforme sequência apresentada abaixo:

- (a) uma sondagem inicial (02 aulas), em que os alunos responderam sete (07) perguntas, as quais nos permitiram traçar o perfil leitor dos participantes da pesquisa;

- (b) a intervenção pedagógica, que foi subdividida em dois momentos. No primeiro (20 aulas), foi realizada a leitura do livro “Malala, a menina que queria ir para escola” (CARRANCA, 2017) e o registro no diário<sup>2</sup> de leitura das impressões que os alunos tiveram do texto; no segundo momento (02 aulas), foi realizada uma roda de leitura acerca da frase “Uma criança, um professor, um livro e uma caneta podem mudar o mundo”, dita por Malala Yousafzai, em discurso à ONU, em 10 de dezembro de 2014, por ocasião do recebimento do Prêmio Nobel da Paz;
- (c) uma sondagem final (02 aulas), em que os discentes responderam quatro (04) questões que nos possibilitaram avaliar as implicações do trabalho com o diário de leitura e a roda de conversa para a motivação leitora dos alunos.

A seguir, detalhamos como se executou cada um desses procedimentos metodológicos.

### **3.3.1 Primeira Etapa - Sondagem Inicial (02 aulas)**

No primeiro momento, após explicarmos ao discentes que daríamos início ao projeto de leitura sobre o qual havíamos conversado no dia em que enviamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os pais assinarem, foi entregue aos alunos um envelope contendo sete (07) perguntas acerca dos temas Leitura e Escola, correspondente à sondagem inicial, cujas respostas nos levaram a selecionar o livro “Malala, a menina que queria ir para escola”, de Carranca (2017), para leitura e reflexão, bem como para registro, em um diário de leitura, das impressões que eles tiveram sobre o livro. Entendemos que o livro em questão, ao mesmo tempo em que seria objeto de leitura, poderia servir de elemento motivador para levar os alunos a refletirem sobre a importância da escola e da leitura em suas vidas. Também registramos em um diário de bordo como tudo aconteceu, para termos detalhes descritos sobre a interação entre os alunos, caso fosse necessário para análise.

No quadro a seguir, apresentamos as questões que constituíram a sondagem inicial.

---

<sup>2</sup> Vale salientar que o gênero diário foi assunto do bimestre anterior à aplicação do projeto, devidamente apresentado em sua função e composição.

#### Quadro 4 - Sondagem Inicial

1. Qual é a importância da leitura em sua vida? Você gosta de ler?
2. Você pratica a leitura com qual objetivo?
3. Qual a frequência com que você lê?
4. Que tipo de leitura você gostaria que seu/sua professor(a) realizasse na sala de aula?
5. Você enfrenta ou já enfrentou alguma dificuldade com relação à leitura dos textos realizados em sala aula?
6. Você costuma ir à biblioteca de sua escola ou de sua cidade por livre iniciativa?
7. A Escola pode ser o caminho para a realização de seus sonhos? Seus professores, sua família, seus amigos têm contribuído para que você compreenda a importância de ter acesso à Educação?

Após os alunos terem respondido as questões propostas, apresentamos dois vídeos motivacionais sobre leitura, ambos de curta duração, selecionados de canais no Youtube. Um deles, intitulado "Eu quero Ler" (3 min), trata-se de uma propaganda de uma livraria virtual produzido em forma de Rap sobre o ato de ler; o segundo, um trecho de uma entrevista ao escritor Ariano Suassuna, "O tema é: Leitura" (2 min), ambos um mote para um pequeno debate sobre leitura, para, em seguida, iniciarmos a primeira fase da segunda etapa.

#### **3.3.2 Segunda Etapa - Plano de intervenção pedagógica (22 aulas)**

Iniciamos a primeira fase da segunda etapa metodológica com a entrega, a cada aluno, de um kit que continha o livro "Malala, a menina que queria ir para escola" (CARRANCA, 2017), um caderno para o registro do diário de leitura<sup>3</sup>, uma caneta e um pirulito, conforme retrata a figura abaixo:

Figura 2: Kit do Projeto de Leitura

---

<sup>3</sup> Trechos dos diários de leitura dos participantes encontram-se disponíveis no Anexo F, resguardando-se o direito ao anonimato dos sujeitos da pesquisa, uma vez que se tratam de alunos com idade entre 14 e 18 anos.



Fonte: Foto da autora

A partir de então, nas aulas destinadas para o projeto (seis aulas por semana), os alunos se dirigiam à biblioteca da escola para realizar a leitura do livro, primeiro documentário infantil da jornalista brasileira Adriana Carranca (2017), que é colunista dos jornais O Estado de S. Paulo e O Globo e repórter, além de colaborar com publicações internacionais, escrevendo principalmente sobre conflitos, tolerância religiosa e direitos humanos, com olhar especial sobre a condição das mulheres.

Antes da leitura, conversamos um pouco sobre o livro. Explicamos aos alunos que, para produzir a obra, a jornalista viajou ao Vale do Swat, no Paquistão, onde Malala nasceu e viveu antes do atentado e exílio, para conhecer de perto sua história. Apresentamos também as ilustrações do livro, realizadas por Bruna Assis Brasil, formada em jornalismo e design gráfico e pós-graduada em ilustração criativa e técnicas de comunicação visual na escola EINA, em Barcelona, Espanha. Na composição do livro, a autora também inseriu um banco de palavras relacionadas à cultura paquistanesa e à língua urdu, idioma dos pashtuns, tribo a que pertence Malala, para facilitar o entendimento do público infantil a que se destina.

Esclarecemos aos alunos que a ideia do projeto era que eles lessem o livro e, à medida que fossem concluindo dois capítulos, registrassem no diário as impressões sobre a leitura realizada, estabelecessem relação, quando fosse o caso, com a vida deles ou de outras pessoas que conhecessem, enfim, que se posicionassem de alguma forma sobre a temática abordada. Expusemos, ainda, que, para a escrita dos diários, eles não deveriam se preocupar com os conceitos de certo e errado ao produzirem seus textos, garantindo-lhes assim um destinatário não censor, na tentativa de lhes facilitar a expressividade. Em seguida, demos as orientações sugeridas por Machado (1997) e adaptadas ao contexto da pesquisa, conforme o quadro abaixo:

#### Quadro 5 - Orientações para registro no diário de leitura

1. Registre na folha de diário as reflexões sobre o texto lido antes, durante e após o momento de leitura.
2. Relacione as informações armazenadas na memória com as informações provenientes do texto.
3. Sugira temas que tenham despertado sua atenção no livro “Malala, a menina que queria ir para escola” para discussão na roda de conversa.
4. Fale sobre os seus sentimentos em relação às leituras do livro.
5. Escreva suas reflexões como se fossem para si mesmo(a).
6. Crie um banco de novas palavras.

Contendo dez capítulos, dividimos a leitura do livro em dois capítulos por encontro, correspondendo a duas (02) aulas seguidas, prevendo cinco (05) encontros, porém, as dificuldades surgidas no percurso, levaram-nos a estender o prazo, perfazendo um total de onze (11) encontros. Tais dificuldades foram causadas por atrasos na chegada à biblioteca, ausências, entre outros. Apresentamos, no quadro a seguir, um resumo dos capítulos lidos pelos alunos participantes, por entendemos sua importância, uma vez que se trata de um documentário infantil que aborda temas complexos, como violência e morte. Em alguns momentos, apresentamos, em anexo, ilustrações de alguns capítulos de modo que se possa conhecer um pouco da referida obra.

#### Quadro 6 - Resumo dos capítulos do livro

##### PREFÁCIO

A escritora e jornalista Adriana Carranca apresenta seu livro ao público infantil afirmando ter atravessado o Atlântico, o deserto da África e o mar Arábico para uma missão muito perigosa: contar o que aconteceu de Verdade à menina Malala Yousafzai, que morava no Vale do Swat<sup>4</sup>, no Paquistão. Para investigar e colher essa história, precisou se disfarçar e se esconder.

<sup>4</sup> ANEXO B - O Vale do Swat

### CAPÍTULO 1

O capítulo inicia apresentando a trama da história: “Malala era uma menina que queria ir para escola. Mas, no lugar onde vivia, isso era proibido. Livro, só escondido. No caminho para a escola havia muitos perigos. Riscos inimagináveis, de morte até.” (CARRANCA, 2017, p.9). Em seguida, a autora descreve o Vale do Swat, no Paquistão, cercado de campos verdejantes e montanhas gigantes nevadas, fronteira com o Afeganistão. Relata a formação do país em tribos ancestrais, dentre as quais os *pashtuns*, tribo a qual Malala pertence, povos ferozes que enfrentaram conquistadores como Alexandre e Genghis Khan, “[...], foi deles que as meninas do Swat herdaram sua coragem”, afirma Carranca (2017, p.11).

### CAPÍTULO 2

A jornalista visita o príncipe do Swat<sup>5</sup>, Miangul Adnan Aurangzeb, e conta a história do vale, que foi habitado por príncipes e princesas, reis e rainhas, num passado não muito distante, como nos contos de fadas. Nesse período, a Educação era importante, foi o príncipe Miangul quem abriu as primeiras escolas para meninas no vale. Mas isso foi antes da guerra, antes de as meninas serem proibidas de estudar.

### CAPÍTULO 3

Nesse capítulo, Adriana Carranca descreve sua viagem até Mingora, cidade natal de Malala, cruzando a Grand Trunk Road, antiga rota de comércio entre emirados, reinos e impérios, construída por ordens de um *pashtun* chamado Sher Khan, o rei leão, que dizem ter matado um leão com as próprias mãos na floresta de Bihar. Para fazer essa travessia em segurança, a jornalista vestiu um *shalwar kameez* (conjunto de calça e túnica bem largas e de tecido leve para espantar o calor, roupa típica do vale, para homens e mulheres), e teve o rosto coberto por um longo véu que só deixava seus olhos à mostra. Soldados controlavam a entrada da cidade, mas somente quando chegou à casa de Sana, conduzida pelo seu motorista Ejaz, foi que soube que se hospedaria na casa de um irmão de um talibã, ficando profundamente abalada. Ao entrar na casa, avistou quatro homens reunidos em torno de um fogareiro com pistolas e fuzis no colo, os *lashkars*<sup>6</sup> (palavra de origem persa que significa militante), moradores que haviam formado uma milícia armada para salvaguardar o vilarejo, cujo chefe, o professor Hanif, estava marcado para morrer. Na sequência, a autora descreve a rotina da casa, que não possuía luz elétrica, nem cozinha, e o banheiro era um buraco no chão.

### CAPÍTULO 4

O capítulo 4 narra o nascimento de Malala em 12 de julho de 1997 e descreve a sua relação com o pai Ziauddin Yousafzai, professor da Escola Khushal, onde ela cresceu entre os corredores e carteiras de madeira. Seu pai presidia uma associação de escolas e fundou o Conselho de Paz Global, que lutava para manter a paz na região. Malala o acompanhava em protestos, reuniões e eventos, sempre atenta, ambos mantinham uma relação especial. No Paquistão, as mulheres são criadas para casar na adolescência, raramente são registradas no nascimento e oficialmente não existem, mas Ziauddin deu-lhe seu sobrenome ao nascer. Na entrevista às amigas de Malala, a jornalista relata que ela era “[...] a mais sabida, a mais valente, a mais falante. Desde pequena, discursava como gente grande! Era a mais sorridente e também a mais confiante. [...]”, diz Carranca (2017, p.32). Ela ganhou muitos troféus escolares em gincanas e testes de conhecimento, também escreveu, produziu e interpretou uma sátira de Romeu e Julieta na escola, sendo muito aplaudida. Liderada por Malala, as meninas criaram a Assembleia dos Direitos das Crianças, reuniões para discutir os problemas do vale e encaminhar pedidos e ideias de soluções para o governo, atraindo sua atenção em relação ao trabalho infantil e ao direito de todas as crianças estarem na escola, sendo Malala a oradora. Destacando-se em todas as disciplinas, seu tema preferido era poesia, desde pequena aprendeu o amor pelos livros e, por ser uma voraz leitora, tinha opinião para tudo, queria saber tudo, fazendo-se tão especial e para quem a escola é o lugar onde se aprende a pensar.

<sup>5</sup> ANEXO C - Visita ao príncipe do Swat

<sup>6</sup> ANEXO D - *Lashkars*, a milícia armada de Mingora

## CAPÍTULO 5

Esse capítulo trata da origem do nome Malala de Maiwand, dado por Ziauddin a sua filha, e também descreve os talibãs, os povos da montanha. Malala recebeu o nome dessa heroína, que “foi uma poetisa e guerreira pashtun que dizem ter liderado o exército de seu povo usando o véu como bandeira. Ela morreu, mas sua coragem encheu de ânimo os soldados e eles venceram a batalha de Maiwand contra os britânicos, em 27 de julho de 1880. É chamada de Joana D’Arc afegã”, relata Carranca (2017, p.35). O nome “talibã” significa “estudante” e refere-se aos alunos das madrassas, que foram escolas criadas para ensinar a lutar e usar armas, logo após a invasão do Afeganistão no Natal de 1978 por tropas soviéticas, provocando o êxodo de milhares de famílias para viverem em campos de refugiados no Paquistão. Os pais entregavam seus filhos a essas escolas de guerra para que sobrevivessem à fome e ao relento, porém não sabiam que se tornariam pessoas sem educação e muito violentas. A jornalista entrevistou um dos mais temidos talibãs do Afeganistão, Abdul Salam, o Mulá Foguete (mulá significa mestre em árabe). Dizem que derrubou um helicóptero soviético com um foguete disparado do ombro, tornando-se o comandante militar dos talibãs. Seguiu ordens diretas do Mulá Omar, que após expulsar os soviéticos do país tomou o poder e começou a ditadura do terror, proibindo mulheres de sair de casa sozinhas e as meninas de estudar, sendo imitado por outros talibãs no Paquistão. Quando invadiu o vale do Swat, mudou para sempre a vida de Malala.

## CAPÍTULO 6

Malala faria dez anos quando os talibãs invadiram o Paquistão em 2007, circulando mascarados nas traseiras de picapes com fuzis Kalashnikov em punho, lançando foguetes e deixando um rastro de destruição. Foi nesse momento que o príncipe Miangul Adnan Aurangzeb fugiu com a família, abandonando o Palácio Branco. Em seguida, tudo o que fosse considerado *haram* (pecado) foi destruído pelos talibãs: computadores, câmeras fotográficas, aparelhos de TV, vídeo, DVD e som, tomados das casas e queimados numa fogueira em praça pública. Também ficou proibido cantar e dançar, como também cortar a barba, razão pela qual barbearias foram fechadas e bailarinas assassinadas e expostas na Praça Verde como advertência à desobediência. No Paquistão, o chefe dos talibãs era Fazlullah, apelidado de Mulá Rádio. Quando criança abandonou a madrassa e tornou-se operador de teleférico numa estação de esqui entre o Paquistão e o Afeganistão, destruindo-a num incêndio e tornando-se o “Chefe do Swat”, onde galopava pelas aldeias e colinas do vale montado em um cavalo branco. Seus homens explodiram a usina de energia do vale, que mergulhou na escuridão. Radinhos de pilha eram a única diversão do lugar, mas só podiam ouvir a voz de Falullah aterrorizando a população com seus discursos, inclusive proibindo as meninas de irem à escola. No instante em que recebeu a notícia, Malala murmurou: “Eu quero ter educação e me tornar méd...”, (CARRANCA 2017, p.44), porém não conseguiu concluir a frase e levando as mãozinhas ao rosto, chorou.

## CAPÍTULO 7

Em setembro de 2008, o pai de Malala, decidido a não fechar a Escola Khushal, iniciou uma campanha com a filha discursando em Peshawar, capital das terras pashtuns. Ela iniciou sua fala com a seguinte pergunta: “Como o Talibã se atreve a tirar o meu direito à educação? [...] Minha força não está na espada. Está na caneta [...]” (CARRANCA, 2017, p.45). Foi sua primeira aparição pública, aos onze anos. Nesse momento começou a escrever um blog<sup>7</sup> sob o pseudônimo de Gul Makai, heróina do folclore *pashtun*, publicado em urdu no site da rede de rádio e televisão BBC, da Grã-Bretanha. Protegida pelo anonimato, o mundo fica sabendo da tragédia no Swat e do drama das meninas sem escola. Diante disso, o governo do Paquistão prometeu proteger as escolas e o exército enviou soldados ao vale para lutar contra os talibãs, mas os conflitos continuaram e a Escola Khushal fechou por uns tempos após ameaças de explosão. Um novo acordo de paz foi recusado pelos comandantes do Talibã, dando início à segunda batalha do Swat, que provocou o êxodo de mais de 2 milhões de moradores do Paquistão, inclusive da família Yousafzai, que deslocou-se para casa de parentes, enquanto Ziauddin continuava sua campanha em busca de ajuda pelo fim da guerra no Vale.

<sup>7</sup> ANEXO E - Malala escreve um blog sob o pseudônimo de Gul Makai

## CAPÍTULO 8

Finalmente, o Exército do Paquistão conseguiu expulsar os talibãs do vale, que voltaram para seus esconderijos nas montanhas. A família de Malala regressa para Mingora encontrando a cidade vazia, o mercado fechado, as casas abandonadas e muitas delas destruídas. As escolas foram usadas como quartéis e ficaram bastante danificadas, mais de quatrocentas foram destruídas na guerra deixando 600 mil crianças sem aula. Aos poucos a vida recomeça, reabrem as lojas de músicas e as barbearias, eletrônicos que haviam sido escondidos embaixo da terra para não serem destruídos são desenterrados. Assim crendo nessa paz, o pai de Malala revelou ao mundo que ela era a menina blogueira, tornando-a famosa ao aparecer no filme-documentário do New York Times. Os dois passaram a dar entrevistas em que defendiam o direito das meninas à educação. Além disso, ela ganhou muitos prêmios e benefícios para escolas da região. Porém, de longe, escondidos no Vale da Morte, os talibãs a observavam e prometeram matá-la.

## CAPÍTULO 9

Em 09 de outubro de 2012, uma terça-feira ensolarada, Malala vestiu seu uniforme azul-marinho com o véu branco e foi para escola. Era semana de provas finais e todas as meninas saíram mais cedo, inclusive Malala, que queria ir para casa estudar a prova do dia seguinte, mas suas amigas insistiram para que esperasse o segundo ônibus. No caminho para casa, dois homens em uma motocicleta interceptaram o veículo em que elas se encontravam, um deles subiu na traseira do ônibus empunhando uma pistola, por ordem de Fazlullah, e perguntou: “Qual de vocês é Malala?” (CARRANCA, 2017, p.63). Num ato instintivo e involuntário, as meninas viraram os olhos em direção a Malala, que recebe três disparos da arma empunhada pelo talibã. O primeiro tiro atingiu Malala na cabeça, que caiu para frente, a cabeça sobre o banco. O segundo tiro perfurou o ombro de Shazia e foi parar no braço direito de Kainati. O terceiro feriu a mão direita de Shazia. Enquanto eram socorridas às pressas para o hospital, Ziauddin discursava num evento no Clube da Imprensa do Swat, momento em que foi avisado. Com a notícia espalhada, o Comandante das Forças Armadas do Paquistão mandou um helicóptero de resgate transferir Malala para o Hospital Militar de Peshawar. O mundo inteiro acompanhava o drama e intercedia pela vida da jovem paquistanesa.

## CAPÍTULO 10

Antes de concluir sua investigação, a jornalista foi até a Escola Khushal, agora vigiada por dois policiais armados. Orientadas a não falar com estranhos, as alunas lhe enviaram bilhetes escondidos, em um deles havia três endereços: das amigas atingidas no atentado e o da casa de Malala. Ainda muito abaladas, relataram suas versões do ocorrido a Adriana Carranca. Uma delas, Kainat, fez-lhe um pedido no final da entrevista: “Diga às meninas de todo o mundo que se tornem Malalas e lutem por educação até que todas possam ir para escola.” (CARRANCA, 2017, p.75). No último endereço, a casa de Malala, um homem armado vigiava o local com ordens para não deixar ninguém entrar. Ao se apresentar como brasileira e invocar os nomes Ronaldo, Ronaldinho, Neymar e Pelé, obteve passe livre ao seu interior e registrou os ambientes conforme foram deixados nos últimos momentos vividos pela família antes de exilarem-se para sempre na cidade inglesa de Birmingham. Malala ficou internada quatro meses no Queen Elizabeth Hospital e passou por quatro cirurgias. A bala feriu o lado esquerdo do seu rosto, causando-lhe paralisia e surdez. Devagar começou a ler, a escrever, a respirar melhor, a falar e a ouvir. Cinco meses e dez dias depois do tiro, ela estava de volta à sala de aula e voltou a sorrir, pois continuava sendo uma menina que queria ir para escola. Ela entrou para lista das cem pessoas mais influentes do mundo e a mais jovem ganhadora do Nobel da Paz, momento em que discursou à ONU e pronunciou a célebre frase: “Um livro, uma caneta, uma criança e um professor podem mudar o mundo.”

Concomitante à leitura dos capítulos, realizada a cada duas aulas, os alunos faziam os registros nos diários. Alguns deixavam para fazer o registro no final da aula, após a leitura dos capítulos. Embora tenhamos feito a opção por não liberar os diários e os livros em função de

possíveis extravios, danos e não execução das atividades, dada a heterogeneidade da turma, houve casos em que precisamos liberar para que a escrita diarista se estendesse além das duas aulas ou para que o caderno/diário e o livro fossem levados para casa.

É importante registrar que, à medida que os alunos foram lendo e se envolvendo com a história de Malala, eles demonstraram grande curiosidade acerca dos talibãs, de como as crianças talibãs viviam e estudavam. Então, com a leitura do livro concluída, levamos dois vídeos para que assistissem. O primeiro, uma cena do filme *A Caminho de Kandahar* (2001), que mostra o cotidiano de madrassas, escolas que formam os talibãs, surgidas após invasão da União Soviética ao Paquistão, quando os meninos foram raptados das escolas tradicionais para aprenderem unicamente a arte da guerra terrorista. O segundo, o documentário *Malala* (2015), uma retomada da história do livro que traz um olhar sobre os eventos ocorridos à jovem paquistanesa atacada pelo Talibã por defender o direito à educação das mulheres, ressaltando seu discurso na ONU. A discussão sobre ambos os vídeos, no entanto, não faz parte do corpus analisado na pesquisa.

Após esse momento, demos continuidade a segunda fase da segunda etapa metodológica com uma roda de conversa acerca da frase “ Uma criança, um professor, um livro e uma caneta podem mudar o mundo”, dita por Malala Yousafzai aos 17 anos, em discurso à ONU pelo recebimento do Prêmio Nobel da Paz oferecido pela Academia Sueca, em 10 de dezembro de 2014. Para a gravação da roda de conversa, utilizamos dois celulares smartphones distanciados num ângulo de 180° da formação da roda para facilitar a audição e a fidelidade na transcrição dos dados. Para debate, levamos as seguintes perguntas, que foram adaptadas de acordo com o momento de interação com os discentes:

#### Quadro 7 - Pauta para Roda de Conversa

1. Como você compreende essa frase “ Uma criança, um professor, um livro e uma caneta podem mudar o mundo”? O que pode uma criança? O que pode um professor? O que pode um livro? O que pode uma caneta?
2. O que o projeto de leitura representou para você? O que aprendeu com ele?
3. Você sentiu dificuldades para escrever o diário após as leituras? Quais?
4. Malala morava num lugar onde estudar era proibido e isso não foi motivo para ela desistir dos seus sonhos. Comparando a nossa realidade, o que nos falta para valorizarmos mais a Leitura e a Escola?
5. O pai de Malala não aceitou a tradição de que as mulheres não podem ter direito à Educação e levantou sua voz para a nação ouvir. Há algum obstáculo ou dificuldade diante do qual estamos calados e precisamos lutar?
6. O que você faria se a Educação no Brasil fosse proibida?
8. O vídeo sobre o Talibã e o documentário *Malala* ajudaram a compreender melhor o livro? De que maneira?
9. Como foi para você a experiência de frequentar uma biblioteca e ler no seu ambiente?

Como alguns participantes não se expressaram oralmente, ao final, solicitamos a todos um registro escrito da interpretação que deram à frase e alguma anotação a mais que quisessem historiar acerca da roda de conversa.

### **3.3.3 Terceira Etapa - Sondagem Final (02 aulas)**

Na sondagem final, apresentamos aos alunos quatro (04) questões que abordavam, de modo geral, todos os temas discutidos ao longo do plano de intervenção pedagógica, conforme se pode observar no Quadro 8, a seguir:

#### Quadro 8 - Sondagem Final

1. Em que o livro Malala, a menina que queria ir para escola contribuiu para sua aprendizagem? Que contribuições trouxe em prática de leitura, ou seja, em sua maneira de ler?
2. Malala defendeu o seu sonho de estudar e não desistiu diante das dificuldades. Você enfrenta alguma dificuldade para ter acesso à escola e à leitura? Se sim, qual(quais)?

As respostas dadas a essas questões constituíram corpus de análise acerca de quais modos de subjetivação dos alunos se fizeram presentes após as reflexões realizadas nos diários de leitura e na roda de conversa, conforme apresentamos no capítulo seguinte.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, descrevemos e analisamos as três etapas do plano de ação desenvolvido ao longo da pesquisa. São elas: sondagem inicial, plano de intervenção pedagógica e sondagem final. No final do capítulo, trazemos a discussão dos resultados alcançados com o plano de ação proposto.

### 4.1 Primeira Etapa - Sondagem Inicial (02 aulas)

Para a sondagem inicial, foi entregue aos alunos um envelope personalizado contendo as sete (07) perguntas a seguir, acerca dos temas Leitura e Escola, conforme indicado no Quadro 4, no capítulo metodológico (ver p. 46), aqui retomado:

1. Qual é a importância da leitura em sua vida? Você gosta de ler?
2. Você pratica a leitura com qual objetivo?
3. Qual a frequência com que você lê?
4. Que tipo de leitura você gostaria que seu/sua professor(a) realizasse na sala de aula?
5. Você enfrenta ou já enfrentou alguma dificuldade com relação à leitura dos textos realizados em sala aula?
6. Você costuma ir à biblioteca de sua escola ou de sua cidade por livre iniciativa?
7. A Escola pode ser o caminho para a realização de seus sonhos? Seus professores, sua família, seus amigos têm contribuído para que você compreenda a importância de ter acesso à Educação?

Concluída a aplicação da Sondagem Inicial, passamos a analisar as respostas dadas pelos discentes com o intuito de traçarmos o perfil leitor dos sujeitos participantes da pesquisa. Para tanto, estabelecemos como categoria de análise os posicionamentos dos alunos acerca dos temas em questão: leitura e escola. A seguir, exibimos a análise dos dados relativos a cada questão apresentada aos alunos na sondagem inicial.

#### 4.1.1 Qual é a importância da leitura em sua vida? Você gosta de ler?

Acerca dessa pergunta, agrupamos as respostas dadas em quatro blocos: a leitura como atividade catártica; a leitura como prática desprazerosa e arbitrária; a leitura como atividade de decodificação e a leitura como prática reflexiva.

#### 4.1.1.1 A leitura como atividade catártica

As respostas dadas pelos alunos acerca da leitura como aprendizagem significativa e catártica, transcritas no quadro a seguir, ilustram o poder (re)criador presente na leitura:

#### Quadro 9 - A leitura como atividade catártica

P1: [...]É lendo que nós vamos aprendendo.

P2: [...]quando eu estou com problema eu leio um pouco e o problema sai dá minha cabeça e o livro é importante pra mim nisso.

P3: [...]quem ta mais preparado e mais capaz.

P4: [...] eu gosto de ler, porque eu entro na história, fico, imaginando, pra mim é isto você têm que entra no livro, foco na história imaginar senas [...]e por ai ter mais conhecimento de história que você nem sabia que existia, por isso, é muito importante a leitura.

P5: [...]A importância da leitura é muita coisa, pra mim ler e abrir grandes lugares de grandes histórias, a importância da leitura e tudo.[..]

P6: Eu gosto de ler, pra mim é entra em varias aventuras no mundo de fantasia[...].

P7: [...]na verdade eu gosto de ler me faz esquecer as tristezas eos problemas da minha vida [...] gosto muito de ler e como se fosse minha vida eu lendo em qualquer livro tem historias que parecem com agente que toca no coração e meche com a cabeça da gente como se fosse um exercicio e foi isso que eu entendi.

P8: Sim eu gosto de ler, ainda mais livros de aventuras e ficção científica também livros com ilustrações que são mais fáceis de Aprender e entender. Eu de em quando eu fico lendo livros no celular de Harry Potter, As Aventuras de tintim, O Hobbit e Senhor dos Anéis[...]. A leitura é muito boa que eu aprendo bastante coisa da vida e sobre outras coisas muitos legais.

P9: Sim, adoro! Ler é importante na minha vida porque é uma das coisas que mais gosto de fazer. Quando eu estou triste, desanimado, ou mesmo sem vontade de fazer nada, eu costumo ler para passar o tempo. Eu amo ler livros de aventura, principalmente se forem as minhas aventuras. Eu crio várias histórias, a minha preferida é Os heróis Lendários, que fiz junto com meu amigo Sérgio. Passo horas lendo e relendo elas.

P10: Amo ler, Assim pra ser bem sincera eu gosto de ler e ela tem uma importância enorme na minha vida ler nos livra de muitos dias ruins, e uma ocupação pra mente, e isso pra mim.

P11: Amo ler, ler é vida, a melhor invenção do homem. A leitura me trais conhecimento, me deixa curiosa e cada vez que leio me da mais vontade de ler. É tipo fome de leitura kkk. Acho que sem leitura em minha vida eu não saberia de tanta coisa e minha mente seria fechada para todos os assuntos.

P12: Eu gosto, Porque me acalma, me distrai, me faz esquecer os problemas da vida.[...].

P13: Sim. A leitura de certa forma me desestressa eu gosto de ler nas horas vagas. [...]As vezes encontramos respostas para os nossos problemas e conselhos para o futuro [...]Eu acho que a leitura tem uma importância muito grande, tanto para aprendizado quanto para a vida particular. As vezes encontramos respostas para os nossos problemas e conselhos para o futuro.

P14: Sim. Ler é de grande importância pois me leva a lugares extraordinários[...]

P15: Sim, eu gosto de ler eu acredito que a leitura, os livros são portas abertas para novos conhecimentos, uma viagem para outros mundos sem sair do lugar, onde conhecemos novas coisas, novas palavras, novas culturas e personagens que inspiram e que nos dão motivação para lutarmos e serem iguais a eles.

Para os discentes P2, P10, P12 e P13, a leitura adquire valor com fins terapêuticos, ela é capaz de fazer sanar as doenças da alma, de fazer o sujeito esquecer de seus problemas, livra-o do dia mau, além de contribuir para aprendizagem na escola e para a vida além dela. Por sua vez, os alunos P1, P3 e P15 consideram a leitura como processo dinâmico, não estático, gerador de competências que capacitam o ser humano a enfrentar os desafios da vida, um processo pleno de novas aquisições, que abre portas para outros mundos, um instrumento de motivação para superação dos problemas através de personagens inspiradores.

Já os discentes P5, P6, e P14, ao efetuarem a leitura, viajam descobrindo novos universos, entram no mundo da fantasia, expandem seus próprios limites, vão a lugares extraordinários. Enquanto isso, os alunos P8 e P9 leem e produzem suas próprias aventuras, são fascinados por ficção científica, além de utilizarem vias tecnológicas para acesso e produção das próprias práticas de produção e leitura.

P11, por seu turno, entende que a leitura é a melhor invenção humana sem a qual seria uma pessoa limitada. Afirma ter uma fome insaciável por conhecimento, revelando-se metamotivada, conforme descreve Maslow (1978):

[...] quando examinamos pessoas que são predominantemente motivadas para o crescimento, a concepção motivacional de “retorno ao repouso” torna-se completamente inútil. Em tais pessoas, a satisfação gera uma crescente, não decrescente, motivação, uma excitação intensificada, não atenuada. Os apetites são intensificados. Avolumam-se e, em vez de querer cada vez menos, a pessoa quer cada vez mais, por exemplo, educação. Em vez de chegar a um estado de repouso, a pessoa torna-se mais ativa. O apetite de crescimento é estimulado pela satisfação, não aliviado. O crescimento é, em si mesmo, um processo compensador e excitante [...]. (MASLOW, 1978, p.46, 49-50)

Percebemos, assim, que P11 caracteriza-se como um sujeito cuja motivação não está centrada na satisfação da deficiência, pelo contrário, ela busca ler cada vez mais: “[...] É tipo fome de leitura kkk”.

Passemos à análise da pergunta 2.

#### 4.1.1.2 A leitura como prática arbitrária e desprazerosa

Apenas dois participantes revelaram certo desprazer pela leitura e consideraram-na arbitrária, ao mesmo tempo em que reconhecem como necessária à sobrevivência na sociedade, conforme demonstra o quadro a seguir.

Quadro 10 - A leitura como prática arbitrária e desprazerosa

P2: Eu gosto mais ou menos de ler porque tem uns livros que eu acho chato ai eu nem ligo em ler eu sinto vontade mais eu não leio por que eu penso que e chato[...].

P3: Eu odeio ler mais e nesario né pra tudo mais quando e preciso. Quem foi que invento as palavra 'leitura'... deveria ter o gravador nas, antiguidade. Mas fazer o que né se Deus quis assim, somos todos necessário a aprende a ler pois a sociedade nos obriga quem ta mais preparado e nais capaz.

O discente P2 revela algo muito natural aos leitores: gosta de ler apenas o lhe interessa, nas palavras dele *“porque tem uns livros que eu acho chato ai eu nem ligo em ler”*. Talvez experiências frustrantes possam ter contribuído para isso, o que oportuniza à escola, à família uma ação interventiva que promova a correta motivação, para que assim descubra o prazer na leitura. De acordo com Antunes (2009), *“o gosto pela leitura é aprendido por um estado de sedução, de fascínio, de encantamento, um estado que precisa ser estimulado, exercitado e vivido.”* (ANTUNES, 2009, p.201).

Já para P3, a leitura é uma prática desprazerosa e arbitrária (*“Eu odeio ler ...”*). Ele chega a falar sobre a leitura com ironia, questionando, inclusive, quem inventou a leitura e sugerindo que um gravador seria mais adequado: *“Quem foi que invento as palavra ‘leitura’... deveria ter o gravador nas, antiguidade”*. Esse discente associa a leitura apenas ao texto escrito e repudia esse tipo de leitura, mas demonstra certa afinidade com a leitura do texto oral, gravado, talvez seja um leitor de filmes, jornais televisivos, novelas etc. Observemos, no entanto, que ele termina se submetendo ao que afirma ser a vontade divina – ter criado a leitura – e reconhece a leitura como instrumento de poder na sociedade: *“Mas fazer o que né se Deus quis assim, somos todos necessário a aprende a ler pois a sociedade nos obriga quem ta mais preparado e nais capaz”*. O discurso de P3 nos remete ainda ao que diz Antunes (2009): o acesso à leitura é, sobretudo, o exercício de acesso ao poder.

A respeito da necessidade da motivação para a leitura, especificamente, tão necessária a esses discentes, podemos citar o que dizem Tapia e Fita (2015, p.8), *“saber motivar para*

aprendizagem escolar pressupõe saber como os alunos aprendem”, uma vez que a motivação interage com as características pessoais dos indivíduos e os contextos escolares onde se desenvolvem as ações educativas, que devem responder à seguinte pergunta motivacional: Como conseguir dos alunos um comprometimento pessoal com sua aprendizagem e uma profunda implicação nas tarefas escolares?

São muitas as variáveis que interferem no processo de desinteresse e desmotivação que o professor enfrenta cotidianamente, desde a precariedade das condições de trabalho na maioria das escolas públicas, como os graves conflitos familiares e, principalmente, a ausência de perspectivas de um futuro, fazendo-se necessária a criação de ambientes que afetem a motivação e a aprendizagem, pois a maneira como o professor apresenta a atividade escolar é decisiva para a aceitação como algo positivo e desejável, conforme o princípio da autonomia proposto por Tapia e Fita (2015, p. 45):

Para que uma pessoa assuma de bom grado a tarefa de mudar suas normas de comportamento, a primeira condição é que, embora a mudança possa vir sugerida de fora, ela a assuma como algo que deseja e escolhe de forma autônoma e voluntária. Isso também é válido no caso dos alunos porque, se essa condição não ocorre, podem rejeitar a atividade escolar e não progredir em sua aprendizagem. A aceitação da atividade escolar como algo positivo e desejável se vê facilitada ou dificultada dependendo da forma como os professores a apresentam.

Portanto, uma vez que a percepção de fazer coisas que não têm sentido desencadeia processos negativos do ponto de vista emocional, proporcionar práticas de leitura a P2 e P3 que contemplem seus interesses mediante artefatos capazes de tornarem-se instrumentos de aprendizagem significativa, certamente constituir-se-á uma atividade prazerosa.

#### 4.1.1.3 A leitura como atividade de decodificação

Vestígios dos tradicionais métodos de ensino da leitura como ato mecânico de ler, sem interação entre autor-texto-leitor, estão presentes nos relatos dos participantes, conforme quadro.

#### Quadro 11 - A leitura como atividade de decodificação

P1: A leitura também é muito importante, pois a mesma serve para indicar algo importante, documentos e placas [...]

P4: A leitura sempre foi e é muito importante nas nossas vida desde pequeno aprendemos quando somos pequenos nos começamos a fala mas todos nos quando e pequeno falamos errado e ao longo de tempo iremos

aprendendo a ler e aprendendo a ler que aprendemos ler quando somos pequenos e so falamos corretamente por causa da leitura por isso é muito importante na nossa vida.

Os participantes P1 e P4 refletem, em suas respostas, uma concepção de leitura estruturalista, em que ler serve unicamente para decodificar símbolos linguísticos, o que, segundo Kleiman (2012), em nada acrescenta à visão de mundo do aluno, pois se trata simplesmente de uma atividade de mapeamento da informação presente no texto. A esse respeito, Garcez (2012) afirma que é necessário ao leitor desenvolver, consolidar e automatizar habilidades sofisticadas e simultâneas ao cérebro, que envolvem:

[...] decodificação de signos, interpretação de itens lexicais e gramaticais; agrupamento de palavras em blocos conceituais; identificação de palavras de palavras-chave; seleção e hierarquização de ideias; associação com informações anteriores; antecipação de informações; elaboração de hipóteses; construção de inferências; compreensão de pressupostos; controle de velocidade; focalização da atenção; avaliação do processo realizado; e reorientação dos próprios procedimentos mentais. (GARCEZ, 2012, p.68)

Tais práticas de leitura precisam se fazer presentes no cotidiano escolar de modo que alunos como P1 e P4 possam outros padrões de leitura, que lhes permita atribuir sentidos aos textos por meio da interação dos sujeitos leitor e autor, mediadas pelo texto, bem como considerando os aspectos sócio, histórico, culturais e ideológicos que envolvem a produção do texto.

#### 4.1.1.4 A leitura como prática reflexiva

A concepção de leitura prevista para o texto na sala de aula ainda revela a tendência de enquadramento do discurso do outro na tentativa de normatizar a subjetividade do texto e do leitor, afirma Sousa (2002, p.41), limitando a função do leitor a de um caçador de intenções do autor. A tentativa do professor de regular o discurso do aluno para fins de avaliação e correção, sob a ilusão de que detém a chave do mistério do texto, é um malefício enorme à atividade de leitura, pois objetiva apenas a ênfase nas propriedades estruturais, produzindo o

efeito de sentido literal, como se fosse possível normatizar a subjetividade e fosse a linguagem passível de ser contida.

Falar do texto permite ao leitor construir um lugar não limitado à decodificação, construir outros sentidos; descobrir o que o texto quer dizer, limita-o a um caçador de intenções do autor. Nos trechos a seguir, P6, P7, P13 e P14 demonstram conceber a leitura como uma prática reflexiva, portanto, que vai muito além da decodificação. Vejamos:

#### Quadro 12 - A leitura como prática reflexiva

P6: [...]gosta de ler e tentar achar maneira de querer entender o que realmente a leitura quer e mostra.[...]

P7: Eu acho que ler faz que a pessoa se reflita mais com a leitura e sim eu gosto de ler. Quando estou sozinho fico mais focado na leitura para explorar o que tem escrito e muito importante ler, saber o que aconteceu no passado nos deixa mais pensativo na vida a leitura não é só uma leitura comum e um estudo muito legal para se interessar e focar naquilo que surpreendeu agente [...]acho que sem a leitura eu não tinha como expressar meus sentimentos, e muito importante pra mim.

P13: [...] As vezes encontramos respostas para os nossos problemas e conselhos para o futuro.

P14: [...]ensina coisas que eu posso levar pra minha vida toda.

Na busca dos alunos P6, P7, P13 e P14 pelo desejo de saber e de entender, de construir um sistema de valores – uma das necessidades humanas básica –, conforme afirma Sampaio (2009), temos a leitura compreensiva ideal, onde os sujeitos podem expressar seus sentimentos e reflexões. Cabe ao professor intervir, mediante práticas pedagógicas, de modo a continuar mostrando-lhes o caminho para que se constituam sujeitos autônomo, que têm a dizer e extrapolem a canonicidade autorizada pelo modelo escolar.

Passemos, agora, às repostas dadas pelos alunos à pergunta 2, sobre o objetivo com que eles praticam a leitura.

#### 4.1.2 Você pratica a leitura com qual objetivo?

Questionados acerca dos objetivos com que realizam suas práticas leitoras, obtivemos quatro respostas que, de modo geral, representam seus objetivos de leitura. No quadro a seguir, trazemos o dizer de um dos alunos que representa os dizeres dos demais.

### Quadro 13 - Você pratica a leitura com qual objetivo?

Pelo prazer de ler: P1, P8, P9, P11, P13  
 Para aumentar meu vocabulário e escrever melhor: P2, P4, P5, P6, P7, P10, P12, P15  
 P.3 só Por necessidade MSM  
 P.14 para me transportar para um lugar melhor

Como podemos observar, cinco (05) discentes – P1, P8, P9, P11 e P13 – afirmaram ler por prazer. É importante destacar que, na prática de sala de aula, esses alunos, de fato, revelam grande potencial leitor, demonstrando interesse pela leitura, por exemplo, ao pegarem emprestados com a professora-pesquisadora vários exemplares de livros aos quais ela faz referência ao tratar de algum conteúdo.

Para os alunos P2, P4, P5, P6, P7, P10, P12 e P15, prevalece a concepção de leitura como decodificação. Seus interesses giram em torno, basicamente, da ampliação do vocabulário e da melhoria da escrita.

Já para P3, a leitura só é realizada quando se trata de uma necessidade. A esse respeito, conforme descreve Boruchovitch (2005), ao falar sobre motivação escolar, esta pode ocorrer de formas intrínseca e extrínseca, nas quais o aluno, intrinsecamente motivado, realiza a tarefa pelo prazer, pelo interesse e pela satisfação da atividade em si, já o aluno extrinsecamente motivado, realiza-a pelo receio de punições, pelo anseio de reconhecimento ou compensações ou por necessidade que lhe desagrada. Este último tipo – motivação extrínseca – caracteriza o comportamento de P3.

A participante P14, por sua vez, tem como objetivo ler para transportar-se para um lugar melhor. Seu dizer revela a vontade de escape à realidade, muito característica em pessoas inseridas em situações conflituosas e/ou em comunidades inseridas em graves contrastes sociais.

No tópico a seguir, apresentamos as repostas dos discentes sobre a frequência com que leem.

#### 4.1.3. Qual a frequência com que você lê?

Sobre a frequência com que leem, apenas seis (06) participantes afirmaram ler todos os dias, quatro (04) deles leem de uma a três vezes por semana, e cinco (05) participantes declararam não ter o hábito de ler, conforme observamos no Quadro 14:

Quadro 14 - Qual a frequência com que você lê?

Todos os dias:	P1, P3, P7, P9, P11, P13
De uma a três vezes durante a semana:	P2, P5, P8, P14
Não tenho o hábito de ler:	P4, P6, P10, P12, P15

É interessante observar que, com exceção de P4, que declarou odiar ler, os dados informados pelos participantes P6, P10, P12, P15 sobre não terem o hábito de ler foram conflitantes em relação à pergunta inicial da pesquisa: Você gosta de ler? Qual a importância da leitura em sua vida? revelando que talvez não possuam práticas leitoras consistentes. Vejamos o quadro comparativo:

Quadro 15 - Quadro comparativo sobre gosto pela leitura e frequência de leitura

<p>P6: [...]A importância da leitura é muita coisa, pra mim ler e abrir grandes lugares de grandes histórias, a importância da leitura e tudo.[...] Eu gosto de ler, pra mim é entra em varias aventuras no mundo de fantasia[...]</p> <p>P10: Amo ler, Assim pra ser bem sincera eu gosto de ler e ela tem uma importância enorme na minha vida ler nos livra de muitos dias ruins, e uma ocupação pra mente, e isso pra mim.</p> <p>P12: Eu gosto, Porque me acalma, me distrai, me faz esquecer os problemas da vida.[...].</p> <p>P15: Sim, eu gosto de ler eu acredito que a leitura, os livros são portas abertas para novos conhecimentos, uma viagem para outros mundos sem sair do lugar, onde conhecemos novas coisas, novas palavras, novas culturas e personagens que inspiram e que nos dão motivação para lutar-mos e serem iguais a eles.</p>	<p>Não têm o hábito de ler:</p> <p>Alunos: P4, P6, P10, P12, P15</p>
--	--

Esse quadro demonstra a necessidade de os professores desenvolverem práticas de leitura motivadoras, ações interventivas que contribuam para a formação de hábitos leitores permanentes.

Passemos, agora, à análise das respostas dadas à questão 4.

#### 4.1.4. Que tipo de leitura você gostaria que seu/sua professor(a) realizasse na sala de aula?

Acerca dos tipos de leitura de que gostaríamos que fossem realizadas na sala de aula, obtivemos as seguintes respostas:

Quadro 16 - Que tipo de leitura você gostaria que seu/sua professor(a) realizasse na sala de aula?

P1: Leitura coletiva  
 P2: Dramática  
 P3: a menina que roubava livros  
 P4: normal  
 P5: Que tivéssemos mais aula de leitura de história, contos para mais conhecimentos.  
 P6: Nenhuma.  
 P7: uma leitura que fala sobre o presente sobre esse ano.  
 P8: sobre aventuras ou histórias de pessoas como Malala  
 P9: De livros com tema que eu goste, como por exemplo, ação, aventura...Ou o livro que eu e Sérgio escrevemos. Ele é muito legal.  
 P10: Nenhuma  
 P11: Eu acho que seria bem interessante que passasse para cada aluno o tipo de leitura que ele gosta. Assim o incentivo seria enorme e talvez possa conseguir que o aluno tenha o hábito de ler todos os dias.  
 P12: As que a professora já faz está ótima.  
 P13: As que a professora faz são suficientes.  
 P14: Uma que conte uma história de meninas que ficaram grávidas novinhas e passaram por grandes coisas.  
 P15: leituras que chamam atenção tipo (romance) e tal e meio que por época.

O dizer dos alunos aponta para uma variedade de gêneros textuais, temas e até métodos de trabalho com a leitura que são de seus interesses. Temos, assim, interesse pelo drama, por contos, aventuras, ação, romance etc. É curioso observar que P1 sugere como trabalhar a leitura em sala de aula: por meio de leitura coletiva.

Grosso modo, podemos dizer que, para atender as sugestões dadas por P1 e P2, o professor pode trabalhar com os gêneros peças teatrais ou jograis. Já os participantes P5, P7, P15, que demonstram interesse em relação a questões históricas, caberia, entre outras, ações de leituras biográficas, e, em ambos os casos, caberiam ações pedagógicas multidisciplinares que envolvam professores em suas respectivas áreas de conhecimento, como, por exemplo, em parceria com o professor de História estudarem a biografia de Martin Luther King Jr, e, orientados pelo professor de Artes, apresentarem uma peça, por exemplo, sobre a luta pelo fim do racismo, e assim sucessivamente, podendo integrar ações nas mais diversas áreas de ensino e aprendizagem.

Chamou-nos a atenção as respostas dos discentes P6 e P10, especificamente, que

revelam ausência de interesse pela leitura, sendo necessário, portanto, a realização de uma ação interventiva para identificação das causas, uma vez que qualidade do envolvimento do aluno com o processo de ensino e aprendizagem em leitura é um desafio a ser confrontado, pois um aluno motivado envolve-se no processo e aceita novos desafios. Os postulados da Teoria da Atribuição da Causalidade (TAC) consideram que:

[...] o ser humano empreende todos os esforços necessários para compreender os acontecimentos que vivencia e para tal faz uma diferenciação entre as causas que podem ser devidas à pessoa (causas disposicionais), como por exemplo, os factores de personalidade, a motivação para concretizar uma tarefa, o esforço gasto numa actividade, e aquelas que podem ser atribuídas à situação, designadamente o impacto das normas e das expectativas sociais[...]. (PAIVA; LOURENÇO, 2010, p.134)

Baseando-se nesse entendimento de elaboração de modelos causais, essa teoria torna-se de grande utilidade para sondar quais as causas atribuídas pelos alunos para o êxito e para o fracasso, como também seus efeitos na motivação para aprendizagem.

No que diz respeito ao discente P8, este considera histórias como a de Malala que nos traz um personagem real como centro da narrativa, bastante interessante, talvez porque personagens reais, jovens e vivos, assim como Malala, promovem a certeza de que também é possível viver e superar as intempéries da vida.

A aluna P11, por sua vez, propõe práticas leitoras que considerem a individualidade da escolha a ser realizada pelo aluno. Para essa aluna, há maior possibilidade de motivação e êxito para formação de hábitos leitores, confirmando o fato de que oferecer o máximo de possibilidades ao aluno são ações decisivas para a construção e manutenção de práticas leitoras.

Já a discente P14 propõe tema pertinente ao despertar da sexualidade, próprio da adolescência, em relação à gravidez precoce decorrente da desinformação, as quais trazem graves consequências à sociedade como um todo. Um único tema como esse, num projeto multidisciplinar, pode promover a mudança necessária, mediante a elaboração de um projeto consensual que sirva como eixo da vida na escola, conforme sugerido por Tapia e Fita (2015), no Quadro 2.

No tópico seguinte, apresentamos as dificuldades reveladas pelos alunos quanto à leitura dos textos trabalhados em sala de aula.

#### 4.1.5. Você enfrenta ou já enfrentou alguma dificuldade com relação à leitura dos textos realizados em sala aula?

A necessidade de conhecer as dificuldades de leitura relatadas pelos próprios alunos é uma ação pedagógica indispensável para planejamento de uma intervenção pedagógica exitosa. Acerca dessa questão, obtivemos as seguintes respostas:

Quadro 17 - Você enfrenta ou já enfrentou alguma dificuldade com relação à leitura dos textos realizados em sala aula?

P1: Às vezes, quando o texto contem palavras difíceis ou então eu fico nervosa e começo a gaguejar.  
 P2: Não  
 P3: só as palavras defissio  
 P4: não  
 P5: Sim. Eu tentava entender quando estava lendo mais não conseguia, mais agora sim melhorei muito.  
 P6: Não! porque eu me dou com todos os tipos de leitura, só não gosto de ler trava-línguas.  
 P7: Ainda não tenho dificuldade  
 P8: Sim, com redações e com barulho na sala.  
 P9: Não, eu sempre consegui ler perfeitamente.  
 P10: Eu não tenho dificuldade para ler, nada  
 P11: Geralmente não. Mas tem alguns textos que tenho que esta com dicionario do lado por não conhecer o vocabulário de tal texto. Mas para isso é bem tranquilo.  
 P12: Não  
 P13: não, nunca tive dificuldade alguma.  
 P14: sim já passei, as vezes não entendia algumas palavras.  
 P15: Sim, Textos com vocabulário diferentes faz com que eu não consiga “compreender”.

Conforme observarmos, os discentes P2, P4, P6, P7, P9, P10, P11, P12 e P13 revelam não possuir dificuldades em relação à leitura dos textos trabalhados em sala de aula, salvo algumas atividades como a de trava-língua. Já o P5 declara que já enfrentou dificuldades, mas revela já ter superado em grande escala suas dificuldades de compreensão leitora.

O aluno P8, por seu turno, revela enfrentar dificuldades de concentração em ambientes com barulho, como também dificuldades para produzir textos<sup>8</sup>. Nesse caso, é importante que o professor tenha conhecimento de que, em ambientes que envolvem participantes desmotivados e/ou ações pedagógicas desmotivadoras ou não planejadas, o barulho é um sinalizador de ambos, o que requer novas intervenções por parte do docente, que, ciente da situação, pode executar ações que interfiram nessa realidade a fim de modificá-la, de modo a motivar o aluno para uma aprendizagem que resulte em um bom desempenho leitor.

No que diz respeito aos discentes P1, P3, P14 e P15, estes consideram o vocabulário

<sup>8</sup> Tal questão, concernente a dificuldades em prática de escrita, não constitui objeto de nosso interesse, nesse momento, dado o foco da pesquisa restringir-se a práticas leitoras.

como obstáculo à compreensão leitora. Ciente de tal situação, o professor pode oportunizar a ampliação do conhecimento através do manuseio de dicionários, navegação virtual de busca – ativando as competências exigidas numa sociedade tecnológica – e até mesmo a criação de um banco de dados/palavras a ser discutido em sala de aula, por exemplo.

A seguir, atentemos para a relação entre os discentes e a biblioteca, espaço de aquisição dos conhecimentos. Quando se trata da formação de leitores na escola, é preciso que a biblioteca escolar possua um profissional bibliotecário qualificado e um acervo atualizado para oferecer condições de trabalho, tanto para esse profissional quanto para o professor, a fim de que cativem e estimulem os alunos a irem mais vezes à biblioteca, cultivando-lhes, assim, bons hábitos de leitura.

#### **4.1.6 Você costuma ir à biblioteca de sua escola ou de sua cidade por livre iniciativa?**

O acesso à biblioteca é um fator indispensável à motivação e formação de práticas de leitura e aprendizagem. Em um ambiente escolar inserido em áreas de extrema vulnerabilidade social, esse espaço se torna ainda mais importante, pois possibilita a oportunidade de ter acesso a um espaço de leitura que pode contribuir para a formação humana dos alunos, uma vez que os livros, especificamente, são considerados instrumentos por excelência à transformação de crenças e valores, e, como dizia Freire (1999, p. 88) acerca da biblioteca, “não se pode negar à educação sua força instrumental”.

Conheçamos, então, os costumes dos discentes no que diz respeito a frequentar a biblioteca.

#### **Quadro 18 - Você costuma ir à biblioteca de sua escola ou de sua cidade por livre iniciativa?**

P1, P13: Sim  
 P2, P3, P4, P6, P7, P10, P12, P15: Não  
 P5: de vez emquando;  
 P8: Não, porque no bairro não tem biblioteca e A Biblioteca da escola só fica fechada;  
 P9: Não, eu faço tudo pelo celular (Play Livros);  
 P11: Gostaria ir na biblioteca da escola, mas a direção não deixa ela aberta e também a maioria dos livros são infantis. A biblioteca da cidade eu nunca fui;  
 P14: Não sei onde fica e a da escola fico com vergonha de pedir.

Frequentar bibliotecas deve ser uma prática a ser construída, principalmente na escola, para formação leitora dos alunos, num ambiente propício à leitura, porém os dados revelam

que poucos alunos têm o hábito de frequentar esse espaço de aprendizagem. Apenas as discentes P1 e P13 responderam afirmativamente à questão. Já o participante P5 declara frequentar esporadicamente o recinto.

Não possuem, no entanto, essa prática os participantes P2, P3, P4, P6, P7, P10, P12, P15. Outros alunos, como P8, P9, P11 e P14, justificaram o fato de não frequentarem esse espaço devido aos seguintes fatores: não há biblioteca no bairro ou não sabem onde fica; a biblioteca da escola permanece fechada no horário das aulas; vergonha de pedir permissão à gestão para frequentar a biblioteca; a maioria dos livros são infantis; nunca foi à biblioteca da cidade; utiliza aplicativo Play Livros pelo celular.

A esse respeito, podemos citar o que dizem Lázaro & Beauchamp (2008, p.74): “é na escola onde se lê mais, os mais jovens leem mais e é na infância que se forma o leitor”. E, para garantir o acesso ao livro, foram criados o Programa Nacional do Livro Didático (PNDL), que tem se ampliado para atender da Educação Infantil ao Ensino Médio, e o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), que tem distribuído acervos para todas as escolas públicas. No entanto, a escola ainda precisa avançar quanto à gestão desse espaço vital como centro de formação de leitores para que, sendo assim fortalecida, ser local para formação de cidadãos autônomos, críticos e criativos.

Vejamos, a seguir, como os alunos se posicionam acerca da escola e da importância da educação.

#### **4.1.7. A Escola pode ser o caminho para a realização de seus sonhos? Seus professores, sua família, seus amigos têm contribuído para que você compreenda a importância de ter acesso à Educação?**

Uma ação pedagógica por si só não se sustenta se não houver a interação social entre escola, família e comunidade, portanto, conhecer tais realidades permitirá ao professor traçar metas capazes de modificar valores que causem impedimentos à ação pedagógica. Para tanto, formulamos a questão 7, constituída por duas perguntas, que obtiveram as seguintes respostas por parte dos alunos:

Quadro 19 - A Escola pode ser o caminho para a realização de seus sonhos? Seus professores, sua família, seus amigos têm contribuído para que você compreenda a importância de ter acesso à Educação?

P1: Sim. Com certeza a escola pode nos ajudar a realizar nossos sonhos, pois sem o estudo nos não somos nada, e para consegui algo na vida, precisamos estudar e fazer uma boa faculdade.

P2: [...]Sim. por que se agente passa de ano e ir para faculdade.

P3: [...] e essa escola no pode me ajuda pois não há nem investimento e nem interece da maioria dos funcionario.”

P5: Sim!

P6: Acredito sim, [...]

P7: Si, eu acredito a escola e o primeiro passo para nossas vidas e um sonho que devemos seguir para dar orgulho para família e para quem confia na gente sem os estudos as pessoas não sabia o que fazer ia ser uma burrice o nosso mundo sem professores, sem estudos sem o respeito acho que seria o fim para nois[...]

P8: A escola é fundamental para um futuro, ainda mais no Brasil que tem muita corrupção, hoje em dia até para trabalhar no caminhão de lixo tem que estudar imagine ter um emprego de alto nivel como juiz, advogado, medico não desmerecendo os outros empregos mais para ter um futuro estruturado tem que passar pela escola.” (P8)

P9: Sim, claro. Sem estudar eu jamais poderia fazer a diferença pra conseguir alcansar os meus sonhos.[...]

P10: Sim...obvio ate porque pra ir pra um trabalho ou para uma faculdade, precisamos de estudo, a escola e a luz para nois,[...]

P11: Sim. Concerteza. [...]

P12: Sim,[...]

P13: Sim.[...]

P14: sim. Pois é.[...]

P15: A escola é o melhor lugar para criar e realizar os nossos sonhos [...]

Acerca de como a escola pode contribuir para realização de seus sonhos, responderam:

P2: [...]Ensinando o que agente não sabe.

P3: Me passando de serie [...]

P4: Todos nós temos sonhos e pra conquista os nossos objetivos temos que estuda pra ser alguem na vida porque sabemos muito bem como e a vida de quem não estuda e equando nos estudamos sabemos de muitas coisas e graças aos estudos realizamos muitos sonhos e todos nossos sonhos temos que ter estudo pra realizalo

P5: Pelo o ensino dos professores, para que os alunos seguem fazer uma prova do ENEN, ou qualquer outra, e saber fazer ter uma ideia do assunto, e consegue passar e fazer uma faculdade e se graduar naquilo que você sonha.

P6: [...] a escola tem várias maneiras de ter vários caminhos para a realização de sonhos, a escola pode contribuir como insentivar [translineou”inse-ntivar], pessistir naquilo que quer ser, a escola tem várias possibilidade de demostrar para o aluno e ir em busca de seus sonhos, só basta o aluno(a) querer.

P7: [...] mais acho bom a escola contribuir o carinho por nois e ensinar o melhor.

P9: [...] fazendo o possivel para que todos possam aprender, e assim também tentar conseguir os seus sonhos.

P10: [...] fazendo projetos, dando novas coisas tipo aulas, e tal.

P11: [...] Me dando conhecimento, a base de meus sonhos é a escola!

P12: [...] pegando em nosso pé para estudarmos.” (P12)

P13: [...] Nos apoiando em tudo que for preciso e nos mostrando o mundo de uma forma diferente, e principalmente provando que dá para aprender de várias maneiras possíveis.

P14: [...] Me ensinando coisas que não sei.

P15: [...] ela contribue no fato que cada um de nos estamos nos descobrindo, conhecendo e aprendendo coisas novas pessoas novas, a escola as pessoas podem ajudar de maneira inesplícável, como aconteceu comigo, passei por uma perda que foi muito dolorosa para mim e a escola me ajudou de uma forma que é sem comparação, me fez com que eu continuasse com os meus sonhos vivos e com mais sede de realizar cada um deles, mas não pelos outros, mais sim por mim, e hoje em dia eu só tenho a agradecer aos meus educadores, aos alunos, aos meus amigos, por terem me ajudado, e hoje eu posso dizer: ‘A escola é o caminho para realizar os sonhos.

No quadro 19, acima, em resposta à primeira pergunta, podemos observar que todos os alunos responderam que a escola pode, sim, ser o caminho para a realização de seus sonhos, com exceção do aluno P3. Há, assim, um reconhecimento unânime por parte dos participantes sobre a escola deter um papel decisivo a conquistas de um futuro, com exceção de P3, que não acredita na escola onde estuda por perceber falta de investimento e desinteresse por parte da maioria dos funcionários-

Acerca da segunda pergunta (Seus professores, sua família, seus amigos têm contribuído para que você compreenda a importância de ter acesso à Educação?), P1, P2, P4, P5, P11 e P15 revelam suas expectativas sobre a escola ao demonstrarem entender que se trata do lugar de preparação para os exames que permitem o ingresso a um novo patamar de educação e de aprendizagem dos que ainda não sabem, ou seja, a escola é a base do conhecimento, tem o dever de ensinar o novo e o desconhecido. O aluno P4 faz uma inferência sobre o que ocorre com a vida dos que não estudam: não alcançam seus sonhos, não têm conhecimento, não são ninguém na vida.

Para os discentes P6, P9, P10, P12 e P13, a escola deve sempre ensinar, levar o conhecimento. Eles também sugerem um ensino melhor, diferente, inclusive sinalizam a pedagogia de projetos como método de trabalho para o professor. Já o aluno P7 queixa-se da ausência de afetividade por parte da escola, da qual espera uma retribuição ao carinho por ele dispensado.

As respostas dadas pelos alunos na sondagem inicial, nos levaram a entender que, para motivação e desenvolvimento de práticas leitoras eficientes em sala de aula, seria pertinente a leitura do livro “Malala, a menina que queria ir para escola”, de Carranca (2017), mediante produção de um diário de leitura como instrumento motivador para ação reflexiva, de desenvolvimento psicológico e promotor de um aprendizado autônomo. Diante disso, no

tópico a seguir, apresentamos como se deu o plano de ação pedagógica para trabalhar a motivação e a leitura a partir do referido livro, do diário de leitura e da roda de conversa.

#### 4.2 O Plano de Ação Pedagógica

Para colocarmos em prática o plano de ação pedagógica, com a realização da leitura dos capítulos do livro “Malala, a menina que queria ir para escola”, de Carranca (2017), reservamos o espaço da biblioteca, onde os alunos puderam se reunir em mesas redondas e usufruir de um ambiente tranquilo. Encaminhamos esse segundo momento dessa maneira porque, além de alguns alunos terem relatado, na sondagem inicial, que não frequentam a biblioteca (escolar ou do município), teríamos, assim, um momento para conhecer e usufruir desse espaço - entendemos, em comunhão com Tapia e Fita (2015), que a maneira como o professor apresenta a atividade escolar é decisiva para a aceitação do que é proposto como algo positivo e desejável:

Para que uma pessoa assuma de bom grado a tarefa de mudar suas normas de comportamento, a primeira condição é que, embora a mudança possa vir sugerida de fora, ela a assuma como algo que deseja e escolhe de forma autônoma e voluntária. Isso também é válido no caso dos alunos porque, se essa condição não ocorre, podem rejeitar a atividade escolar e não progredir em sua aprendizagem. A aceitação da atividade escolar como algo positivo e desejável se vê facilitada ou dificultada dependendo da forma como os professores a apresentam. (TAPIA; FITA, 2015, p.45).

Na biblioteca, explicamos que o objetivo da atividade seria participar de um projeto de leitura onde poderiam registrar em um diário suas impressões acerca do que texto lido. Em seguida, demos as orientações sugeridas em Machado (1997, p. 2), adaptadas ao contexto da pesquisa, conforme Quadro 5, disposto à p. 48 do capítulo metodológico. Os alunos não precisariam seguir à risca o que orienta Machado (1997), as orientações dadas por essa autora funcionaram apenas como um norte para que eles compreendessem como produzir a escrita diarista. A partir dessas orientações, em todas as aulas para leitura dos capítulos, seguíamos para a biblioteca e lá, por cerca de duas (02) aulas, os alunos podiam ler dois (02) capítulos do livro, e, em seguida, fazer o registro no diário. Para fins da análise dos dados, classificamos os registros feitos em três (03) categorias, que dizem respeito aos posicionamentos dos alunos sobre o livro em questão: o diário como escrita pessoal; o diário como resumo do livro e o

diário como ação reflexiva. Categorizamos dessa maneira, dado o modo peculiar como os grupos de alunos faziam seus registros.

#### 4.2.1 O diário como escrita pessoal

Nos dados analisados a seguir, podemos observar que onze dos quinze participantes da pesquisa expressaram em maior evidência os elementos constituintes do diário pessoal. Vejamos, inicialmente, o que disse P1:

04/09/2017 /segunda-feira (Hs:11:35)  
 A primeira aula foi ótima, espero que continue assim, bem humorada, com diálogos, perguntas e respostas, passagens de vídeos.  
 foi bastante ótima e mal posso espera pelas proximas etapas do projeto!

Como pudemos observar, a presença de humor trazida pelos vídeos de motivação à leitura, as questões da sondagem, o diálogo aberto foram elementos significativos para a permanência da motivação na discente P1, que classifica a aula como muito positiva, corroborando com os dizeres de Tapia e Fita (2015, p.9): “o interesse dos alunos em aprender depende em grande medida das decisões que o professor toma com respeito à organização do ensino”.

P2, por sua vez, relatou:

05 de setembro de 2017  
 hoje é o meu 2º dia do projeto eu esperava muito que esse dia chegasse e quando a professora falou que o projeto ia começar eu fiquei muito feliz  
 Eu não consegui terminar por que eu fiquei com preguiça também era muito barulho aí eu me descomcentrava eu pensei até em desistir mas o incentivo foi maior e finalmente eu terminei.

A fala da aluna P2 revelou que ela aguardava com ansiedade o início do projeto, novamente validando o critério da motivação à organização do ensino. Dias depois, sentiu-se desestimulada pelos elementos “preguiça” e “barulho”, porém superados após incentivo, elemento essencial ao movimento dinâmico da pesquisa-ação, que se (re)constrói cotidianamente sob o olhar do professor pesquisador.

São relatos de P6 e P8, respectivamente:

P6:

Também trocamos alguns ABC: assuntos sobre ler e a importância de vídeos e paródias. O vídeo que foi mostrado ontem, relatar um pouco da importância da leitura, e desenvolve um ritmo bem alegre e contagiante. Eu espero que esse projeto traga muitas coisas boas, que a leitura possa se desenvolver pra todos nós e que possamos saber mais ao respeito de Malala.

P8:

Dia 04

Hoje nós começamos o projeto de leitura na Biblioteca primeiro nos pegamos uns kits que a professora Evânia fez para cada um de nós começamos a fazer umas atividades sobre a escola ser fundamental para nosso futuro e como a leitura é importantes para nós e depois fomos para casa.

Enquanto P6, motivado pelos estímulos à leitura trazidos pelos vídeos, pela sondagem, criou a expectativa de que o projeto trouxesse “muitas coisas boas”, a ponto de a leitura “se desenvolver pra todos”, bem como de conhecer mais da história de Malala. P8 relata os momentos percorridos pelo projeto, desde o lugar onde ocorreu a ação pedagógica à individualidade da organização da ação por parte da professora, como também menciona pergunta da sondagem inicial acerca da importância da escola e da leitura como fundamentais ao futuro dos participantes. Nesse primeiro momento, sem ainda ter iniciado a leitura dos capítulos, esse aluno utiliza o diário apenas para relato das atividades, sem aprofundamento reflexivo.

P9, por sua vez, realizou o seguinte registro:

Hoje foi muito legal, além de receber os livros todos nós também ganhamos cadernos e canetas. O melhor de tudo foi que nos kits tinham pirulitos. Ha ha ha. As meninas ganharam cadernos da Puca e os meninos do Ben 10. No kit também tinha uma carta. Bom, pelo menos eu achei que fosse uma carta. na verdade era uma folha dobrada como um envelope e que tinha algumas perguntas. [...] O mais engraçado da aula inteira foi Fábio, que pegou o laço da embalagem e colocou no pescoço.

Para esse discente, todos os elementos do kit foram interessantes, mas, principalmente, o fato de a sondagem inicial vir em um envelope, dando a entender que se trataria de uma carta, gênero tão pouco usual atualmente. É notável a empolgação de P9 com o kit recebido, deixando de comentar o que ocorreu exatamente no primeiro dia do projeto com a leitura do livro.

De P10, obtivemos o seguinte registro:

Ontem foi muito legal, a professora nos deu um kit, com um caderno, uma caneta, um livro foi o melhor presente da vida.

Vimos dois vídeos legais um era lelele. não deu pra ouvir bem mas era sobre ler.

Dialogamos, rimos e conversamos e respondemos perguntas que ela fez.

Qual foi a minha reação ao receber meu caderno da PUCCA.

[balãozinho amarelo escrito UAU dentro]

“Eu fiquei “pensativa, porque um caderno da PUCCA. Ah eu amei de cara o caderno, Mano abrir todos os sacos, pra achar. e encontrei o caderno mais lindo da vida.

Assim como para P9, a aluna P10 demonstrou que o kit de leitura teve grande significado em sua vida, sendo recebido com total empatia por ela, principalmente o caderno para o diário. Um dos vídeos que abordava o ato de ler de forma divertida promoveu-lhe bem-estar e motivação para realização das atividades propostas no projeto. Seu registro configurou-se, portanto, como organização do pensamento de escrita diarista, como vivência relatada sem preocupações com o domínio estético.

Outro relato que segue é o de P11:

Fiquei ansiosa pelo momento de receber o livro, até cheguei ir na biblioteca antes da hora para ver a prof. e encontrei embrulhos de presentes, confesso que realmente pensei que seria “presentes” não imaginava que seria o livro de Malala com o caderno que serviria como diário, uma caneta, pilulito e uma folha no formato de carta com duas perguntas uma sobre a leitura e a outra sobre a escola. Tava tão fofo o embrulho que fiz de tudo para não estragar, o caderno era rosa mais troquei com (nome da colega) porque prefiro vermelho.

Com uma ideia preconcebida de que apenas receberia o livro para leitura, a discente não cogitou a forma de “presente” apresentada pelo kit, ficando empolgada com a ação pedagógica. Tanto ela quanto outros participantes devolviam o livro e o diário na embalagem laçada em todas as atividades, como se quisessem eternizar esse momento, o que nos fez refletir sobre o elemento surpresa como motivação em ações pedagógicas. Ainda sobre o kit, continuou:

Enfim, abrir o “presente” e como eu já tinha visto o livro antes com a prof. então peguei logo o caderno que era novidade depois comecei a folhear o livro novamente, porque eu sou dessas kkk li o prefácio com o pouco de dificuldades porque os três serumaninho que estava perto de mim não parava de falar, mas então, a leitura do prefácio gostei bastante, gostei também da autora sem nem saber ou conhecer algo sobre ela. É bom quando você se senti íntimo do autor ou personagem do livro, pra mim a leitura se torna mais fácil e fascinante se prende ao livro, é esse tipo de leitura que amo e o melhor ainda é sentir isso desde o início (prefacio).

Como podemos perceber, do mesmo modo que a aluna falava com empolgação sobre o kit recebido, ela passou a registrar também suas impressões sobre o que lera no prefácio, sobre a autora, dizendo já sentir-se íntima da autora. A temática do livro certamente a agradou muito: “*é esse tipo de leitura que amo e o melhor ainda é sentir isso desde o início (prefacio)*”. A leitura do Prefácio passou a ser então o estímulo para despertar neles o interesse pelo livro nas aulas subsequentes, uma vez que provocou neles o desejo pela continuidade da leitura, conforme relatou a participante. A identificação com a autora, a personagem e o livro foram fatores motivadores e facilitadores para a leitura. Apesar do

barulho por parte dos participantes irritarem-na, concluiu a atividade proposta, tendo participado ativamente de cada etapa realizada-

Já as alunas P12 e P13 quase desistiram do projeto devido a conflitos pessoais ocorridos nesse período da execução do projeto.

São declarações de P12:

Na biblioteca da escola, um projeto de leitura, a professora de português nos entregou um lindo kit com um livro, um lápis, um pirulito e um caderno.  
O livro é lindo, eu não li ele todo, mas estou só começando...[...]Bom...hoje estou me despedindo deste livro maravilhoso. Foi um prazer, passar três semanas lendo este livro. [...] Eu estava pensando em desistir do projeto, por causa de alguns problemas pessoais. Eu não estava conseguindo dar o meu melhor, infelizmente, não conseguia me concentrar, por mais que eu tentasse ou me isolasse dos meus amigos, eu não conseguia. Mas o que importa é que eu consegui chegar até aqui, e consegui terminar.  
Eu quero agradecer pela oportunidade que a professora Evânia me deu, me ajudou bastante a esquecer um pouco dos meus problemas. Obrigado!

A discente demonstrou ter gostado muito do livro, achando-o, inclusive, lindo, e prazerosa a atividade. Sua situação particular, no entanto, a impediu de executar as atividades de leitura propostas. De qualquer modo, ainda que P12 não tenha refletido acerca da leitura do livro, o diário funcionou como um espaço para registro de seus sentimentos, sensações e pensamentos, talvez assumindo um valor terapêutico.

A aluna P13, por sua vez, relatou:

Na biblioteca da escola, A professora Evânia distribuiu nosso material de trabalho para o projeto de leitura. Vimos um vídeo, relacionado a uma propaganda sobre uma Livraria Virtual. e fizemos uma Atividade. Estou empolgada, não tava muito logo no início, mais depois fui ficando animada, estou Ansiosa para novas atividades, o projeto está bastante legal. Até porque adoro ler...  
Ainda não lemos o livro 'Malala'. lemos apenas o prefácio, e aparentemente fala sobre uma história bacana. Iremos começar a Leitura Amanhã, provavelmente.

Cheguei atrasada com a “cadela” da (nome da amiga) estávamos as duas tristes por motivos longos, uma história cansativa que prefiro poupar qualquer pessoa de ouvir...  
É algo que está mexendo muito com a minha cabeça, eu li o último capítulo do livro, mais não ficou nada claro para mim, pois minha cabeça tá cheia demais, vários problemas tiram minha concentração e eu tento ser forte ao meu máximo, mais ninguém é de ferro, estou realmente pensando em desistir dessa pesquisa...Mas não vou em carinho e respeito a minha professora, já tá no finalzinho mesmo! Gostei muito desta experiência, malala é incrível. Mas sobre A aula e o capítulo de hoje não tenho o que declarar, quero apenas descansar a cabeça. desculpe-me.[...]A aula de hoje foi diferenciada, hoje com a cabeça mais fria, pude tirar da minha cabeça querer desistir da pesquisa e deu para me concentrar.

Apresentando dificuldades pessoais semelhantes às enfrentadas por P12, aos poucos essa discente foi motivada a executar as atividades de leitura propostas, afirmando ter apreciado a experiência e visto em Malala uma pessoa impressionante. Segundo P12, a

relação afetiva positiva com a pesquisadora e a aula diferenciada foram fatores importantes para sua permanência no projeto. Ainda sobre a relação afetiva positiva, cabe a célebre frase de Paulo Freire: “Não se pode falar em educação sem amor”.

A aluna P14 fez o seguinte relato:

Bem, hoje estou iniciando o projeto de leitura, ontem eu não fui á escola por motivos pessoais. Hoje professora Evania fez a gente ler o capítulo 4 e 5 foram bem interessantes não vejo a hora de ler o resto. Terminei antes e a professora mandou eu ler o 6. Tenho palavras novas! : Gandara, janad, Haram. Achei Janad e Haram muito interessante, gostei! E também Alá. Barbaças não gostei muito.

Como podemos observar, a participante executou a leitura diária dos capítulos revelando-se bastante motivada pela história. Seu registro revelou a estrutura fragmentada, própria de textos diaristas, predominando o universo temático da experiência pessoal mediante sentimentos, sensações e pensamentos.

P15, por seu turno, revela o impacto causado pelo kit recebido e, em seguida, faz um relato íntimo:

Meu Deus, que choque hein, eu ainda não estou acreditando que eu perdi o início do projeto, tá sendo tudo tão incrível, estou completamente apaixonada pelo livro e ainda estou no Prefácio, a curiosidade da jornalista é muito louca, Jesus que paixão danada não vejo a hora de começar logo.  
Estou muito feliz por tudo que está acontecendo, ao receber o meu kit eu fiquei tão feliz que não consegui parar de falar. AAAAA...  
Aí chega aquele momento onde você vai dormir, pensando em chegar logo o outro dia. na espera de mais coisas loucas e gostosas de viver, não da pra explicar, não da pra se expressar em meio a tantas emoções. Eu voto ‘Sim’ para mais dias como hoje.  
É..., Hoje eu não estou muito bem as letras dançam na minha visão e não entendo nada, preciso me alimentar de animo, vou ser bem sincera vem acontecendo tantas coisa que está me esfriando cada vez mais, Entendo que isso não pode acontecer, mais está acontecendo, isso é com tudo na escola, meus amigos, na família, em tudo.  
Eu paro e penso “O que está acontecendo comigo?”, e não tem resposta para esse pensamento rotineiro, existe apenas uma coisa que eu (nome) tenho vontade de fazer, Ficar dentro do quarto cada minuto da minha vida, apenas (eu e Afonso e meu celular).  
O Afonso é o meu filho o meu sapinho, é com ele que eu durmo, acordo e que passo o maior tempo da minha vida é com ele. Ele guarda todos os meus segredos e magoas, ele que enchuga minhas lagrimas e manda eu sempre mostrar para as pessoas que estou feliz, e é isso que eu faço, da porta do meu quarto para fora eu sou a (nome) que está sorrindo para o mundo e que está sempre “bem”. Apenas sigo ordens do Afonso.  
Faço isso, e vou continuar fazendo. Vou continuar por dois motivos: (nome do namorado) e o Afonso.  
O amor que um dia eu parei de dar para alguém, hoje em dia dou para eles, por mais que (nome do namorado) me deixe um pouco irritada as vezes mais nada que eu sinto por eles vai mudar.

A participante revelou profunda identificação com o livro e com a autora, como também com o projeto em si, provocando-lhe ansiedade pela continuidade, porém, em seguida, ocorreu uma alteração de humor, característica própria da adolescência, que modificou o foco do registro de leitura proposto, predominando o universo temático da

experiência pessoal, mediante o registro de seus sentimentos, sensações e pensamentos. Porém, após o momento confessional no qual apresentou seu “sapinho” chamado Afonso, provavelmente um bichinho de pelúcia que as adolescentes trazem como companheiros confidentes, logo recuperou o sentido das orientações de leitura propostas:

Eu sei que esse é o diário onde eu deveria falar sobre o livro, mas a professora Evânia pediu para escrever tudo o que passa na nossa cabeça enquanto lemos, e foi isso que veio, e é isso que está acontecendo.

Observamos que o trabalho com o diário de leitura é extremamente frutífero, oscila entre o confessional, dada a estrutura estável do gênero, até a formação de leitores e produtores de texto autônomos, capazes de refletir sobre o Outro.

Passemos, agora, para a leitura de diários que se caracterizam por trazer o resumo do livro lido.

#### 4.2.2 O diário como “resumo” do livro

As práticas tradicionais de leitura de livros, na escola, requerem resumos como garantia de compreensão do texto. Os registros feitos a seguir demonstram as dificuldades dos participantes em relação ao que foi proposto como diário de leitura.

Vejamos os registros de P4:

cap 1

Riscos inimagináveis de morte até esse lugar se chama vale de Swat.  
O Vale de Swat fica pais distante chamado paquistão tem tempo verdejante cercadas por montanha gigante.

Cap 2

Num passado não muito distante, o Swat foi habitado por principes e princesas reis e rainhas, como nos Vale encatado  
porque naquele tempo antigo era esses negocios de reis e rainhas e principes e princesa.

Cap.3

O trecho de estrada ate o Vale do Swat e recortado por tunes longos e escuros, que perfuram as montanhas abrindo caminhos curvas sinuosas

Cap 4

Malala nasceu e cresceu entre os corredores e carteiras antigas de madeira da escola KHUSHAL, a maior do Vale, do professor Ziauddin Yousafzai, seu pai era 12 de junho

Cap 5

Dupatta: veu com o qual as mulheres mesmo quando estão em casa.  
Shawl: veu longo de ponta ate o chão que as mulheres do Vale do Swat usam paara cobrir o rosto.

Cap 6

Gandara : Reino budista que ocupava o noroeste de paquistão. e parte do leste do afeganistão e existiu o seculo VI a.C.

Cap 7

Os budistas não têm um livro sagrado, mas leem varios texto com ensinamentos de Buda.

Cap.8

ela quis visita a escola mas lá entrou tudo de pernas para o ar a placa da escola.

Cap.9

Muezim: É o responsável por chamar os fiéis para a reza nas mesquita proferindo frases do Corão de forma melodiosa.

Cap. 10

foi esse livro que me levou ao Vale do Swat quando visitei a escola KHUSHAL o lugar de maláhal estava vazio e a estrada. (P4)

Durante a execução do projeto, o participante demonstrou dificuldades para registrar, apesar de incentivado. P4 faz recortes de trechos do livro que não dão conta do que se passou em cada capítulo. Seus posicionamentos acerca de leitura nos Quadros 11, 13 e 14 refletem sua crença num padrão de leitura como atividade mecânica, conforme aqui demonstrada. No entanto, na atividade da roda de conversa, conforme veremos a seguir, foi capaz de refletir pela escuta dos demais participantes e posicionou-se em relação à importância da leitura e da escola para realização pessoal.

Os alunos P6 e P9 também “resumem” os capítulos:

P6:

Atualizando Cáp 06

Em 2007 e Malala logo faria dez anos, quando os homens desceram as Montanhas e chegaram ao Vale. Eles circulavam na traseira de picapes aterrorizando crianças e adultos fuzis kalashnikov em punho. Eles viviam com lançadores de foguete, eles passam a destruir tudo que lembra do passado.

Os talibãs deixavam sua barba crescer muito grande e sem corta e aparar.

P9: Dia 8 - Malala ficou feliz por um tempo por ter um pseudônimo, pois não gostava do seu próprio nome às vezes. Isso porque “malala” quer dizer fúnebre e ela achava que isso lhe trazia azar.[...]

P09:

Dia 8 - Malala ficou feliz por um tempo por ter um pseudônimo, pois não gostava do seu próprio nome às vezes.

Isso porque “malala” quer dizer fúnebre e ela achava que isso lhe trazia azar.[...]

Para ambos, o diário de leitura consistiu na transcrição dos capítulos do livro sem nenhuma interação com o texto, conforme orientações propostas no início do projeto, para que dialogassem com o texto. As dificuldades aqui apresentadas pelos alunos na utilização do diário como instrumento de reflexão constituem, para o professor, um mapeamento para novas ações acerca de motivação e ensino-aprendizagem de leitura que deem prosseguimento ao processo de aquisição dessas habilidades necessárias à formação de um leitor proficiente.

Ressaltamos que os participantes que atingiram apenas os níveis de diário pessoal ou resumo dos capítulos também refletiram suas subjetividades no que concerne ao modo como compreenderam a ação proposta, razão pela qual criamos tais categorias de análise - que

assemelham-se à pesquisa de Machado, conforme prefácio: “ [...] Enfim, este estudo, fornece, pela primeira vez, as bases de uma descrição detalhada do gênero diário de leituras, como uma entidade que reúne propriedades do gêneros *diário íntimo*, *resumo e comentário de texto*. [...]”. (MACHADO, 1998, p. XXV).

Vejam, a seguir, os registros dos participantes que realizaram uma ação reflexiva sobre a obra lida.

#### 4.2.3 O diário como ação reflexiva

Ao utilizar o diário de leituras em atividades de ensino-aprendizagem, Machado (1998) utiliza-se do conceito de sujeito reflexivo como estratégia para construção da capacidade reflexiva, na qual um sujeito plenamente desenvolvido reconhece sua própria subjetividade, sabe justificar e questionar o interlocutor. O diário de leitura promove o aprendizado autônomo pelo estímulo à capacidade reflexiva de internalização do discurso do outro, criando assim um espaço que permite a constituição das subjetividades.

A seguir, atentemos para o relato de P1:

Malala tinha um sonho de estudar, mais no lugar aonde ela morava, não podia i era uma lei(ou uma regra). Mais ela queria ir além, mostrando que nós mulheres podemos ser!

Como podemos observar, a discente P1 pondera o absurdo da lei que proíbe o direito à Educação e apoia Malala, chegando, inclusive, a se inserir entre as mulheres que ousam sonhar e ir além do que a sociedade lhe permite: “[...] nós mulheres podemos ser!” .

O relato que trazemos a seguir é de P3, um discente que apresenta muitas dificuldades de escrita<sup>9</sup> em seu texto e que afirmara, na sondagem inicial, que odeia ler. No entanto, é curioso como esse aluno se envolveu com a leitura realizada a ponto de fazer várias observações sobre a história de Malala, revelando-se um leitor atento, participativo, crítico, pleno de autoria.

---

<sup>9</sup> Embora observemos tais questões, não constitui objetivo de nossa pesquisa, porém serão utilizados para mapeamento das dificuldades e organização de um projeto de classe em que possamos trabalhar com os alunos os problemas linguístico-discursivos que eles apresentam em seus textos. Ressaltamos, por essa razão, que o texto será apresentado conforme escrito no caderno/diário dos alunos.

Inicialmente, ele faz uma observação sobre a coragem indiscutível da jornalista Adriana Carranca, ao viajar ao Paquistão para coleta de dados, hospedando-se na casa de um guia cujo irmão era membro do talibã. Ao ler sobre isso, o participante considerou um ato de loucura:

O que achei da Altor foi um ato de coragem e ousadia ao enfrentar um terrorista que tinha tomado o vale que Malala abitava e o Bravo quis quando ela fala que as jornalistas e como umis a crianças pra mim se torna um ato de loucura.

P3 diverte-se com os fatos trazidos pela autora sobre a história dos pashtuns, a tribo a qual Malala pertence, demonstrando claramente a ativação de suas habilidades cognitivas no processo de subjetivação, inclusive no que concerne à interdiscursividade, conforme relata no trecho a seguir, ao citar o filme “Rei Leão”, produzido pela Disney, e o conhecido super-herói Hulk:

O Rei Leão? matar um leão com as próprias mãos no mínimo esse carra e o sobrinho do Hulk.

Na sequência abaixo, esse discente avalia antecipadamente a reação de Malala no ônibus, no momento do atentado terrorista, e faz uma dura crítica às mulheres paquistanesas que se submetem ao talibã e se limitam às atividades domésticas e à criação de filhos:

Cidade onde Malala nasceu chama-se Míngora e a maior vila do Swat uma das coisas que eu aprendi foi o ataque que aconteceu no dia 9 de outubro. Malala seguia em um ônibus Escolar. “Seu crime foi só destacar entre as mulheres” que fica em casinha sendo escravizadas por uma Raça de trogloditas que acha que as mulheres são inferiores e ela luta pela educação das meninas no Paquistão um país que é dominado pelo grupo talibãs que é um país que contrário a educação feminina.

Em seguida, ainda contesta a porcentagem trazida pela jornalista acerca dos dados das meninas que frequentam a escola, como se vê no trecho abaixo:

No vale da Swat no noroeste do País profundamente conservado onde muitas das vezes que se espera que a mulher fique em casa pra cozinha e cuida dos filhos, as autoridades afirmam que metade das meninas vão a escola mais na realidade eu creio que só 30% frequenta a Escola.

P3 continua seu relato descrevendo o contexto da infância de Malala, sob a dominação talibã no vale, e analisa o incentivo do pai dela, dono da escola, mesmo sob ameaças. Conclui

seu raciocínio considerando um absurdo alguém quase perder a vida por querer ir à escola:

Malala creceu nesse contexto e no início de sua infância a situação ainda era bom, com a educação das meninas sem sofrer muitos questionamentos, não me lembro bem o ano acho que foi no ano de 2000 a 2002, e entretanto, a influência do talibã se tornou cada vez maior até que o grupo dominou a Região em 2007. E no ano que eu não me lembro bem mais acho que foi ou 2008 ou 2009 que o líder talibã local emitiu uma determinação exigindo que todas as escolas interrompessem as aulas das meninas por um período de um mês e na época ela tinha 11 anos pois seu Pai que era dono da escola onde ela estudava, e sempre incentivava a educação e por absurdo que pareça Malala quase perdeu sua vida por querer ir à Escola...

Como podemos observar até aqui, para alguém que declarou, inicialmente, suas (in)diferenças para com as práticas de leitura, presenciamos total envolvimento e um real crescimento em seu potencial leitor e linguístico ao longo do projeto.

Outro aluno, P4, começou seu registro no diário refletindo com autonomia acerca do prefácio, conforme observamos no trecho a seguir:

eu entendi que a jornada dela era muito perigosa e ela corria perigo porque a menina estava ameaçada e ela sai de casa com pouca coisa.  
ela não pode estudar porque ela era ameaçada e na cidade dela não podia porque era proibido

Ao utilizar a expressão “eu entendi” e classificar a jornada de Malala como “perigosa”, esse aluno revela constituir-se autor de seu dizer. As anotações dele, no entanto, foram finalizadas com esse breve relato. Por razões desconhecidas, não registrou mais nada durante a execução do projeto, embora estivesse presente em todas as atividades. Decidimos, então, solicitar a P4 que concluísse sua atividade e registrasse no diário a reflexão que fez sobre a história lida. Ele prontamente atendeu nosso pedido e fez o registro, posteriormente, de forma “resumida”, conforme descrito anteriormente no item 4.2.2 (O diário como “resumo” do livro). É importante observar que esse discente voltou a participar naturalmente das atividades de roda de conversa e sondagem final.

Vejamos, agora, o relato feito por P5:

Cap 1: Eu entendi que: Malala estava encurralada com os direitos dessa época, leis que impediam eles de estudar, que era o que ela mais queria, [...]  
Mais o país em que ela vivia no Paquistão é um lugar de campos verdejantes, cercados por montanhas gigantes que a neve pinta igual o ano inteiro. O Paquistão é um país bonito mais com leis piradas.  
Cap 4: [...] O mais interessante eu achei foi que Malala nasceu em uma escola, isso foi interessante pra mim, porque até ela é tão interessada pela educação pelo estudo dela, e corre para aquelas pessoas que querem também.  
Cap 10: [...] Malala estava se recuperando, chegou o tempo que ela ficou boa, e foi realizar seu sonho que era voltar à escola.  
Hoje Malala corre por seus direitos e é uma menina muito importante.

Com bastante propriedade e autoria, P5 reflete sobre a história lida utilizando-se do conceito de “encurralamento dos direitos”, sofrido por Malala, pelas leis que proibiam o estudo, objeto do seu querer. Na sequência, atribui um novo conceito às leis classificando-as de “pirada”, numa linguagem própria da adolescência. Também observa linearmente a trajetória de Malala em relação à escola, desde o nascimento até o momento atual, em que a jovem paquistanesa se encontra como ativista pelo direito à Educação das mulheres e crianças.

Outro aluno, P7, considerou o projeto valioso em vários aspectos:

Bem o meu dia de ontem foi muito legal as pessoas todas reunidas fazendo as tarefas e fazendo o projeto de leitura acho que foi uma boa escolha a Professora fazer isso nos deixou mais unidos uns aos outros aprendemos a se importar mais com a leitura e com o momento em que a ler. foi legal ontem adorei. O que eu entendi sobre o primeiro capítulo eu achei muito interessante uma menina chamada Malala, que queria ir para escola mais não podia ir. Porque no lugar que ela vivia não podia estudar e nem usar livros só podia usar livros escondidos nessa cidade onde ela morava havia muito perigo e até risco de morte eu até imaginei como a pessoa mora em um lugar desse, onde não podia fazer o que queria um lugar de morte, de risco de vida e de guerra mais ela não tinha escolha. Esse lugar se chama Vale do Swat. e foi isso o que eu entendi que essa menina precisava estudar e de felicidade. [...] uma história que vale a pena levar para vida toda.

Notemos que P7 preocupa-se não apenas em falar do kit recebido e da história lida, ele inicia o relato falando do envolvimento da turma com o projeto, afirmando que a leitura proposta constituiu motivo de unificação dos alunos enquanto grupo social, o que contribuiu também para o bom desenvolvimento da leitura realizada. Ao refletir sobre o drama de Malala morar num lugar tão perigoso, sem direito à Educação e sem escolha, entendeu que lhes faltavam duas coisas: estudo e felicidade. Tal raciocínio demonstra o diálogo que faz com o texto a partir de seus próprios valores e concepções de mundo, revelando-se autor do seu dizer de forma reflexiva.

A seguir, vejamos o relato de P8:

Dia 5  
Hoje nós lemos o 1º capítulo que estava começando com a história de malala e sobre o vale Swat um lugar onde estudar era proibido e para ler livro era proibido só se for escondido também contou sobre uma passagem histórica de Alexandre quando ele foi a vale de Swat por volta do ano 300 a.C e lutou contra as Indias que morava ali e que ele disse que era apenas uma pessoa como qualquer outra e depois começou o capítulo 2. No capítulo 7 ela falava sobre o talibã que queria que os meninos não estudassem e as meninas também sendo que o preconceito era maior com as meninas e malala criou um blog pseudônimo com o nome de Gul Makai, e era a heroína das meninas.

Para esse discente, que afirmara ter dificuldades de concentração para ler com o barulho em sala de aula, conforme Quadro 18, percebe-se autoria ao mencionar o grau de preconceito do talibã em relação às meninas e a bravura de Malala em não se submeter a tal ordem, criando um blog onde denuncia as ações desse grupo terrorista, tornando-se heroína das meninas.

P9, a seguir, não fala da leitura do livro, passa a relatar as questões pessoais pelas quais atrasou os registros do diário de leitura:

Eu não consegui terminar o projeto antes porque não encontrava as palavras para descrever o que queria falar naquele momento, e também porque estava muito ocupado com as outras disciplinas, com os jogos de volêi e futebol que eu participava, com os preparativos para o meu canal no youtube e com as provas que estavam acontecendo. Mas a professora Evânia me mostrou como era importante que eu terminasse, então, agora estou aqui de novo. E dessa vez irei fazê-lo, Eu até sai do volêi e do futebol pra ter mais tempo. Só estou escrevendo isso porque queria expressar os meus sentimentos. Eu sentia que não era capaz. Eu não conseguia pensar em nada para escrever sobre o livro. Só tinha uma coisa em minha cabeça. Mas agora parei com o que não era importante e estou focado em fazer isso. Mesmo ainda pensando naquilo...

O discente reconhece não ser capaz de concluir o diário por não encontrar as palavras adequadas ao momento, além de outras ocupações tomarem-lhe o tempo. Posteriormente, reflete sobre a importância da atividade e informa que irá concluir, muito embora não tenha concluído até a finalização do projeto. Ao que parece, P9 utiliza o diário como uma forma de dialogar com a professora-pesquisadora e se justificar por não ter realizado a atividade.

Apresentamos, a seguir, o relato da aluna P11.

Durante a entrega dos *kits*, quando expusemos as orientações, pediu uma revisão do gênero diário porque havia esquecido. Em função do tempo programado para as atividades daquele momento, revisamos de forma sucinta a estrutura composicional, conteúdo e estilo característicos do gênero, uma vez que o mesmo já havia sido apresentado no bimestre anterior, conforme justificado anteriormente na descrição da proposta de intervenção pedagógica, subitem 3.3.

Acerca dos capítulos 2 e 3, P11 relata não compreender essas guerras que destroem países e suas culturas e belezas naturais, e ainda se questiona por que as mulheres não têm direitos iguais aos homens e conclui não compreender o mundo:

O que realmente não entendo é essas guerras que acontece lá, não consigo ver um “porque”, se o país era maravilhoso por que destruíram isso? Se o Vale era igual um conto de fadas porque destruir? Por que a guerra? Por que não isso, por que não aquilo? Mulheres não podem nada além de ficar em casa não consigo entender a

ideia dos homens ta à frente de tudo!

Hoje lemos o capítulo 2 e 3, cada vez mais leio esse livro bate uma revolta tão grande porque hoje em dia as pessoas querem “paz” mais que paz é essa? Antes as mulheres tinham direitos por que não tem mais? Não entendo o mundo.

Ao iniciar a leitura dos capítulos 4 e 5, em seu relato, abaixo, utilizou um termo (merda) impróprio para uso no contexto de sala de aula, mas que possivelmente se sentiu à vontade para empregar dada a natureza do gênero produzido:

[...]Leitura do capítulo 4 e 5 começou. Que merda as mulheres não “existirem” depois de casadas e são dadas ainda criança para os maridos, não podem ser livres.[...]

No trecho abaixo, P11 revela que os nomes de difícil ortografia e pronúncia deixam-na confusa e tece uma crítica à autora, demonstrando ser uma leitora crítica, com posicionamentos firmes:

[...]As vezes me perco nos nomes das pessoas porque é tudo tão estranho e parecido. Acho esse livro um pouco perdido, seria melhor se tivesse mais explicações ou aprofundasse em alguns assuntos, gosto da forma que é narrada mais queria que aprofundasse.[...]

Em seguida, a discente refere-se aos talibãs com grande indignação, envolvendo-se a tal ponto com a leitura que chega a xingar o personagem:

Nao entendo os talibãs se eles não estudaram porque não da oportunidade de outras pessoas estudarem. E esse tal de Mulá Omar acho ele muito idiota, doido e ele merece ser estudado porque esse homem não roda bem da cabeça. Eu hein!

Nas leituras dos capítulos 6 e 7, P11 alegra-se temporariamente com o silêncio na biblioteca e pondera sobre o suplício de Malala com extrema revolta acerca dos talibãs, conclamando o povo a reagir:

Comecei a leitura do capítulo 6 e 7, e a biblioteca hoje ta uma maravilha!Tão silenciosa. Pronto, (nome da colega) chegou então tchau silencio. Imagino como foi difícil pra Malala, é um terror imaginar comigo o que ela passou entendendo a tristeza e a revolta. Porque os talibãs aqueles idiotas não deixavam as meninas estudar? O que eles tinham contra as mulheres? Que injusto e idiota pensar como eles pensam. O povo deveria reagir de alguma forma como Malala fez!

Os capítulos 8 e 9 provocaram-lhe intensas emoções sobre a indignidade do tiro que atingiu Malala na cabeça quando esta voltava da escola, dado pelos talibãs, a quem classifica-os de “doentes”, acusa de “porcaria” sua religião e, ainda perplexa, avalia o porquê desse

comportamento, defendendo o direito das meninas e mulheres paquistanesas. Fica nítido o envolvimento de P11 com a leitura do livro, a ponto de redigir um *post scriptum* que denota seu estado emocional, em total ebulição:

Parte final: capítulo 8 e 9. Como pode alguém ter tanta crueldade? Ao ponto de atirar numa menina (na verdade três) de 14 anos que estava voltando da escola! Apenas por não concordar no que ela pensa, no que ela defende, no que ela expressa (a única). Por defender o direito das meninas estudar leva um tiro na cabeça, me diga que mundo é esse? Que porcaria de religião, ou sei lá o que, é isso? Eu claramente não consigo entender. Esses talibãs são doentes, esse Mulá com certeza não é normal ou está “descontando” o que sofreu na infância e adolescência nessas meninas e mulheres que só quer ser alguém além de objetos. Primeiro conquista as mulheres pra conseguir público e depois descarta elas e quer que sejam invisíveis, e quando uma se revolta e não aceita o que ta acontecendo da nisso: um tiro na cabeça no caminho de volta para casa!  
P.S.: Pode ta tudo bagunçado mais foi o que veio na cabeça após ler o capítulo 8 e 9 do livro.

O relato de P11 continua sobre o capítulo 10. Por sentir muitas dificuldades de ler em ambientes com barulho, pediu-nos para concluir em casa a leitura do livro e a escrita do diário, o que lhe foi concedido. Iniciou o registro do capítulo definindo-o com uma palavra – coragem –, para, em seguida, ressaltar a valentia da autora e se compadecer do marido da mesma:

Domingo, 24 de setembro de 2017  
Ultimo capitulo mas não tenho muito o que falar apenas uma palavra: coragem. Isso define esse ultimo capitulo, muita coragem mesmo de Adriana sair de sua casa, deixar sua família e amigas para ir num lugar tão perigoso e assustado. Sinceramente sinto pena de seu marido porque com certeza ele deve saber que ela sai pra viajar e pode não voltar e pode sofrer um atentado, coitado! Mas é o amor né. (P11)

A história provocou-lhe muitos questionamentos e apelos por respostas:

E as amigas de Mala também ter que sair do seu país natal por medo, por trauma e por tamanha violência. Tenho tantas perguntas que ninguém pode responder: Por quê o mundo é tão cruel? Por quê as pessoas lutam, pedem tanto por paz e igualdade e não se move para isso mudar? Por quê as pessoas são tão Paranoicas?...  
Queria muito muito que pelo menos um serumaninho conseguisse me responder.

Vejamos, agora, o que dizem as alunas P12 e P13 acerca da história lida:

P12: Comecei a ler o primeiro capítulo, eu gostei muito.  
Eu não entendo o porque que as mulheres não podiam ir para a escola. eu não consigo me imaginar num lugar como esse, sem ir para a escola.

P13: Eu não consigo imaginar uma vida sem escola, sem livros, sem leitura. E realmente não entendo o porque disso.  
A leitura de hoje foi boa, gostei bastante do livro, e li apenas o capitulo 1. E o que eu realmente não entendo é o “porque não pode ir para a escola”. E é isso, o livro é bastante interessante,[...]

Como podemos observar, essas discentes demonstram interesse pela história lida, afirmam estar gostando do livro e não conseguem se imaginar num lugar que impede o acesso à escola, conseqüentemente, sem livros, sem leitura. Para elas, é incompreensível que a mulher não tenha o direito de frequentar a escola.

Outra participante, P13, reflete sobre os costumes locais, relatados no capítulo 3:

Hoje eu estou na metade do 3 capítulo, está ficando mais interessante, é muito interessante como as pessoas faziam suas casas, hoje em dia fazemos de tijolos, e eles faziam de pedra. Eu nunca entrei em uma casa feita de pedras.  
E lá as mulheres vestiam um Shahuar Kamuz - que cobria o rosto delas todo e só restava os olhos. Será que faz calor? Porque se aqui agente usa short e blusa, e já faz calor, imagina lá, no deserto cara! Não sei se eu aguentaria viver lá...mas, faz parte da cultura deles lá.

À medida que vai relatando os costumes da região, P13 se coloca no lugar das pessoas que ali moram e vai se questionando como seria viver daquela maneira. Essa é mais uma maneira de o sujeito leitor interagir com o texto, assim como o faz a participante P15, desta vez, ao analisar a procedência da coragem de Malala:

A menina que queria ir para a escola, Encantador de ver que uma criança já tão nova com um amor, paixão uma grande dedicação pelos seus estudos, mesmo com riscos e perigos.  
Não era atoa que malala era da tribo dos Pashtuns, povos guerreiros que vive ao longo da Hindu Kush, entre o Afeganistão Central e o Norte do Paquistão. Um grande rei chamado “Alexandre”, o rei dos reis já tentou conquistar as terras dos Pashtuns, e não conseguiu, esse grande rei Alexandre declarou para seu povo que os pashtuns eram tão ferozes quanto leões.  
Outros conquistadores vieram mas a tribo da garotinha nunca se dão por vencido (ferozes e valentes), já dá pra perceber de onde vem toda garra e coragem da menina “Malala”.

O livro provocou-lhe tanto deslumbre e encantamento que a faz tecer um julgamento acerca da autora, considerando-a fonte de motivação:

Não dá pra explicar, falta palavras, falta tudo no momento, um livro desse, uma história dessa, uma Autora incrível como “Adriana Carranca”, a história de Malala realmente é coisa de outro mundo.  
k.k.k.k.k.  
Veio na minha cabeça coisas loucas que devem ter acontecido para Adriana escrever esse livro porque a bicha é louca em meio a tantos perigos, proibições mas a danada não se aguentou, quando eu crescer quero ser “igual” a ela.  
A coragem dela me motiva, Sabe?!

Para P15, a coragem de Adriana fez-lhe perceber que nada é proibido e que ninguém pode pôr limites até onde se pode ir ou viver no “jogo da vida”, deixando mensagens positivas

e fazendo da frase da rainha da Inglaterra a frase de sua vida, dita à jornalista Adriana e suas colegas em intercâmbio no país:

É tipo que dá pra mim perceber que nada é proibido, nós mesmo é quem fazemos as nossas ares de proibição e legalização, ninguém pode nos dar um limite de até onde podemos ir a/ou viver, nesse jogo da Vida nós que ditamos nossas próprias regras.

Costumo dizer que “cada porta que se abre é uma nova oportunidade, um novo sonho, uma nova chance para tentar de novo”, O mundo está aí, tão grande todo nosso para a gente conhecer e aproveitar, conhecer novas pessoas, novos amores, para sorrir e chorar também porque nada é perfeito faz parte do livro da Vida de cada um.

A frase da minha vida, Onde A rainha fala “Muito bem! Estudem bastante, porque a educação é muito importante para meninos e meninas”. ter lido essas frases foi muito motivador para mim, que estou lutando pelos meus estudos e futuro, espero cada vez mais conquistar as minhas coisa e junto a isso realizar cada sonho que habita em mim, dificuldades viram sem duvidas, o que não pode acontecer é deixar que essas dificuldades sejam maior que a nossa força de vontade.

A aluna concluiu seu diário afirmando possuir um novo ponto de motivação para sua vida e exalta a personagem Malala e a autora do livro, conforme se pode observar no relato a seguir:

Malala

Uma moça que cresceu em meio a tanta “loucura” vou assim dizer, uma criança pouco entendida da vida já começava as suas visitas na escola do seu pai (salas de Aula) e com isso ela foi se desenvolvendo e se apaixonando cada vez mais por isso que ela amava tanto.

Tem aquela história que diz:

“O que eu não quero pra mim, eu não dou ao outro.”, Pois é, Os talibãs não, eles perderam as famílias muito cedo alguns deles, e depois disso foram treinados apenas para lutar, não existe, Escolas, livros, fitas...etc, nada que seja forma de educar os jovens daquele tempo, Eles aceitavam livros entre outras coisa, em troca de comida, e sabe o que mais me encanta?

É saber que nenhuma dessas dificuldades fez “Malala” desistir, moça persistente, uma nova pessoa para ser o meu ponto de “motivação”.

O Atentado, eu já falei que estou louca por “Malala e Adriana”? Porque meu Deus são mulheres loucas e inspiradoras que mostram para quem quiser saber que não podemos deixar que botem limites nas nossas atitudes, somos nos que criamos nossa própria fronteira e elas são prova disso.

O Atentado, as balas, os transtornos e vexames das pessoas, malala foi expulsa da terra onde morava, onde era o seu “Ponto” de início e foi para um lugar onde todos continuavam amando ela, até porque não tem como não amar.

Aos 18 anos de idade já tinha conquistado tantas coisas que dá gosto de ser ver e ouvir, e cada conquista com sua família do lado sempre apoiando, isso é o legal de tudo.

FIM!

Tivemos, até aqui, a apresentação dos relatos feitos pelos alunos nos diários de leitura e suas respectivas análises. Com a leitura do livro concluída, conforme informamos no capítulo metodológico, apresentamos uma cena do filme A Caminho de Kandahar (2001), que mostra o cotidiano de madrassa, escola que forma os talibãs, surgidas após invasão da União

Soviética ao Paquistão, quando os meninos foram raptados das escolas tradicionais para aprenderem unicamente a arte do terror. Em seguida, exibimos o documentário Malala (2015), sobre sua luta pelo direito à educação das mulheres e das crianças, concluído no turno oposto em razão do tempo. Essas atividades, no entanto, não constituem objeto de análise de nosso trabalho conforme já justificado no capítulo anterior.

Encerrada a descrição e análise dos registros feitos pelos alunos em seus diários de leitura, vimos que o gênero diário é “um receptáculo para todos os tipos de escritura”, conforme afirma Machado (1998, p.29) e quando utilizado com a função de testemunha de leituras e de reflexões que as leituras produzem, caracterizam-se por variedades de formas que vão de enumerações de datas, títulos e nomes de autores a citações literais do texto lido, reações afetivas e julgamentos sobre o texto, tornando a leitura como uma atividade que conduz ao desejo de escrever.

Nessa perspectiva, em nossa ação interventiva pedagógica, obtivemos diários que não trouxeram uma ação reflexiva sobre o texto lido, mas nosso objetivo, além de possibilitar a escrita diarista, era levar os alunos a desenvolverem práticas leitoras e isso aconteceu em vários momentos do projeto, seja com a leitura do livro, dos vídeos etc. Percebemos, em seus escritos, alunos mais contidos, que se restringiram a resumir os capítulos com as palavras do próprio livro, outros se sentiram mais à vontade para falar sobre sua vida e contar o que se passa com eles, em alguns momentos, inclusive, deixando de lado a leitura do livro, e tivemos, ainda, outros alunos que conseguiram fazer uma reflexão crítica sobre o livro, relacionar as informações do texto com o conhecimento prévio que tinham, levantar outros temas para discussão em sala de aula, o que nos leva a considerar o êxito desse instrumento a práticas de leitura motivadas e desenvolvimento de capacidades reflexivas em discentes outrora desmotivados e apáticos em relação às atividades pedagógicas, inseridos em comunidades de extrema vulnerabilidade social.

Após esse momento, demos continuidade a segunda fase da segunda etapa metodológica com uma roda de conversa acerca da frase “ Uma criança, um professor, um livro e uma caneta podem mudar o mundo”, sobre a qual apresentamos, a seguir, a análise das discussões realizadas.

#### 4.2.4 Análise das reflexões construídas na Roda de Conversa

Após finalização da leitura do livro “Malala, a menina que queria ir para escola”, e da produção dos diários de leitura, foi realizada uma roda acerca da frase “Uma criança, um professor, um livro e uma caneta podem mudar o mundo”, Malala Yousafzai. Esse momento também foi subdividido em dois, pois, visto que alguns participantes não se expressaram oralmente na roda de conversa, solicitamos a todos, após o debate, um registro escrito da discussão acerca da frase dita por Malala Yousafzi e da experiência vivenciada na roda de conversa.

Iniciamos o primeiro momento citando a frase de Malala, dita no seu discurso à Organização das Nações Unidas, em 10 de dezembro de 2014, laureada com o Nobel da Paz por sua luta contra a supressão das crianças e jovens e pelo direito de todos à Educação. Acerca da frase, manifestaram-se sete (07) alunos: P1, P3, P8, P10, P11, P12 e P15. Vejamos o que eles disseram:

P1: Nós não somos nada sem o conhecimento  
 P12: Somos ignorantes...  
 P15: É muito mais fácil interagir com uma pessoa que tem conhecimento do que com uma que não tem.  
 P11: Eu acho que ela quis dizer tipo assim, todos nós temos capacidade de aprender como qualquer pessoa, tanto o analfabeto como a pessoa que já tem o estudo, e qualquer pessoa pode aprender qualquer coisa, basta você se esforçar!  
 P10: Pra mim tanto faz pedir opinião a quem saiba e a quem não saiba.

A afirmação de P1 de que “*não somos nada sem o conhecimento*” polarizou um debate acerca de conhecimento *versus* ignorância quando P15 considerou de maior eficácia interagir com alguém que possui conhecimento. A discussão foi mediada por P11, que acredita na aprendizagem para todos através do esforço pessoal.

Perguntamos aos alunos se achavam importante a influência dos pais na vida escolar de um filho, assim como Malala teve do pai dela. Responderam os alunos P3, P8, P10, P11 e P15:

P15: É decisiva.  
 P11: Mesmo não tendo a influência dos pais ou da família, de alguma forma tem em outro lugar, por exemplo, a escola.  
 P8: E se não tiver influência em casa nem na escola?  
 P11: A influência interior!  
 P8 :E se não tiver interior?  
 P3: Vira um marginal! Vira um (e cita o nome do colega).

Os participantes enveredaram por uma digressão discursiva surpreendente e novamente P11 intervém, sempre metamotivada, ressaltando a força interior que deve mover o ser humano. Posteriormente, no registro escrito sobre a roda de conversa, P11 ratificou as ideias apresentadas na roda, falando da importância de ter o apoio do outro, seja alguém do meio familiar ou escolar, mas, caso não tenha, como ela não teve por parte da família, isso não é motivo para desistir. Vejamos o trecho em que a aluna faz esse comentário:

P11: Em questão ao apoio familiar para estudar, ler e tal eu nunca tive e acho muito mais que importante uma criança ter porque ela desenvolve mais rápido e busca mais e mais conhecimento. Pra aquelas pessoas que não tem esse apoio eu conselho procurar na escola ou nem chegar a procurar por que tem professores que de olhar nos olhos já nós trás o apoio que precisa, tem professor que olha em seus olhos e fala “você vai longe” eu fico me perguntando como eles sabe isso acreditam tanto.

Ou seja, para P11, o apoio familiar é fundamental para que haja um desenvolvimento mais rápido e motivação contínua à aprendizagem, aconselhando aos que não o encontram em suas famílias a buscarem na escola, até mesmo no olhar de um professor que acredite neles.

Na sequência, questionamos os discentes acerca do poder que a escola tem para mudar o mundo. Respondeu a participante P15:

P15: a direção, os professores e os alunos sejam uma família, um ajudando o outro no que precisar.

Como podemos observar, a aluna parece revelar que o poder da escola está na capacidade de união com a sociedade. De acordo com as propostas sobre motivação escolar de Tapia e Fita (2015), nos Quadros 1, 2 e 3, essa interação é indispensável ao êxito do ensino-aprendizagem na sala de aula.

Indagamos, na sequência, se todos ali tinham facilidade para colocar no papel suas ideias e seus pensamentos, como o fizeram, e perguntamos, ainda, o que o projeto representou para eles e o que aprenderam com ele. Responderam P11 e P3:

P11: Eu não consigo passar para o papel o que realmente está na minha cabeça, tipo, eu tento botar o mais próximo possível.

P3: Gosto de escrever, professora, só não gosto de ler, sou burro, professora

Esse foi um dos momentos em que os alunos pouco falaram, restringindo-se,

basicamente, falar sobre as dificuldades ou facilidades que encontram para anotar suas impressões sobre algo, como fizeram com o diário de leitura. Enquanto P11 relatou dificuldades com a escrita, P3 diz o inverso: as dificuldades que enfrenta relacionam-se à leitura, pois gosta de escrever.

É importante destacar, mais uma vez, que P3 havia dito, na sondagem inicial que odiava ler. E aqui ele justifica seu comentário anterior: “*só não gosto de ler, sou burro, professora*”. É provável que tal afirmação (*sou burro*) seja marca de palavras mal ditas (e por que não, malditas) no seio familiar ou escolar, causando efeitos devastadores em sua autoestima, em suas crenças e valores pessoais e de mundo. No entanto, ratificamos: o que verificamos, ao longo do projeto, foi um real crescimento desse discente, enquanto leitor e produtor de textos.

Prosseguindo com a roda de conversa, dialogamos sobre as dificuldades enfrentadas por Malala, que morava em um lugar onde estudar era proibido e isso não foi motivo para ela desistir dos seus sonhos. Comparada à realidade dos alunos participantes da pesquisa, questionamos o que lhes faltava para valorizarem mais a leitura, a escola, a aprendizagem, pois Malala não desistiu dos sonhos dela, mesmo sendo proibido estudar. Responderam P8 e P10:

P8: Uma biblioteca.

P10: A questão que você tava falando, minha vó ela me disse que a gente tem que dar muito valor aos estudos todos os dias, porque a gente tem caneta, tem bolsa, e antigamente nem isso eles tinham, era tudo numa sacola, e mesmo assim nem tempo de estudar eles tinham porque o tempo que era da escola eles tavam trabalhando pra ajudar os pais, porque antigamente eles não tinham um pingão de condição, e tipo, antigamente até um pedacinho de pano era uma fortuna, e hoje em dia a gente tem bolsa e não tem cuidado, tem caderno e não tem cuidado, tem um estudo bom e não tem o cuidado. Hoje em dia a gente tem mais opções de estudo, tem cursos, antigamente não tinha eles só tinham parece que duas opção ou era três pra poder se formar em alguma coisa, e mesmo assim eles nem tinham como se formar porque era só, tipo, esse estudo alto era só pra quem tinha dinheiro e hoje em dia a gente tem o ENEM, tipo, bem dizer de graça e só a gente começar a estudar pra chegar no topo. Hoje em dia, tipo, é só a gente querer mermo e focar o dia a dia, minha tia mesmo, o povo lá maior cacete e ela foi sozinha, não tinha quem pagasse nada dela, era faculdade pública e hoje em dia ela nem se importa. Meu padastro queria pagar minha faculdade, mas eu disse que não, que eu que tinha que me esforçar, fazer o ENEM e conseguir.

Ao dizer que, para valorizar a leitura, eles necessitavam de uma biblioteca, P8 enfatiza ainda mais o que já havia dito, anteriormente, quando questionada se costumava ir à biblioteca: “*Não, porque no bairro não tem biblioteca e A Biblioteca da escola só fica fechada*”. Ao citar a biblioteca, a aluna demonstra sentir falta de utilizar esse espaço para leitura. E talvez o fato de o projeto ter sido realizado na biblioteca escolar, onde puderam

desfrutar de momentos de concentração e de interação sobre as atividades desenvolvidas pela professora-pesquisadora, possa ter contribuído para que P8 desse ainda mais importância a esse espaço – biblioteca – para o desenvolvimento de práticas leitoras. Já P10 revela que o discurso familiar tem forte influência em sua argumentação, permitindo-lhe comparar as dificuldades encontradas no passado, pelos pais e avós, com as facilidades que eles (alunos) têm hoje, e não são reconhecidas por eles mesmos. Seus posicionamentos provocaram impacto muito positivo sobre os demais, principalmente ao dizer que pretende ingressar na universidade por mérito dos estudos.

Dando prosseguimento à roda de conversa, perguntamos o que eles fariam se a educação no Brasil fosse proibida. As seguintes respostas foram dadas pelos participantes P3, P8, P9, P10, P11 e P15:

P8: Eu ia pros Estados Unidos!

P11: Gente, eu roubava livros (rs)

P8: Viajava para os estados unidos e morava lá.

P15: Eu costumo dizer que quem faz as fronteiras do que a gente pode fazer, e do que a gente pode falar, ou até mesmo o modo de agir, é a gente mesmo.

P8: Anota aí, anota aí!

P15: Porque tudo que a gente quer, se a gente quiser mesmo a gente vai conseguir. E tipo, desde você querer, vou parar de estudar vou virar traficante, se você quiser aquilo você vai conseguir aquilo, de uma forma bem mais fácil, se você quiser ser um oficial, quero ser uma policial e tal vai ter muito mais obstáculos com certeza, porque vai ter dificuldade, vai ter aquele momento que você vai precisar tá em um lugar mais muito importante, ah, eu tenho o curso de medicina, mas a minha faculdade talvez eu precise trabalhar para poder pagar aquilo, então vai ser uma correria muito maior, então vai ter muitos obstáculos até a gente conseguir aquilo, o que não pode acontecer é que nada nem ninguém impeça isso, da mesma forma se caso fosse proibido de não fosse mais permitido o estudo.

P3: Ia pedir dinheiro no ônibus, dizer “eu tô aqui, num tô matando, num tô robanu”...

P8: Fazia cursos online.

P11: Confesso que seria muito complicado

P11: A primeira coisa que eu ia perguntar era por que isso, por que esse decreto..

P8: Hein, professora, fazia um acordo com os Estados Unidos e os talibãs pra eles mandar umas bombas lá no Congresso, aí eu ia ser o presidente.

(Muitos risos.)

P9: Do jeito que ele é eu tenho certeza que ele faria isso.

P8: É a decisão mais sábia que tem.

P15: A mudança começa em um momento como esse.

P11 A gente não tem muito direito de reclamar não, sobre educação. Os que estão roubando nosso dinheiro, né, que poderia ter muito investimento, tá pegando esse dinheiro pra fazer investimentos em escola pública e tal, mas a gente não pode reclamar, porque a gente tem estudo, a gente tem livros mesmo sendo os do ano passado, sendo ruins, a gente tem internet também, a gente tem alguns professores bons.

P10: E se eles tirassem internet?

P11: Tem livros.

P10: Se eles queimassem os livros?

P8: Hackeava na internet.

P15: E quando tinha, eles até trocavam por comida. [...] A única coisa que basta é a consciência da gente ver isso, de acordar todos os dias e, não só nos estudos, mas assim e as outras coisas, e agradecer pelo que a gente tem, e valorizar cada vez mais. Porque pessoas que passam tanta dificuldade em relação a tudo, que passam fome e sede...

Quando consideramos as respostas dadas, percebemos que alguns alunos demonstraram não ter levado tão a sério o questionamento feito, uma vez que responderam: viraria mendigo (P3); sairia do país, faria um acordo com os Estados Unidos e com os talibãs, destruiria o Congresso e tomaria o poder (P8); cogitaria a possibilidade de ficarem sem internet e terem os livros queimados (P10). Demonstrando comprometimento com a discussão que estava ocorrendo, P11 e P15 retomam a realidade e revelam acreditar no poder da resistência, afirmam que é preciso ter consciência, ser grato e saber valorizar a educação que têm.

Encerrando a roda de conversa, retomamos as declarações de P8 e P11 acerca do barulho na biblioteca durante a execução do projeto para instruímos sobre como utilizar esse espaço, e agradecemos a contribuição de todos os participantes durante o período em que realizamos a pesquisa.

Após o debate, observado que alguns participantes não se expressaram oralmente na roda de conversa, realizamos o segundo momento solicitando a todos um registro escrito da discussão acerca da frase dita por Malala Yousafzi e da experiência vivenciada na roda de conversa. A resposta a seguir foi dada por P1:

Sim! na minha opinião, uma criança, um professor, um livro e uma caneta podem mudar o mundo, e principalmente se as pessoas acreditam que sim. Mais ultimamente a violência tem aumentado e o número de pessoas que estão indo para o crime esta so aumentando cada vez mais. esta cada vez mais difícil ensinar a uma criança a ler, por causa das redes sociais, lembro-me de antigamente, o ensino era bem divertido, os professores eram bem legais, alguns chatos masi assim ia. Queria tanto que o mundo ao invés de ficar na frente de um celular 24 horas por dia, pegasse um livro de seu agrado e começasse a ler. “Uma caneta”, as pessoas estão utilizando mais a rede social como uma arma também, masi eu penso, se todos pegassem canetas, papeis e se juntarem para fazer lindas frases, poemas ou até as mais doces melodias, seriam perfeito.

Para P1, dois fatores dificultam o ensino da leitura: o aumento da violência e o uso do celular sem controle. Sua proposta para mudança é a substituição do celular pelo livro e uma caneta, para que juntas as pessoas pudessem criar poesia e música em vez de guerras.

A aluna P2 limitou-se a uma afirmação: “Essa frase é bonita é também interessante”, mas não ousou interpretar a frase.

P3, por sua vez, afirmou:

A Roda de conversa cada um conto um pouco da sua historia e percebi que um pouco de cada pessoa tem uma “Malala dentro de si.

Mais uma vez, percebemos o quanto esse aluno, que afirmara que odeia ler, revela-se um leitor inteligente, sagaz, que estabelece relações entre o texto e a realidade. Para ele, a roda de conversa oportunizou o conhecimento das histórias de vida dos colegas, fazendo-lhe chegar à conclusão de que todos eles são heróis, assim como Malala, conforme se expressou em prosa poética.

O participante P4 fez o seguinte relato:

eu não entendi muitas coisas porque eu cheguei atrasado mas quando eu cheguei as meninas tava dialogando e falando sobre malala que não podia estudar e ela fazia de tudo mesmo não podendo estudar ela se esforçava e muitas pessoas hoje em dia tem estudo fácil e não querem estudar o governo ainda paga para as pessoas estudar e muitas não têm nem aí e uma pessoa que não podia se esforçar e fez a diferença no mundo.

Apesar das dificuldades para fazer o registro no diário de leitura, P4 foi levado a refletir sobre o debate, e, ao reconhecer as facilidades que possuem e não valorizam, compara a história de Malala com a deles e afirma, com certa indignação, que ela não podia, mas se esforçou e fez a diferença no mundo, enquanto eles têm tudo facilitado e não valorizam.

Outro aluno, P5, fez a seguinte declaração:

A educação pode sim mudar a vida das pessoas, e Malala está fazendo isso, está mudando vidas das pessoas, está correndo atrás dos direitos das pessoas. E que ela e o pai dela já abriram escola em países para crianças e adolescentes, pessoas que não tinham estudo, ela deu as oportunidades de conhecer a educação escolar e mudaram vidas.  
Foi muito bom, porque agente falou o que que tinha para falar, foi muito importante ouvir o que eles estavam falando, eu aprendi muito, até corrigi algumas coisas que eu estava errando, aquela roda ajudou muito pessoas, e melhoras a educação das pessoas.

P5 afirma que a Educação tem poder para ressignificar as pessoas através dos estudos, enaltecendo as ações de Malala em prol dos que têm seus direitos à Educação cerceados. A roda de conversa foi instrumento que lhes deu direito à voz, possibilitou o conhecimento do outro, através do qual pode corrigir conceitos que julgava certos, ratificando o debate como poder para melhorar a educação das pessoas.

O aluno P6 fez a seguinte análise:

Essa frase é muito bonita nela expressar uma Educação enorme para o planeta.  
Os grandes escritores são aqueles que tem um grande exemplo de educação, Malala além de ser uma ótima guerreira além de ser quase morta que queria lutar pela importância dos estudos para todos, então essa frase mostra tudo isso.  
Na Roda de Leitura eu não vim mais imaginei que foi super legal falarem sobre essa pessoa maravilhosa Malala.

Para esse discente, os grandes escritores funcionam como exemplos de educação para o mundo, bem como a atuação de Malala na luta e conscientização da importância dos estudos para as pessoas.

As reflexões do discente P7, por sua vez, afirmam o poder de ressignificação existente em cada ser humano:

Bom na minha opinião eu acho que sim por que a sabedoria vem do professor e a criatividade do aluno[...] [...] acho que sem os estudos sem escola não seríamos nada não ia aver respeito, união inteligencia mais enfim, qualquer um faz o que quer cada um tem o dom de mudar o mundo principalmente eu ou você só basta ir até o fim e nunca desistir dos meus obstaculos e sempre seguir em frente[...] meus pais sempre mim dizia (cita o próprio nome) o que você queria ser eu sempre respondia mãe eu queria ser soldado mais meus pais não aceitava isso falava que era muito arriscado e so trazia desgosto para ela mais sabe o que eu fazia ingnorava e não falava mais nada para ninguém meus pais sempre mim botava para baicho eu sei que não era facil eu ia para o meu quarto desabafar com o meu travesseiro cada lagrima que caia em meu rosto era uma esperança e ate hoje eu não desisto do meu sonho queria dar orgulho a eles de um jeito ou de outro varias pessoas falam que não vou conseguir mais eu não ligava mais por dentro estava despedaçando dentro de mim comecei a mim apegar um pouco com a biblia e falava de deus dos seus membros e cada capitulo que eu estava lendo cada vez eu adorava gostava das suas histórias e chorei na sua morte ele salvou as nossas vidas e derramou seu sangue ai eu parei um minuto para refletir e falei para mim mesmo. Por que esse homem se arriscou tanto para nos salvar então fui procurar a resposta na igreja la eu aprendi que ele morreu na cruz pra nos salvar e por que ele ama a gente porisso eu sei que qualquer coisa que aconteceu foi ele que criou meu segundo pai meu guerreiro e pelo menos ele acredita que eu vou conseguir so queria que minha familia desse apoio a mim que falasse você consegue não desista dos seus sonhos enfrente qualquer obstaculo seja forte na hora da queda mais no fim se eu conseguir ter o meu sonho em minhas mãos eu vou dizer para minha mãe: mãe eu vou vencer e a senhora vai ter orgulho de mim. mais eu entrego tudo nas mãos de deus e que ele vai ajudar eu chegar la porisso eu digo nunca desista dos seus sonhos qualquer pessoa pode mudar o mundo primeira coisa e a escola e depois a gente ver no que vai dar. FIM <3

Em seu relato, P7 revela seu sonho: ser um policial numa realidade em que tal profissão é de alto risco, razão pela qual enfrenta resistência dos pais, sente-se oprimido e desamparado, encontrando na fé e na escola os fundamentos da vida, sem os quais considera não haver como realizar os sonhos e mudar o mundo.

O aluno P8, por sua vez, crê nos estudos como maneira de mudar o mundo e relata que a roda de conversa foi um momento de aprendizagem e socialização de ideias e opiniões, como podemos observa no trecho a seguir:

Essa mensagem para mim quis dizer que os estudos podem mudar muito o mundo  
E a roda de ontem foi bem legal que todos disseram o aprenderam e trocaram idéias e qual a sua opinião.

Mais elogios acerca da roda de conversa foram feitos pela discente P10, que considera que a roda trouxe vários benefícios:

Essa frase representa muita coisa, porque de uma caneta e um livro veem os melhores escritores porque essa frase pode muda vidas, e tras uma boa reflexão pra vida de quem tentar entender a intensidade da frase. Essa roda de ontem, falamos so coisa boa, e aquela roda nos uniu muito, porque se expressamos muito, falamos o que sentimos, e teve pessoas na roda que nunca se entrosou entre nois, falou muito.[...]

Essa aula de ontem me fez dar mais amor a meus estudos, porque muitas pessoas querem so um pedaço de papel e não desistir dos sonhos porque eu com um bom ensino desse vou deixar passar.

A escola para mim e minha base, por que eu na escola me sinto bem pra mim aqui e minha 2ª familia, e ela me fez conhecer o melhor lado da vida, que e ter amor pelo proximo.

Aprender nessa roda, que não devemos deixar passar oportunidades como essa.

Para a aluna, a roda trouxe unidade ao grupo de discentes, que expuseram seus sentimentos e interagiram entre si, sentindo-se à vontade para dialogar e conversar sobre as questões propostas pela professora-pesquisadora. A roda de conversa também foi motivo de reflexão sobre a valorização dos estudos, quando esse discente reconheceu a escola como sua base e sua segunda família.

Para P11, a roda de conversa é uma atividade prazerosa:

Adorei a ideia da roda de conversa, na verdade adoro toda vez que acontece isso independentemente do assunto, quando chegou o dia demorou um pouco para conter a turma e chegarem todos mas enfim foi legal ver todos participando, ver quando a professora fazia uma pergunta e nós ficava falando por um tempo tipo uma conversa sabe...ver a professora estimular os nossos pensamentos. Vê pessoas com vontade de falar mas não falou não sei o porque mas eu queria que falassem.[...]

A pergunta que me deixou por um tempo sem respostas foi: “E se aqui fosse igual o paquistão, se as meninas não podesse estudar...Que vocês faria?”. Por um momento não tive resposta fiquei parada no tempo procurando uma e quando pensei em algo foi “Estudava escondido, roubava livros!”Pra mim particularmente essa pergunta me deixa sem chão, me deixa sem lugar para olhar sabe...acho que é porque nunca me fiz essa pergunta e na real eu não sei o que eu faria[...] Em questão ao apoio familiar para estudar, ler e tal eu nunca tive e acho muito mais que importante uma criança ter porque ela desenvolve mais rapido e busca mais e mais conhecimento.Pra aquelas pessoas que não tem esse apoio eu conselho procurar na escola ou nem chegar a procurar por que tem professores que de olhar nos olhos já nós trás o apoiu que precisa, tem professor que olha em seus olhos e fala “você vai longe” eu fico me perguntando como eles sabe isso acreditam tanto.

Essa discente demonstrou sentir-se estimulada pelas perguntas, que lhes permitiu observar e ouvir os colegas falarem sobre suas habilidades e suas dificuldades. Aventada a possibilidade de ter a educação proibida, no Brasil, essa discente ficou “sem chão”, pois a escola é a sua base. Mesmo sem apoio da família para os estudos, P11 não se vitimiza e fala da importância do professor ao incentivar os alunos a estudarem, a realizarem seus sonhos. Segundo afirmam Paiva e Lourenço (2010), a escola deve ser esse espaço capaz de ativar o sentimento de pertença no aluno, amparando-o nas suas dúvidas e necessidades, consistindo a motivação num processo mediado que envolve aluno, professor, sala de aula e cultura da escola.

A seguir, apresentamos o que disse P12 sobre a roda de conversa e a frase de Malala:

Bom... Eu gostei muito, foi muito interessante, e eu aprendi muitas coisas. Nós interagimos bastante, falamos sobre nossas vidas, cada aluno falou um pouco. Falamos também sobre o livro Malala, que também é muito bom, eu gostei bastante dele. E ele também conta a história de uma menina muito boa, que ganhou o prêmio Nobel da Paz. Ela defendia as mulheres, queria direitos iguais, queria estudar. Eu amei o projeto, e vou levar a lembrança dessa experiência comigo para sempre.

Conforme observarmos, a participante afirma ter aprendido muitas coisas com a atividade proposta, inclusive, interagiu bastante, ouvindo os colegas. Acerca do livro, P12 posiciona-se enaltecendo Malala por sua luta em defesa dos direitos à educação para as mulheres, afirmando ter amado o projeto.

Temos, ainda, o relato da aluna P13:

Tivemos nossa “Roda de conversa”, onde expomos ideias, opiniões, e muitas perguntas, foi uma longa conversa, digamos Assim, em relação a Malala e seus costumes, a professora tirou nossas dúvidas e etc... Na verdade não lembro direito kk I SORRY.

Essa discente enumera os fatos ocorridos na roda, quer seja a exposição de ideias ou opiniões mediante uma longa conversa, afirmando terem sido respondidas suas dúvidas acerca do livro.

A aluna P14, por seu turno, se detém na análise da frase dita por Malala:

Essa frase é bonita, mas também é estranha. tem muita razão o professor a criança, o livro e caneta são importantes para mudar o mundo, 1º precisa educar crianças, para que as crianças eduquem o mundo transformem o mundo que faça do mundo um lugar melhor e o único caminho é educar essa juventude que vai ficar no mundo, a próxima geração que vai mudar o mundo e também ensinar essa geração a melhorar.

Para P14, as crianças são os agentes transformadores do mundo, merecedoras de olhares especiais em relação à Educação para que sejam replicadas nas próximas gerações com capacidades para transformar o mundo.

Segundo P15, a roda de conversa é a melhor forma de aprendizado:

Cada pessoa com personalidades, pensamentos e conceitos diferentes, ouvir ideias de outra pessoa que pensa “diferente” de nós e uma das melhores formas de aprendizado faz com que as formas de interagir seja modificadas assim também como as atitudes, frases lançadas no ar de pessoas inesperadas que jamais esperam ouvir aquilo delas. Cada qual com sua forma incrível de pensar umas saem da teoria e entram na prática, outras faltam apenas incentivo para praticas. Bastam só acreditar em si mesmo e as pessoas darem voz a elas, para se expressarem de forma clara e com isso contribuam para a melhora do mundo, foi o que aprendi na roda de conversa.

Essa discente compreendeu que ouvir opiniões diferentes é a melhor forma de aprender, pois ideias diferentes têm o poder de modificar conceitos equivocados, ou seja, o olhar do outro facilita o caminho para outras compreensões.

Acerca da frase de Malala dita à Organização das Nações Unidas por ocasião do recebimento do Nobel da Paz, a participante considera a importância de a criança receber apoio e incentivo para que se mantenha acesa a chama da conquista dentro de si:

A frase “Uma criança, um professor, um livro e uma caneta podem mudar o mundo”, uma criança ela tem a capacidade de criar a sua “personalidade”, sua “indole” com firmeza que ensinam para elas se der um papel e uma caneta para ela e mostrar o correto e que ela leve isso para vida ela vai sim mudar o mundo e mais ainda se pessoas importantes que ela ama apoiar, incentivar dar a maior força vai tratar com que a chama da conquista fique sempre viva.

Assim como P4, observamos que P15 também considera a criança como agente transformador do mundo, sendo, portanto, merecedora de especial atenção em relação à Educação. A esse respeito, Freire (1967, p. 97), afirma que “a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”.

P15 prossegue afirmando que necessitamos de uma educação corajosa, que enfrente a discussão e dê direito à participação, capaz de promover a ingenuidade em criticidade. Paulo Freire (1967) já se posicionava a esse respeito da seguinte maneira:

Daí a necessidade de uma educação corajosa, que enfrentasse a discussão com o homem comum, de seu direito àquela participação. De uma educação que levasse o homem a uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço. A da intimidade com eles. A da pesquisa ao invés da mera, perigosa e enfadonha repetição de trechos e de afirmações desconectadas das suas condições mesmas devida. A educação do “eu me maravilho” e não apenas do “eu fabrico”.[...] Não há nada que mais contradiga e comprometa a emergência popular do que uma educação que não jogue o educando às experiências do debate e da análise dos problemas e que não lhe propicie condições de verdadeira participação. (FREIRE, 1967, p. 93)

O fundamento de toda a *práxis* de Freire consiste na sua convicção de que o homem foi criado para se comunicar e, para que isso ocorra, é preciso que as palavras não sejam ocas e que ninguém seja posto à margem. Portanto, consideramos de grande importância a roda de conversa como ação motivadora e formadora de leitores críticos e reflexivos, capazes de exercer o direito de ouvir e de falar, de se resignificarem pelo discurso do outro.

### 4.3 A Sondagem Final

Diante do plano de ação apresentado, buscamos verificar, por meio de atividade de sondagem final, mediante quatro questões, quais as implicações do trabalho com o diário de leitura e com a roda de conversa para a motivação dos alunos para a leitura, identificando assim se o projeto desenvolvido logrou êxito. Vejamos, então, a análise das respostas dadas pelos alunos acerca de cada questão a eles proposta.

#### **4.3.1 Em que o livro *Malala, a menina que queria ir para escola* contribuiu para sua aprendizagem? Que contribuições trouxe para sua prática de leitura, ou seja, para sua maneira de ler?**

As respostas dadas demonstram que a leitura do livro teve um impacto positivo na prática leitora de todos os alunos. A seguir, apresentamos o dizer dos alunos sobre esse tema.

Quadro 20: Em que o livro “Malala, a menina que queria ir para escola” contribuiu para sua aprendizagem? Que contribuições trouxe para sua prática de leitura, ou seja, para sua maneira de ler?

P1: Bom, pra mim foi ótimo, logo eu que sou apaixonada por livros e esse incentivo do livro só me “incentivou” a estudar e a ler mais ainda.

P2: Minha maneira de ler ficou melhor e também minha escrita.

P3: Não só o livro Mais Malala em si traz paz um exemplo da sociedade do talibã que a base do talibã a injusta e eu melhorei na minha leitura e na escrita.

P4: foi bom incentivou muito na leitura

P5: Eu aprendi que nunca devemos desistir de nossos sonhos. E ler para ter mais conhecimentos de histórias interessantes.

P6: Contribui uma imensa curiosidade como ler e praticar, entra naquele mundo que a leitura nos mostra. Ler é tudo, ler é vida.

P7: Me ensinou a explorar mais a história dela e me chegar mais aos livros pra saber mais sobre as coisas. Esse livro me ajudou para que eu conseguisse melhorar minha leitura.

P8: E eu aprendi bastante sobre o talibã e que lá os estudos não são uma coisa muito valiosas.

P9: Sim. Eu aprendi a ler com mais calma, como a escola é importante, e também descobri várias palavras

novas.

P10: Ela tipo assim, so me fez perceber que não devemos desistir dos estudos, independente de qualquer obstaculo

P11: Me fez pensar mais sobre o ensino, a escola. Abriu minha mentes em varias coisas por exemplo nos direitos humanos e por incrível que pareça me trouxe uma revolta. na leitura me senti como elas e como os talibãs e para ambos foi difícil me imaginar lá

P12: Contribuii na história dos talibãs e paquistaneses.

P13: Contribui bastante em relação das história dos talibãs e outros.

Em relação a minha maneira de ler nada mudou. sempre tive mania de ler, Desde meus 08 anos de idade.

P14: Não sei explicar

Acho que me deu ainda mais vontade de ler.

P15: Malala, uma moça incrível de uma coragem e força de vontade inspiradora, Ao ler e imaginar a história da vida dela me motivou bastante, me mostrou de verdade que o que a gente quiser, a gente vai conseguir, não importa se você é rico empresário, ou pobre limpador de chão, todos temos o poder da conquista correndo em nossas veias. Não consigo esquecer a seguinte frase “Muito bem! Estudem bastante porque a educação é muito importante para meninos e meninas”

Os alunos P1, P4, P7, P8, P10, P12 e P14 declararam que a leitura do livro lhes trouxe mais estímulos para estudar e ler; a história de Malala constituiu-se assim um elemento motivador para que valorizassem o estudo e a leitura, inclusive, melhorando o modo de ler, como relata P7. Alguns desses alunos ressaltaram que, ao trazer conhecimento sobre outras culturas que não valorizam os estudos, a obra permitiu o confronto provocando-lhes novos posicionamentos sobre o assunto.

Já para P10 e P12, o exemplo de Malala fez com que percebessem que não devem desistir dos estudos sob hipótese alguma, mas enfrentar os obstáculos com valentia.

P2 e P3, por sua vez, afirmaram ter melhorado em relação à leitura e à produção escrita. Ao dizer que não só o livro, mas Malala trazem paz pelo exemplo dado, ressaltamos, mais uma vez, o desenvolvimento da capacidade reflexiva do participante P3, que iniciou declarando odiar ler, e apresentava sérias dificuldades linguísticas ao articular as ideias e registrar seus pensamentos, mas, ao longo do projeto, demonstrou total envolvimento e comprometimento, e, neste último momento, analisou os fundamentos do talibã como injustiça e refletiu sobre o próprio processo de leitura e de escrita.

Através da leitura do livro, os alunos P5, P6, P7 e P9 revelaram-se motivados a descobrir como ler e praticar a leitura, adentrar no seu universo, reconhecendo-a como inerente ao ato de existir, além de desenvolverem mecanismos de reflexão. Além disso, também perceberam a importância da escola e afirmaram ter aprendido a jamais desistirem

dos sonhos.

Para os alunos P9, P11, P13 e P15, a leitura do livro promoveu novos hábitos leitores de forma reflexiva, trouxe conhecimento de temas importantes sobre os quais desconheciam acerca de outras culturas, provocando-lhes questionamentos, além de serem motivados a conquistarem seus sonhos mediante a Educação.

Vejamos, agora, as respostas dadas pelos alunos ao segundo questionamento proposto na sondagem final.

#### **4.3.2. Malala defendeu o seu sonho de estudar e não desistiu diante das dificuldades. Você enfrenta alguma para ter acesso à escola e à leitura? Quais?**

As dificuldades superadas por Malala para conquistar o direito à Educação a transformaram numa jovem voz pela defesa dos mesmos direitos para crianças e mulheres no mundo inteiro. Nessa direção, os relatos dos alunos demonstram que eles foram motivados para o enfrentamento de suas próprias dificuldades, sejam elas as mais básicas ou as provocadas pelos graves contrastes sociais nos quais que estão inseridos. Vejamos, no quadro a seguir seus posicionamentos.

#### **Quadro 21: Você enfrenta alguma dificuldade para ter acesso à escola e à leitura? Quais?**

P1: Eu, por graças a Deus, não enfrento nem um tipo de dificuldade, mas só as vezes quando estou lendo meus olhos ficam embaçados. Mais isso não é nem um problema.

P2: Nada não me impede de vir para escola.

P3: Eu tenho apoio da minha família.

P4: Graças a Deus eu não tenho nenhuma

P5: Não! Meus pais mim insentivam a vir a escola mas tenho um pouco de dificuldade em pegar um livro e ler.

P6: Não! pois. agente não enfrentar nenhuma dificuldade para estuda não ha escola pra mim é um paraíso. (P.6)

P7: Eu enfrento todos os dias quando saio de casa atrasado mais eu não desisto e vou para a escola quando eu estou doente eu ainda vou para escola por que nada nesse mundo pode me fazer desistir principalmente das escolas.

P8: Sim, Acordar cedo e à distância.

P9: Não...Como dizer, de vez em quando não posso ler o livro que quero porque esgotou ou não tenho dinheiro para comprar.

P10: Não, minha escola e um paraíso não enfrento nada, e se tem não reparo muito.

P11: A escola não mas a leitura sim. Não a leitura exatamente, digo a leitura de livros na mão, aquela antes de ler você pega o livro sente o cheiro e admira a capa por um tempo sabe que o livro é seu...porque não costumo comprar livros e nem a ganhar livros.

P12: Sim. A preguiça. Mas como eu gosto de estudar, (um pouco...) eu enfrento ela.

P13: Bom...As vezes a preguiça vem e me incentiva “Vai não, fica aqui” mais eu lembro que sem estudos não serei nada no meu futuro.

P14: Não. Só a preguiça.

P15: Perto do que Malala passou o que a gente vive hoje é Mamão com Acucar” como diz a professora Evânia. kk  
Graças a Deus não passo por nenhum tipo de dificuldade, tenho pessoa comigo que me incentivam e apoiam os meus estudos.

Os discentes P2, P4, P10 e P6 relataram não enfrentar nenhum tipo de dificuldade, e chegam a considerar a escola um paraíso. Já a discente P1 relata não sentir dificuldade em relação à leitura, mas, ao mesmo tempo, aproveitou para relatar que apresenta baixa acuidade visual, fato a que sempre nos atentamos e orientamos quando percebido.

P3, P5 e P15 recebem apoio da família, no entanto, e afirmam serem insignificantes os problemas enfrentados se comparados aos de Malala. Bastante motivado, o aluno P7 declara que nenhum obstáculo será capaz de demovê-lo do processo de aprendizagem escolar. Dificuldades financeiras para adquirir livros são mencionadas pelas discentes P9 e P11, que se declaram amantes da leitura.

Para P5, há o incentivo familiar para os estudos, porém ele ainda sente dificuldades para realizar leituras. Já para P8, acordar cedo é a única dificuldade. A preguiça é um elemento dificultante para P12, que alega gostar de estudar, assim como P13, que alega que não haverá futuro sem os estudos, e também para P14.

No tópico a seguir, apresentamos a análise das respostas dadas pelos alunos acerca do projeto de leitura.

#### **4.3.3. O que o Projeto de Leitura representou para você? O que aprendeu com ele?**

Vejamos, no quadro a seguir os posicionamentos dos participantes acerca da eficácia do projeto a ser lido.

Quadro 22: O que o Projeto de Leitura representou para você? O que aprendeu com ele?

<p>P1: Que Malala foi uma grande sonhadora, e nunca desistiu de seu maior sonho, que era estudar. E isso me motivou muito mais a ir a escola, pois não somos nada sem os estudos.</p> <p>P2: Não sei explicar Aprendi que ler é importante</p> <p>P3: Aprendi que nós temos que valoriza nossos ensinamentos e alem da (MULHERES sofrerem com →colica, dor de parto, cuida da casa, e de filho, aguenta o marido. ter do de cabeça. ETC e vamos estudar NÉ</p> <p>P4: aprendi que temos que se mais esforçado apesar que temos os estudos em nossas mão e não aproveitamos e com essa leitura virmos que pessoa que não pode estuda arriscou a propia vida para consegui estudo e muitos tem estudo facil e não liga.</p> <p>P5: Acredito que o projeto nós motivou, e aprendemos que ler é muito importante.</p> <p>P6: Representou várias coisa, como a importância dos estudos. Ah! aprendi alidar com pessoas diferentes, e praticar bons hábitos de Leitura.</p> <p>P7: Eu aprendi que representou muito pramim esse livro de Malala mim conquistou mim fez chegar mais proximo da leitura e aprendi que devemos dar valor a o que nós temos hoje.</p> <p>P8: Eu aprendi que nós temos que valorizar as nossos estudos que como as as meninas também tem muitos lugares que estudar e proibido.</p> <p>P9: Representou muita coisa , eu pude fazer uma coisa nova (que é fazer parte do projeto), conhecer um pouco mais sobre os meus amigos, aprendi várias palavras novas e como é a vida num lugar diferente do mundo.</p> <p>P10: Representou varias coisas, me fez me expressar mais e ele foi uma coisa maravilhosa na minha vida, e aprender me dar com pessoas que nunca imaginei me dar bem.</p> <p>P11: Aprendi a falar na escola Cantalice. Foi para refletir e expressar então eu fiz isso pela primeira vez na escola, foi bom pensar e conversar sobre o assunto.</p> <p>P12: Representou a importância de estudar. Eu aprendi que para a gente ser alguém na vida, nós temos que focar nos estudos e que é muito importante.</p> <p>P13: Para mim teve uma grande importância, tanto para aprendizagem de povos diferentes, como foi uma experiência diferente, uma aula diferente é sempre bom.</p> <p>P14: Não sei explicar. Que ler é importante para a vida.</p> <p>P15: Serviu para a gente aprender que podemos sim, ser pessoas melhores, aprendermos a falar no momento certo e se calar para ouvir a voz do “mundo”, isso é a essencia.</p>
---

Acerca do valor atribuído ao projeto e a aprendizagem ter sido significativa, os discentes P1, P3, P4 e P15 descobriram a escola como lugar de realização de sonhos, de liberdade e de ressignificação, mediante o exemplo de superação de Malala, que os motivou de maneira intensa a não desistirem dos estudos por entenderem não haverá futuro para quem não estuda. Do mesmo modo, P3 afirma que o projeto contribuiu para que ele pudesse valorizar os estudos, a ponto de conclamar, com empolgação, a todos para o estudo: “e vamos

estudar NÉ”. Com P4, ocorre uma conscientização acerca da desvalorização em relação aos estudos por muitos praticados, ao comparar as dificuldades de Malala pelo direito à educação, que arriscou a própria vida para adquiri-lo, com as facilidades que possuem no seu contexto escolar e não sabiam dar valor. A aluna P15, por sua vez, aprendeu que podem ser pessoas melhores, capazes de interagir com o próximo e ouvir outras vozes que não a sua.

Foram motivados sobre a importância da leitura e valorização dos estudos os discentes P2, P5, P7, P8, P12 e P14. Para P2 e P5 aprenderam que ler é importante para suas vidas. O aluno P7 declarou-se conquistado pelo livro, considerou, ainda, que a obra o aproximou mais da leitura e despertou sua consciência sobre o valor dos estudos, que podia acessar livremente, mas não valorizava. Da mesma forma, P8 se posiciona acerca da valorização dos estudos. P12 foi levado a reconhecer a importância de estudar para constituir-se como sujeito no mundo, e P15 reconhece a prática da leitura como importante para a vida.

Com as análises, percebemos, ainda, que os discentes aprenderam a interagir, praticar bons hábitos de leitura e descobrir novidades acerca dos colegas P6, P10, P11 e P13. Assim como P15, os alunos P6 e P10 revelaram ter aprendido praticar bons hábitos de leitura, a ouvir o outro e também a se expressar, a se maravilhar com as descobertas, conforme afirma Freire (1967, p.93) : “[...] De uma educação que levasse o homem a uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço. A da intimidade com eles.[...] A educação do “eu me maravilho” e não apenas do 'eu fabrico'”. Para P13, a aprendizagem de novas culturas e valores foi de grande importância como experiência, também reconhecendo como ação motivadora à prática de leitura uma aula sob nova perspectiva.

Para finalizar a análise da sondagem final, vejamos, a seguir, o que os alunos falaram sobre a experiência vivenciada com o projeto de leitura.

#### **4.3.4. Deixe uma frase com uma mensagem sobre esta sua experiência de leitura na escola.**

No quadro 23, abaixo, apresentamos as frases produzidas pelos alunos para falarem da experiência que tiveram com o projeto de leitura.

### Quadro 23: Experiência de leitura na escola

P1: Enquanto muitos desperdiçam a vontade de lê, outros desejam ter!

P2: Ler é bom.

P3: lê e o segredo pra vitória.

P4: pessoas que não estudo se esforça para aprende e muitos tem estudo fácil e não quer saber.

P5: Sempre ler, e nunca desistir dos seus sonhos.

P6: Os estudos são as unica coisa que temos na vida.

P7: Nunca deixe de estudar principalmente de ler a vida precisa que agente mostre o nosso dom a todos.

P8: A mensagem que eu quero deixar é que não abandone os seus sonhos que igual malala não desistiu e conseguiu mudar o pensamento de muita gente.

P9: Nunca desista. Se você tiver coragem e esperança fará com que sua voz seja ouvida.”

P10: Devemos amar o próximo como a si mesmo.

P11: Ler é sempre bom, mas já imaginou conversar sobre o que leu? É melhor ainda. Então não se trave, liberti-se e libere as palavras!

P12: Nunca deixe de estudar, só assim seremos o que quisermos.

P13: Nunca desista dos seus sonhos, nem das coisas que te fazem bem, mesmo com toda dificuldade.

P14: Ler é maravilhoso e te leva para lugares surpreidentes

P15: Nos mesmos que criamos as fronteiras da nossa vida, pensamentos e atitudes, você que decide o que é certo e errado para você!

Nas mensagens elaboradas, P1 e P4 buscam provocar a consciência do desperdício de oportunidades e valorização da Educação, comparando as dificuldades de acesso encontradas por Malala com o acesso facilitado que muitos têm e não valorizam, em países onde estudar (ainda) não é proibido. Já P3, ao afirmar que ler é o segredo da vitória, refaz suas crenças e valores equivocados que possuía inicialmente acerca da leitura, revelando-se sujeito reflexivo consciente de sua subjetividade.

P5, P6, P7, P8, P9, P12 e P13 posicionam-se a favor de que haja uma motivação para que os alunos não desistam dos seus sonhos, pois todos reconhecem a Educação como meio para revelação dos carismas existentes em cada ser humano, que farão a mudança do mundo quando suas vozes forem ouvidas. O exemplo de Malala foi ação motivadora decisiva para P8, que conclama a todos a não desistirem dos seus sonhos.

Posicionaram-se sobre a importância da leitura, do diário de leitura e da roda de conversa, P2, P3, P11 e P14. Os alunos P2, P11 e P13 concebem o ato de ler como ação prazerosa, que pode proporcionar o conhecimento de novos mundos. P11 acrescenta que melhor que ler é refletir sobre a leitura, conversar sobre ela, liberar as palavras, não se reprimir, libertar-se.

As alunas P10 e P15 deixam mensagens de amor ao próximo e superação de limites. P10, parafraseando o Evangelho, afirma ser a condição de amar ao próximo, o amor a si

primeiro, para que esse amor nada mais seja que uma extensão de si a fluir para a vida. P15 compreende que as mudanças estão na ressignificação dos próprios pensamentos e atitudes, mediante os quais poderemos atribuir juízos de valores sobre o certo e o errado.

#### 4.4 Discussão dos resultados

A seguir, exibimos um quadro comparativo contendo os posicionamentos dos participantes na sondagem inicial, especificamente, em relação às perguntas: *Você gosta de ler? Qual a importância da leitura em sua vida?*, e, na sondagem final, em relação às perguntas: *Em que o livro Malala, a menina que queria ir para escola contribuiu para sua aprendizagem? Que contribuições trouxe para sua prática de leitura, ou seja, para sua maneira de ler? O que o Projeto de Leitura representou para você? O que aprendeu com ele?*

Quadro 24: Posicionamentos dos participantes em leitura nas sondagens inicial e final

SONDAGEM INICIAL	SONDAGEM FINAL
<p><b>Você gosta de ler? Qual a importância da leitura em sua vida?</b></p>	<p>Em que o livro Malala, a menina que queria ir para escola contribuiu para sua aprendizagem? Que contribuições trouxe para sua prática de leitura, ou seja, para sua maneira de ler? O que o Projeto de Leitura representou para você? O que aprendeu com ele?</p>
<p>P1: ...Sim eu gosto de ler, a leitura é um item especial em minha vida, agradeço muito ao meu pai, pois aos meus 5 anos ele mesmo me ensinou a ler...É lendo que nós vamos aprendendo</p>	<p>P1: Bom, pra mim foi ótimo, logo eu que sou apaixonada por livros e esse incentivo do livro só me “incentivou” a estudar e a ler mais ainda.</p> <p>Que Malala foi uma grande sonhadora, e nunca desistiu de seu maior sonho, que era estudar. E isso me motivou muito mais a ir a escola, pois não somos nada sem os estudos.</p>
<p>P2: Eu gosto mais ou menos de ler porque tem uns livros que eu acho chato ai eu nem ligo em ler eu sinto vontade mais eu não leio por que eu penso que é chato. Eu acho importante por quando eu não tenho nada pra fazer eu pego o livro leio quando eu estou com problema eu leio um pouco eo problema sai da minha cabeça e o livro é importante pra mim nisso.</p>	<p>P2: Minha maneira de ler ficou melhor e também minha escrita.</p> <p>Não sei explicar Aprendi que ler é importante</p>
<p>P3: Eu odeio ler mais e nesessario né pra tudo mais quando e preciso. Quem foi que invento as palavra ‘leitura’... deveria ter o gravador nas, antiguidade. Mas fazer o que né se Deus quis assim, somos todos necessário a aprende a ler pois</p>	<p>P3: Não só o livro Mais Malala em si traz paz um exemplo da sociedade do talibám que a base do talibám a injustisa e eu melhorei na minha leitura e na escrita.</p>

<p>a sociedade nos obriga quem ta mais preparado e nais capaz.</p>	<p>Aprendi que nois temos que valoriza nossos ensinamentos e alem da (MULHERES sofrerem com →colica, dor de parto, cuida da casa, e de filho, aguenta o marido. ter do de cabeça. ETC e vamos estudar NÉ</p>
<p>P4: A leitura sempre foi e é muito importante nas nossas vida desde pequeno aprendemos quando somos pequenos nos começamos a fala mas todos nos quando e pequeno falamos errado e ao longo de tempo iremos aprendendo a ler e aprendendo a ler que aprendemos ler quando somos pequenos e so falamos corretamente por causa da leitura por isso é muito importante na nossa vida.</p>	<p>P4: foi bom encentivou muito na leitura</p> <p>apredi que temos que se mais esforçado apesar que temos os estudos em nossas mão e não aproveitamos e com essa leitura virmos que pessoa que não pode estuda arriscou a propria vida para consegui estudo e muitos tem estudo facil e não liga.</p>
<p>P5: Eu gosto de ler sim! É muito importante ler, para ter muito conhecimento, eu gosto de ler, porque eu entro na história, fico, imaginando, pra mim é isto você têm que entra no livro, foco na história imaginar senas, e por ai ter mais conhecimento de história que você nem sabia que existia, por isso, é muito importante a leitura.</p>	<p>P5: Eu aprendi que nunca devemos disistir de nossos sonhos. E ler para ter mais conhecimentos de historias interessante.</p> <p>Acredito que o projeto nós motivou, e aprendemos que ler é muito importante.</p>
<p>P6: Eu gosto de ler, pra mim é entra em varias aventuras no mundo de fantasia, gosta de ler e tentar achar maneira de querer entender o que realmente a leitura quer e mostra. A importância da leitura é muita coisa, pra mim ler e abrir grandes lugares de grandes histórias, a importância da leitura e tudo.</p>	<p>P6: Contribui uma imensa curiosidade como ler e praticar, entra naquele mundo que a leitura nos mostra. Ler é tudo, ler é vida.</p> <p>Representou várias coisa, como a importância dos estudos.</p> <p>Ah! aprendi alidar com pessoas diferentes, e praticar bons hábitos de Leitura.</p>
<p>P7: Eu acho que ler faz que a pessoa se reflita mais com a leitura e sim eu gosto de ler. Quando estou sozinho fico mais focado na leitura para explorar o que tem escrito e muito importante ler, saber o que aconteceu no passado nos deixa mais pensativo na vida a leitura não é só uma leitura comum e um estudo muito legal para se interessar e focar naquilo que surpreendeu agente na verdade eu gosto de ler me faz esquecer as tristezas eos problemas da minha vida acho que sem a leitura eu não tinha como expressar meus sentimentos, e muito importante pramim gosto muito de ler e como se fosse minha vida eu lendo em qualquer livro tem historias que parecem com agente que toca no coração e meche com a cabeça da gente como se fosse um exercicio e foi isso que eu entendi.</p>	<p>P7: Me ensinou a explorar mais a história dela e me chegar mais aos livros pra saber mais sobre as coisas.</p> <p>Eu aprendi que representou muito pramim esse livro de Malala mim conquistou mim fez chegar mais proximo da leitura e aprendi que devemos dar valor a o que nois temos hoje.</p>
<p>P8: Sim eu gosto de ler, ainda mais livros de aventuras e ficção científica também livros com ilustrações que são mais fáceis de Aprender e entender. Eu de em quando eu fico lendo livros no celular de Harry Potter, As Aventuras de tintim, O Hobbit e Senhor dos Anéis.</p> <p>A leitura é muito boa que eu aprendo bastante</p>	<p>P8: Esse livro me ajudou para que eu conseguisse melhorar minha leitura.</p> <p>E eu aprendi bastante sobre o talobã e que lá os estudos não são uma coisa muito valiosas.</p> <p>Eu aprendi que nós temos que valorizar as nossos estudos que como as as meninas também tem muitos lugares que estudar e proibido.</p>

coisa da vida e sobre outras coisas muitos legais.	
P9: Sim, adoro! Ler é importante na minha vida porque é uma das coisas que mais gosto de fazer. Quando eu estou triste, desanimado, ou mesmo sem vontade de fazer nada, eu costumo ler para passar o tempo. Eu amo ler livros de aventura, principalmente se forem as minhas aventuras. Eu crio várias histórias, a minha preferida é Os heróis Lendários, que fiz junto com meu amigo P8. Passo horas lendo e relendo elas.	P9: Sim. Eu aprendi a ler com mais calma, como a escola é importante, e também descobri várias palavras novas.  Representou muita coisa, eu pude fazer uma coisa nova (que é fazer parte do projeto), conhecer um pouco mais sobre os meus amigos, aprendi várias palavras novas e como é a vida num lugar diferente do mundo.
P10: Amo ler, Assim pra ser bem sincera eu gosto de ler e ela tem uma importância enorme na minha vida ler nos livra de muitos dias ruins, e uma ocupação pra mente, e isso pra mim.	P10: Ela tipo assim, so me fez perceber que não devemos desistir dos estudos, independente de qualquer obstaculo Representou varias coisas, me fez me expressar mais e ele foi uma coisa maravilhosa na minha vida, e aprender me dar com pessoas que nunca imaginei me dar bem.
P11: Amo ler, ler é vida, a melhor invenção do homem.  A leitura me trais conhecimento, me deixa curiosa e cada vez que leio me da mais vontade de ler. É tipo fome de leitura kkk. Acho que sem leitura em minha vida eu não saberia de tanta coisa e minha mente seria fechada para todos os assuntos.	P11: Me fez pensar mais sobre o ensino, a escola. Abriu minha mentes em varias coisas por exemplo nos direitos humanos e por incrível que pareça me trouxe uma revolta. na leitura me senti como elas e como os talibãs e para ambos foi difícil me imaginar lá.  Aprendi a falar na escola Cantalice. Foi para refletir e expressar então eu fiz isso pela primeira vez na escola, foi bom pensar e conversar sobre o assunto.
P12: Eu gosto, Porque me acalma, me distrai, me faz esquecer os problemas da vida. Prefiro os livros de suspense, Romance, mistério, Ficção e até os baseados em fatos reais.	P12: Contribuiu na história dos talibãs e paquistaneses.  Representou a importância de estudar. Eu aprendi que para a gente ser alguém na vida, nós temos que focar nos estudos e que é muito importante.
P13: Sim. A leitura de certa forma me desestressa eu gosto de ler nas horas vagas. Eu acho que a leitura tem uma importância muito grande, tanto para aprendizado quanto para a vida particular.  As vezes encontramos respostas para os nossos problemas e conselhos para o futuro.	P13: Contribui bastante em relação das história dos talibãs e outros. Em relação a minha maneira de ler nada mudou. sempre tive mania de ler, Desde meus 08 anos de idade.  Para mim teve uma grande importância, tanto para aprendizagem de povos diferentes, como foi uma experiência diferente, uma aula diferente é sempre bom.
P14: Sim. Ler é de grande importância pois me leva a lugares extraordinários, e ensina coisas que eu posso levar pra minha vida toda.	P14: Não sei explicar Acho que me deu ainda mais vontade de ler.  Que ler é importante para a vida.
P15: Sim, eu gosto de ler eu acredito que a leitura, os livros são portas abertas para novos	P15: Malala, uma moça incrível de uma coragem e força de vontade inspiradora, Ao ler e imaginar a

<p>conhecimentos, uma viagem para outros mundos sem sair do lugar, onde conhecemos novas coisas, novas palavras, novas culturas e personagens que inspiram e que nos dão motivação para lutar-mos e serem iguais a eles.</p>	<p>história da vida dela me motivou bastante, me mostrou de verdade que o que a gente quiser, a gente vai conseguir, não importa se você é rico empresário, ou pobre limpador de chão, todos temos o poder da conquista correndo em nossas veias. Não consigo esquecer a seguinte frase “Muito bem! Estudem bastante porque a educação é muito importante para meninos e meninas”</p> <p>Serviu para a gente aprender que podemos sim, ser pessoas melhores, aprendermos a falar no momento certo e se calar para ouvir a voz do “mundo”, isso é a essência.</p>
--	--

A partir do quadro comparativo, podemos perceber que, para P1, a leitura do livro foi um elemento motivador para continuidade de sua formação leitora estimulada na infância, pelos pais, como também um elemento motivador para prosseguir nos estudos, inspirada pelo exemplo de superação de Malala.

Já P2, que não tinha ainda um posicionamento definido sobre práticas de leitura, após a intervenção, considerou sua maneira de ler melhorada, como também sua escrita, aprendendo que ler é importante.

P3, por seu turno, afirmara, inicialmente, que lia por necessidade e obrigação, odiando ler. Após a intervenção, afirmou ter melhorado suas práticas de leitura e escrita, como também passou a valorizar os estudos. Além disso, demonstrou boa capacidade de reflexão, consciente de sua subjetividade, capaz de posicionar-se criticamente.

O aluno P4, que compreendia leitura como um ato mecânico de ler, após a intervenção, sentiu-se motivado à leitura e aprendeu a valorizar os estudos que lhe são ofertados gratuitamente e sem proibições, revelando sua capacidade de subjetivação.

P5, que demonstra se envolver nas leituras que faz, após a intervenção aprendeu que nunca devemos desistir dos sonhos, sentindo-se motivada a ler para adquirir mais conhecimentos, reconhecendo a importância da leitura.

Já P6, para quem a leitura propiciava uma viagem ao mundo da imaginação, na qual esforçava-se para compreender os sentidos, após a intervenção, sentiu-se fortemente motivado a compreender como praticar leitura de forma mais significativa, considerando-a como essencial à vida.

O aluno P7, para quem a leitura era uma atividade de reflexão e terapia, após a intervenção foi motivado a ler para adquirir mais conhecimentos, considerando-se conquistado pelo livro “Malala, a menina que queria ir para escola”, tanto por tê-lo motivado

a se aproximar mais dos livros, como por valorizar os estudos ofertados gratuitamente, sem proibições, fato que antes não conseguia vislumbrar.

P8, que já gostava de ler aventuras e ficção científica, como também livros ilustrados por facilitarem a aprendizagem, após a intervenção afirmou ter melhorado a leitura e aprendido a valorizar os estudos mediante reflexão sobre a história de Malala.

O aluno P9 já considerava a leitura como uma de suas atividades mais importantes, declarando-se autor de várias histórias compostas em parceria com P8, sobre as quais dedica bastante do seu tempo. Após a intervenção, P9 aprendeu uma nova prática de leitura, a reflexiva, que se debruça sobre o texto para dialogar com ele, questioná-lo e retomá-la enquanto sujeito de suas palavras. Também apreciou a novidade da ação pedagógica, mediante a qual pode conhecer melhor os amigos, ampliar seu vocabulário e conhecer novas culturas.

O aluno P10, na sondagem inicial, concebia a leitura como uma atividade terapêutica para os dias ruins. Após a intervenção, sentiu-se motivada a não desistir dos estudos e a interagir socialmente na sala de aula.

P11, que já se encontrava metamotivada à leitura, após a intervenção pôde refletir mais sobre a implicação dos direitos humanos relacionadas à Educação. Também declarou que foi a primeira vez que manifestou publicamente suas reflexões leitoras na escola, considerando prazerosa tal prática.

Já P12 afirmou gostar de ler como terapia, após a intervenção compreendeu a importância dos estudos como meio para constituir-se como sujeito na sociedade.

P13 foi a única discente que revelou não ter havido uma mudança na sua prática leitora, após a execução do projeto. Para ela, que já considerava a importância da leitura para aprendizagem e também concebia a leitura como uma ação terapêutica, após a intervenção declarou nada ter modificado acerca de sua maneira de ler, que já praticava desde a infância. Contudo, ressaltou que se tratou de um projeto interessante, com aulas diferentes, que trouxeram conhecimento sobre um assunto que ela não conhecia.

Para P14, a leitura possibilita viagens extraordinárias que trazem conhecimento para a vida inteira. Após a intervenção sentiu-se motivada a dar prosseguimento as suas práticas de leitura.

Por fim, o discente P15, para quem os livros são portais para o conhecimento, cujas histórias e personagens lhe inspiram e motivam à superação de obstáculos, após intervenção,

relatou ter sido motivada pela história de Malala a ser uma pessoa melhor, mediante a Educação. Vale lembrar que, quando posicionou-se no subitem 4.1.3 sobre a frequência com a qual lia, declarou não ter o hábito de leitura, o qual foi modificado mediante ação interventiva realizada.

Todas as análises realizadas até aqui revelaram um impacto positivo por parte do plano de intervenção pedagógica executado. Os alunos foram levados a refletir sobre si mesmos, enquanto leitores, desde a sondagem inicial e continuaram a fazer essa reflexão ao longo do plano de intervenção, e na sondagem final.

Na escrita dos diários de leitura e na roda de conversa, puderam dialogar sobre o livro “Malala, a menina que queria ir para escola”, de Carranca (2017), e se posicionar sobre a história, sobre o estilo da autora, e sobre temas que ali eram abordados. Na roda de conversa, especificamente, foi possibilitada a interação com o discurso do outro, trazendo descobertas e unidade ao grupo. Mas foi nos diários, especialmente, onde tivemos produções representativas de três tipos de escrita diarista, conforme Machado (1998): (1) o diário como escrita pessoal (2) o diário como “resumo” do livro; e (3) o diário como ação reflexiva. Neles, cada um dos alunos pode construir um espaço identitário e singular, que lhes permitiu refletir sobre a história lida, sobre si mesmo e sobre o mundo que os cerca.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A docência em uma escola pública municipal de João Pessoa–PB, inserida em uma área de extrema vulnerabilidade social, provocou nosso olhar a (re)pensar o “como fazer” para ressignificar o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa no que concerne a práticas de leitura capazes de motivar e desenvolver capacidades reflexivas em alunos do Ensino Fundamental, com faixa etária entre 14 e 18 anos.

Como objetivo geral da pesquisa, definimos: contribuir para a formação leitora de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal de João Pessoa - PB, mediante utilização do diário como instrumento motivador para uma ação reflexiva. Os discentes apresentavam faixa etária entre 14 e 18 anos.

A fundamentação teórica que norteou essa pesquisa sobre práticas sociais de leitura respaldou-se em Soares (2003), Sousa (2002), Kleiman (2008) e Kock e Elias (2008). Acerca do gênero diário de leitura, os estudos de Machado (1998), que utilizou em sua pesquisa diários reflexivos de leitura com alunos do curso de Jornalismo e percebeu nessa ferramenta o reconhecimento da relação dialética existente entre gêneros e práticas discursivas, Buzzo (2003), que utilizou o diário de leituras como um novo instrumento para o ensino-aprendizagem de leitura, em uma turma de 7ª série do Ensino Fundamental II de uma instituição pública da rede estadual vinculada ao programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA), na cidade de São Paulo; e Liberali (1997), que utilizou diários reflexivos de coordenadores durante um curso semestral para formação de coordenadores, para a qual, o diário é uma ferramenta para a construção interna da reflexão crítica. Quanto à motivação e aprendizagem, o aporte teórico susteve-se nas contribuições de Maslow (1978), Paiva e Lourenço (2009), Sampaio (2009) e Tapia e Fita (2011).

Em nossa pesquisa, fizemos as análises acerca dos posicionamentos dos alunos acerca dos temas Leitura e Escola; análise das reflexões construídas nos diários de leitura e roda de conversa e análise da motivação e da ressignificação das crenças e valores dos alunos participantes quanto à leitura e aprendizagem, nas quais obtivemos os resultados a seguir.

Em relação à Leitura, conforme análise do Quadro 24, acerca dos posicionamentos dos participantes nas sondagens inicial e final, a intervenção realizada foi capaz de motivar e contribuir para formação leitora desses alunos. Em relação à escola, há um reconhecimento

unânime por parte dos participantes sobre a escola deter um papel decisivo a conquistas de um futuro, como lugar de preparação para os exames que permitem o ingresso a um novo patamar de educação e de aprendizagem do que ainda não sabem, ou seja, a escola é a base do conhecimento, tem o dever de ensinar o novo e o desconhecido, devendo sempre persistir nesse alvo e nunca desistir, também sugerem um ensino melhor, diferente.

Em relação ao gênero diário de leitura, os rendimentos apresentados pelos alunos participantes dessa pesquisa, no que concerne às orientações propostas por Machado (1997, p.2), revelaram-se bastante satisfatórios, uma vez que os discentes puderam se constituir sujeitos de seu dizer, fazendo uso de um espaço identitário e singular, que lhes permitiu registrar a compreensão que tiveram da história lida, assim como estabelecer relações dialógicas com seus interlocutores, ora a professora-pesquisadora, ora a própria autora do livro.

Acerca da roda de conversa, consideramos de grande importância o uso de tal instrumento junto ao diário de leitura, como ação motivadora e formadora de leitores críticos e reflexivos, capazes de exercer o direito de ouvir e de falar, de se ressignificarem pelo discurso do outro.

A partir das análises realizadas, consideramos que o plano de intervenção atingiu de maneira satisfatória o objetivo principal do trabalho no que concerne à contribuição para a formação leitora de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, mediante utilização do diário de leitura como instrumento motivador para o desenvolvimento de práticas leitoras. É importante destacar que os dados obtidos nessa ação interventiva certamente servirão de diretrizes para o planejamento de toda uma sequência de ensino-aprendizagem significativa, não apenas relativa a práticas de leitura, como também para formação de escritores proficientes.

Sobre a pesquisadora em questão, segundo Bortoni-Ricardo (2008), o professor-pesquisador não se vê apenas como um usuário do conhecimento produzido por outros, mas se propõe a produzir conhecimentos, a refletir sobre a própria prática, a superar as próprias deficiências, sempre aberto a novas ideias e estratégias, razão pela qual essa pesquisa ensinou-nos a refletir sobre a própria prática pedagógica, a melhor compreender as ações mediadoras de conhecimento na interação com os educandos e assim compreender de forma significativa o processo de ensino e de aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola, 2009, p. 201.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo. Martins Fontes, 1997.
- BORTONI-RICARDO, S. M. O Professor Pesquisador - **Introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BORUCHOVITCH, E. **A motivação do aluno**. Editora Vozes. 4.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, 2009.
- BRONCKART, J.-P., BAIN, D., SCHNEUWLY, B., DAVAUD, C. & PASQUIER, A. (1985). *Le fonctionnement des discours. Un modèle psychologique et une méthode d'analyse*. Paris: Delachaux & Niestlé.
- BUZZO, M. G. **O Diário de Leituras**: uma experiência didática na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. PUC/SP, 2003. p.64-77.
- CARRANCA, A. **Malala, a menina que queria ir para escola**. Companhia das Letrinhas, São Paulo, 2017.
- FOUCAULT, M. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160. Disponível em: <<http://eps.otics.org/material/entrada-outras-ofertas/livros/a-escrita-de-si-michel-foucault>>. Acesso em: 24.ago.2017.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 23<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- GARCEZ, L. H. C. Esse Brasil que não lê. IN: FAILLA, Zoara, org. **Retratos da Leitura no Brasil 3**. p.61-72. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo : Instituto Pró-Livro, 2012. Disponível em: <<http://www.prolivro.org.br/images/antigo/1815.pdf>>. Acesso em: 05.fev.2017.
- GENTILI, P.; MCCOWAN, T. (orgs). **Reinventar a escola pública** - política educacional para um novo Brasil. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2003, p.256-272.
- HEIDER, F. **Psicologia das relações interpessoais**. São Paulo: Pioneira, 1970.
- KLEIMAN, A. **Oficina de leitura**: teoria e prática. 14<sup>a</sup> ed. Campinas, SP, Pontes Editores, 2012.
- KOCK, I.V.; ELIAS, V.M. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 2.ed. São Paulo. Contexto, 2008.
- LÁZARO, A.; BEAUCHAMP, J. A escola e a formação de leitores. In: AMORIM, Galeno, **Retratos da Leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial : Instituto Pró-livro, 2008, p.72-82. Disponível em: <<http://www.prolivro.org.br/images/antigo/1815.pdf>>. Acesso em: 05.fev.2017.

LIBERALI, F.C. **O diário como ferramenta para a reflexão crítica** - Tese de doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC, 1999.

MACHADO, A. R. **O Diário de Leituras, a introdução de um novo gênero na escola**. Editora Martins Fontes, São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. O diário de leituras: que discurso é esse? **Intercâmbio**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. V.6. 1997. Disponível em:

<<http://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/download/4067/2713>>. Acesso em: 02.mar.2017

MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.) **Gêneros Textuais e Ensino**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p.19-49.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MASLOW, H. A. **Introdução à Psicologia do Ser**. Coleção Anima. Livraria El Dourado. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, 1978. p.40-62

OLIVEIRA, A. S. **O diário na sala de aula: articulando análise linguística, leitura e produção textual**. In: Revista Linguagens & Letramentos, v.1, nº2 .2016, p.197-216. Disponível em:

<http://revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/linguagensletramentos/article/view/40/pdf>. Acesso em: 15 mar.2017.

PAIVA, M. O. A; LOURENÇO, A. A. **A motivação escolar e o processo de aprendizagem**. Revista Ciências & Cognição 2010; Vol. 15 (2): 132-141. Disponível em:

<<https://pdfs.semanticscholar.org/2b7a/944fe30ca9494280c2cc69dd3f0cca70e864.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

REMÉDIOS, M. L. R. **A Preservação da Vida na Escrita: O Diário de Getúlio Vargas**. Revista Estudos Históricos. v. 9, n. 17, 1996, p.205 a 214. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2015/1154>>. Acesso em: 02. mar.. 2017.

SAMPAIO, J. R. **O Maslow desconhecido: uma revisão de seus principais trabalhos sobre motivação**. R. Adm., São Paulo, v.44, n.1, p.5-16, jan./fev./mar. 2009. Disponível em:[http://sinop.unemat.br/site\\_antigo/prof/foto\\_p\\_downloads/fot\\_10528o\\_maslow\\_des\\_conhecido-\\_uma\\_bevisyo\\_de\\_seus\\_pbincipais\\_tbalhos\\_sobbe\\_motivayyo\\_pdf.pdf](http://sinop.unemat.br/site_antigo/prof/foto_p_downloads/fot_10528o_maslow_des_conhecido-_uma_bevisyo_de_seus_pbincipais_tbalhos_sobbe_motivayyo_pdf.pdf). Acesso em 08 jan 2018.

SOARES, M. B. **As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto**. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro, org. **Leitura: Perspectivas Interdisciplinares**. Ed. Ática. 5ª ed., São Paulo, 2001, p.18-29.

SOUSA, M. E. V. **O Novo Velho Discurso Da/Na Aula de leitura**. In: **As surpresas do previsível no discurso de sala de aula**. Editora Universitária, João Pessoa, 2002, p.127-163.

TAPIA, J. A.; FITA, E. C.. **A motivação em sala de aula : o que é, como se faz.** Tradução Sandra Garcia. 11ª ed. São Paulo. Edições Loyola. 2015.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa.** São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em : <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3>>. Acesso em 08. dez. 2016.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4.ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem.** 2.ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Sites e vídeos consultados:

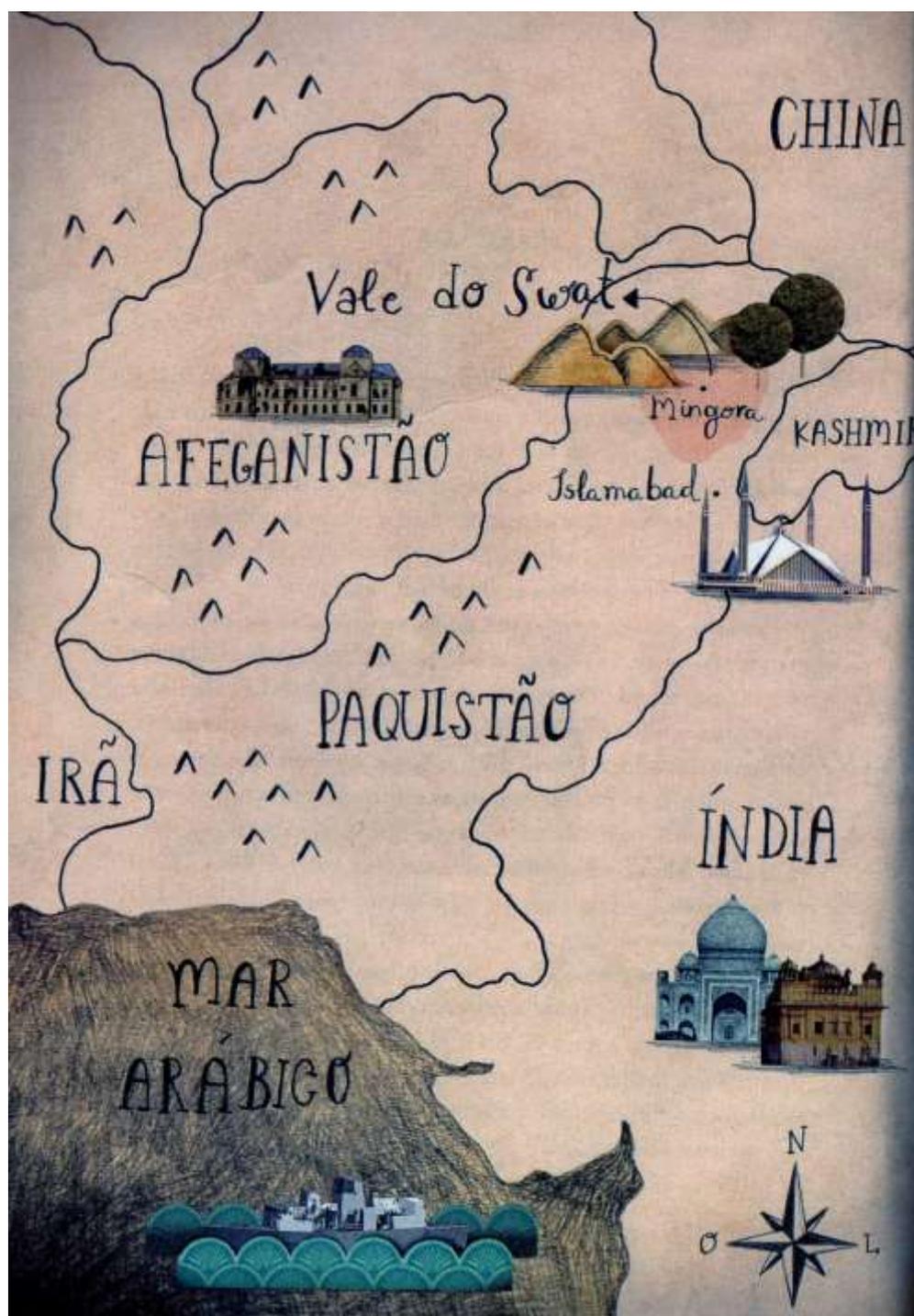
A CAMINHO de Kandahar. Direção: Mohsen Makhmalbaf. Drama/Filme biográfico. Direção: Mohsen Makhmalbaf. Longa-metragem. Duração: 1h 25m. 2001. França, Irã. 2001.

MALALA. Direção: Davis Guggenheim. Título original: He Named Me Malala. Distribuidor Fox Film do Brasil. Longa-metragem. EUA. 2015.

YOU TUBE. **Eu quero ler.** 30 jan. 2017. Online video clip. YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=adI4qKSo5eE>>. Acesso em: 03 de set 2017. Web.

\_\_\_\_\_ **O tema é:** leitura. 12 de ago. 2011. Online video clip. YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZP-MIVsaYsA>>. Acesso em: 03. Set. 2017. Web.

## ANEXO A - O VALE DO SWAT



Fonte: CARRANCA, ADRIANA. **Malala, a menina que queria ir para escola**. Companhia das Letrinhas, São Paulo, 2017, p.8.

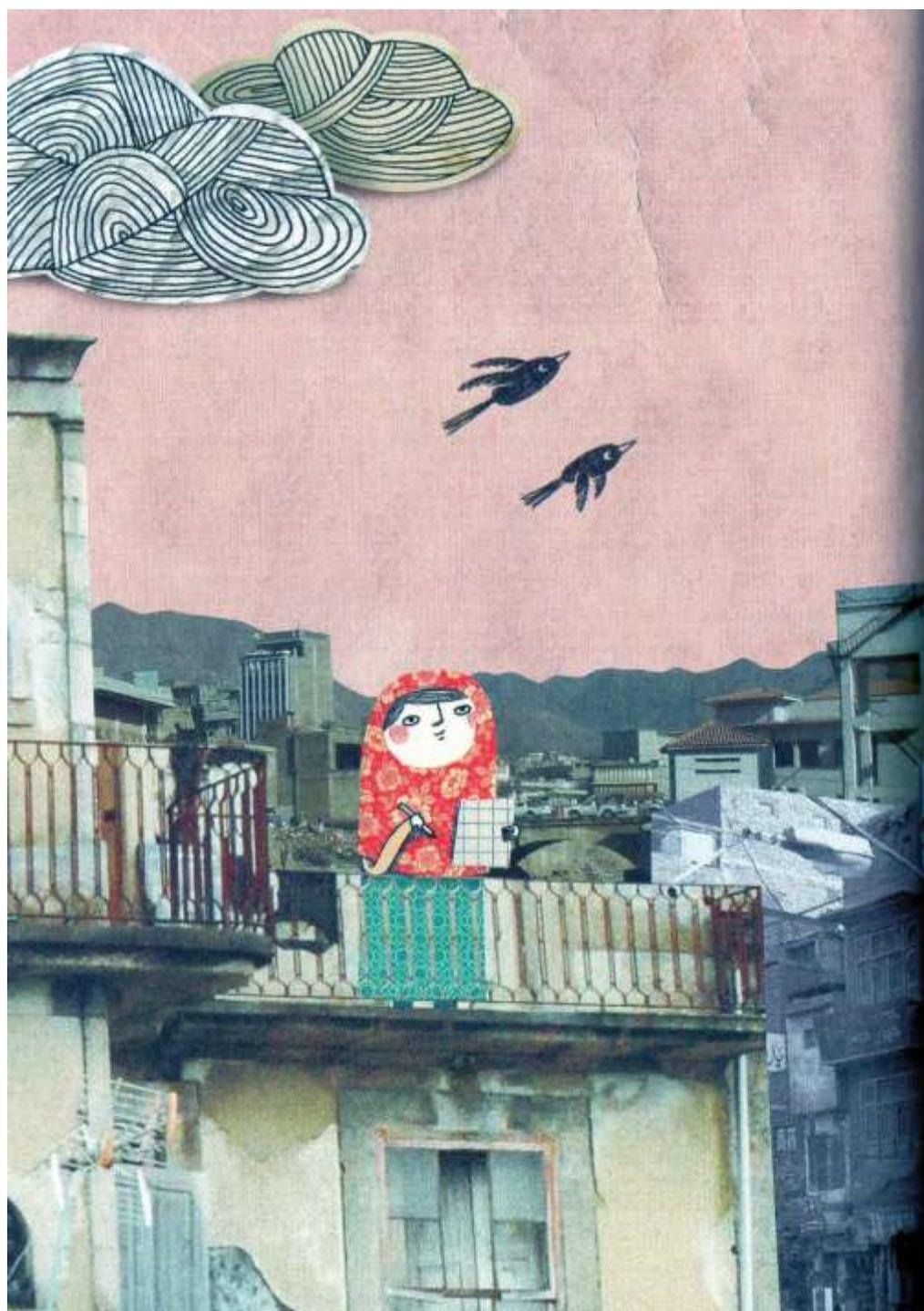
## ANEXO B - VISITA AO PRÍNCIPE DO SWAT



Fonte: CARRANCA, ADRIANA. **Malala, a menina que queria ir para escola**. Companhia das Letrinhas, São Paulo, 2017, p.12.

**ANEXO C – LASHKARS, A MÍLÍCIA ARMADA DE MINGORA**

Fonte: CARRANCA, ADRIANA. **Malala, a menina que queria ir para escola**. Companhia das Letrinhas, São Paulo, 2017, p.22.

**ANEXO D – MALALA ESCREVE O BLOG SOB PSEUDÔNIMO GUL MAKAI**

Fonte: CARRANCA, ADRIANA. **Malala, a menina que queria ir para escola**. Companhia das Letrinhas, São Paulo, 2017, p.46.

## ANEXO E: PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS  
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** PRÁTICAS DE LEITURAS MEDIADAS EM DIÁRIO REFLEXIVO

**Pesquisador:** EVÂNIA CÂMARA VILAR

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 71311617.5.0000.5188

**Instituição Proponente:** Universidade Federal da Paraíba

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 2.244.366

**Apresentação do Projeto:**

Pesquisa de natureza aplicada e intervencionista com objetivo de promover instrumentalização dos alunos no que concerne à formação de leitores eficientes e autônomos, dentro e fora dos domínios escolares, capazes de refletir sobre ela como lugar de poder e transformação sobre si mesmos e sobre o mundo, ressignificando olhares outrora perplexos e desmotivados pelas intempéries onde se encontram socialmente. A escolha do tema e ações de leituras reflexivas que serão registradas na escrita diarista dos discentes, se deu em virtude de compreendermos que se trata de uma possibilidade para que esses alunos reflitam sobre a importância dessas práticas sociais em suas vidas e por elas sejam ressignificados. Os sujeitos envolvidos nesta pesquisa serão os alunos de uma turma do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal da cidade de João Pessoa – PB. Com faixa etária entre 14 e 16 anos, tratam-se de alunos inseridos em uma área (de)marcada pela violência e graves contrastes sociais. Metodologicamente, serão percorridas três etapas: no primeiro momento (02 aulas), realizaremos uma roda de conversa acerca da frase dita por Malala Yousafzai em discurso à ONU por ocasião do recebimento do Prêmio Nobel da Paz: "Uma criança, um professor, um livro e uma caneta podem mudar o mundo". Essa etapa fornecerá os dados para

**Endereço:** UNIVERSITARIO S/N

**Bairro:** CASTELO BRANCO

**CEP:** 58.051-900

**UF:** PB

**Município:** JOAO PESSOA

**Telefone:** (83)3216-7791

**Fax:** (83)3216-7791

**E-mail:** elicaccsufpb@hotmail.com

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS  
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA



Continuação do Parecer: 2.244.366

comparação após a intervenção. No segundo momento (12 aulas), os alunos farão a leitura do livro "Malala: a Menina que Queria ir para a Escola", da jornalista Adriana Carranca Corrêa, acompanhada do diário onde registrarão livremente os sentidos apreendidos. No terceiro momento (02 aulas), uma nova roda de conversa sobre a frase de Malala, agora acrescida de relatos feitos pelos alunos em seus diários reflexivos. Quanto aos pressupostos teóricos dessa pesquisa, partiremos dos estudos sobre a noção de letramento e práticas sociais de leitura e escrita, realizados por Machado (1998), Antunes (2003), Soares (2003); quanto aos estudos sobre gêneros do discurso, Bahktin (1997), Marcuschi (2008).

**Objetivo da Pesquisa:**

**OBJETIVO GERAL:** Possibilitar o desenvolvimento da capacidade reflexiva de alunos do 9º ano de uma escola pública municipal de João Pessoa–PB mediante práticas de leitura que lhes possibilite expressar a subjetividade.

**Objetivo Secundário:**

Apresentar a roda de conversa e o diário como um espaço de construção identitária e singular, que permite ao sujeito refletir sobre si mesmo e sobre o mundo que o cerca; Avaliar as implicações do trabalho com rodas de conversa e diários de leitura para o aperfeiçoamento do desempenho dos alunos em práticas de leitura em aulas de Língua Portuguesa. Analisar quais modos de subjetivação dos alunos se fazem presentes antes e depois das discussões realizadas nas rodas de conversa e nos diários reflexivos.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Este projeto é de participação voluntária, ao longo do qual serão garantidos aos discentes envolvidos o respeito e o direito de livre expressão nas rodas de conversa e nos diários reflexivos de leitura. Havendo qualquer tipo de desconforto serão tomadas as devidas providências, como diálogo para a superação das dificuldades enfrentadas; redefinição de estratégia didático-pedagógica, entre outras que se fizerem necessárias ao bemestar dos participantes.

**Benefícios:**

Este projeto permite o desenvolvimento da capacidade reflexiva dos alunos mediante a leitura de livro e rodas de conversa, perpassando variados contextos de letramento, possibilitando a

Endereço: UNIVERSITARIO S/N  
Bairro: CASTELO BRANCO CEP: 58.051-900  
UF: PB Município: JOAO PESSOA  
Telefone: (83)3216-7791 Fax: (83)3216-7791 E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS  
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA



Continuação do Parecer: 2.244.366

formação de leitores competentes e, consequentemente, de escritores proficientes.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Pesquisa relevante e exequível

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Todos os termos estão apresentados adequadamente.

**Recomendações:**

Nenhuma recomendação

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Todas as adequações solicitadas foram realizadas de forma satisfatória.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa.

Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasil, via Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egrégio Comitê.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_935554.pdf	31/07/2017 20:04:13		Aceito
Outros	CARTEANUENCIA.pdf	31/07/2017 20:00:50	EVÂNIA CÂMARA VILAR	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	31/07/2017 19:54:09	EVÂNIA CÂMARA VILAR	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	31/07/2017 19:53:44	EVÂNIA CÂMARA VILAR	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	10/07/2017 19:07:48	EVÂNIA CÂMARA VILAR	Aceito
Declaração de Pesquisadores	QUALIFICACAO.pdf	10/07/2017 18:46:45	EVÂNIA CÂMARA VILAR	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	10/07/2017 18:44:18	EVÂNIA CÂMARA VILAR	Aceito

Endereço: UNIVERSITARIO S/N

Bairro: CASTELO BRANCO

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS  
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA



Continuação do Parecer: 2.244.366

Declaração de Pesquisadores	declaracao_2016101456.pdf	10/07/2017 18:39:50	EVÂNIA CÂMARA VILAR	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	10/07/2017 18:38:25	EVÂNIA CÂMARA VILAR	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

JOAO PESSOA, 29 de Agosto de 2017

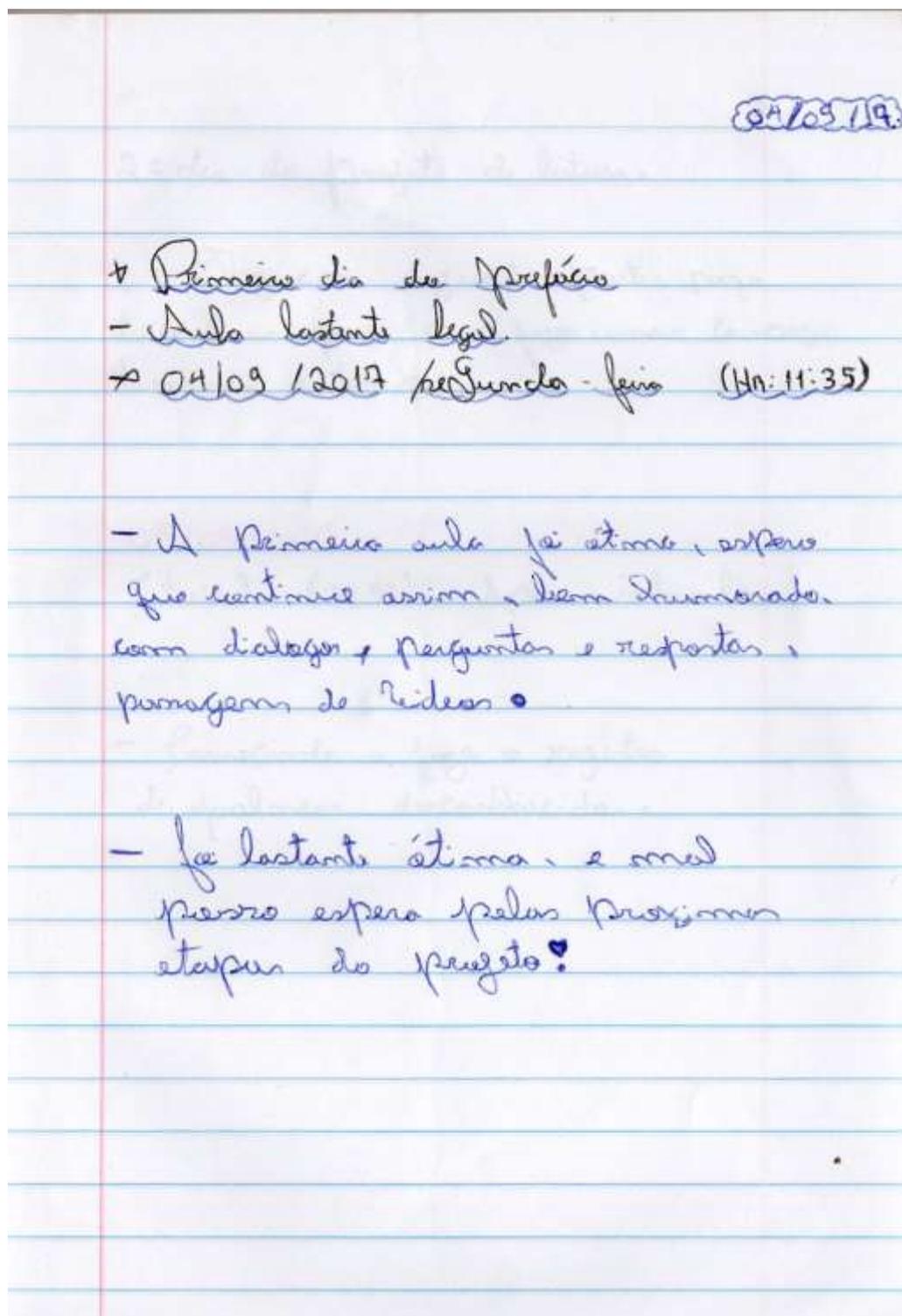
---

**Assinado por:**  
**Eliane Marques Duarte de Sousa**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** UNIVERSITARIO S/N  
**Bairro:** CASTELO BRANCO **CEP:** 58.051-900  
**UF:** PB **Município:** JOAO PESSOA  
**Telefone:** (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** eticaccsufpb@hotmail.com

## ANEXO F - DIÁRIOS

P1



P2

09 de Setembro de 2014

Hoje é o meu 2º dia do projeto eu esperava muito que esse dia chegasse e quando a professora falou que o projeto ia começar eu fiquei muito feliz quando eu li o livro eu achei muito interessante a história de Malala.

12 de Setembro de 2014.

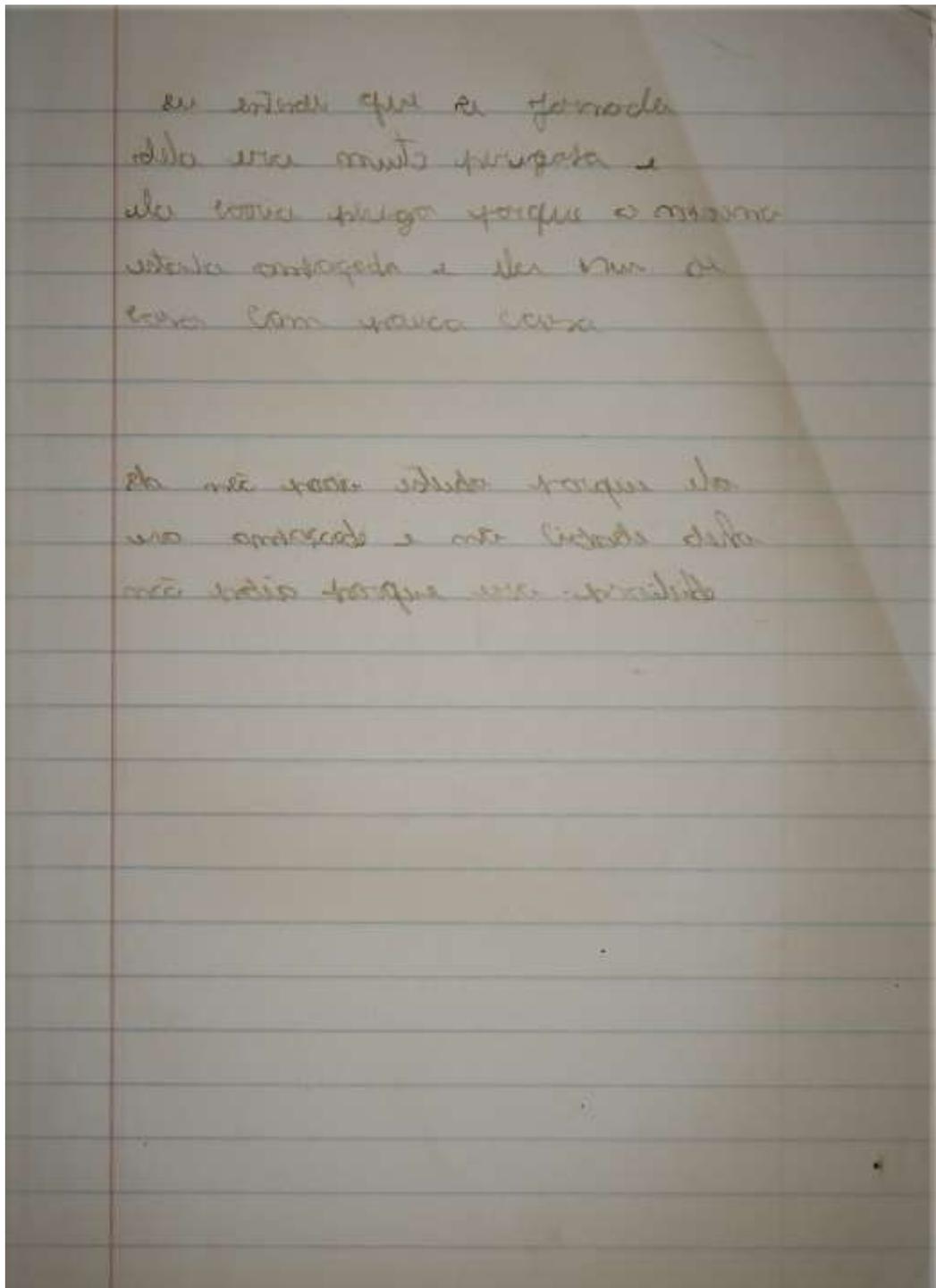
Quando eu estava lendo o livro uma professora me chamou atenção Jay Malal.

P3

que achai<sup>o</sup>  
 do  
 Prefácio  
 05/09/2012

O que achei do Gilberto  
 foi um ato de  
 coragem e auto-  
 ardio. O ato impu-  
 tal por um JRM-  
 olista que tem  
 amizade com o Volp  
 que Malala Alfarra  
 P. C. B. Marco quis  
 quando ele fez  
 que os jornalistas  
 se unissem  
 e Criticamos por  
 mim se fazemos um  
 ato de laudatório.

P4



P5

Cap 2: Achei muito interessante porque possui um conto, em que existe princípios, personagens, mais também que o Voli no muito encontros com seu cor coração que os seres vivos.

É Não queremos paradas no filme e os documentários E.V.O.

P6

05 de Setembro de 2019.

Qual foi minha reação  
ao receber um caderno do  
bem 10.



Eu fiquei muito "ham"  
um caderno do Bem 10  
é isso mesmo, isso  
é falta de imaturidade  
pois nessa idade eu  
não pretendia nem  
ver mais um caderno do Bem  
10. Mas no fim das coisas eu  
aceitei a volta no tempo e  
aceitei caderno do Bem 10, como  
se fosse qualquer caderno.



P7

dia 05

Bem o meu dia de ontem foi muito legal as lições todas reunidas fazendo as tarefas e fazendo o projeto de leitura acho que foi uma boa escolha a professora fazer isso mas deixou mais unidas uma as outras além de nos a se impletar mais com a leitura e com o momento em que a lição foi legal ontem adorei.

P8

Dia 38

No capítulo 4 fala sobre Malala que na escola elas não podiam estudar a unica que protestava era malala, as suas amigas admiravam ela depois elas e malala criaram a Assembleia de Direitos das Crianças, que eram responsáveis de lerem os problemas de vale para a governa. Mas com isso as autoridades acordaram com a Assembleia de Direitos das Crianças.

P9

01/11/17

Dia 7 - Capítulo 7; Ziauddin não queria  
 deixar que sua escola fechasse. Por isso  
 fez uma campanha para dizer as pessoas  
 o que estava acontecendo no Swat. Ela  
~~morou~~ em retiro de dois mil e oito Malala  
 discursou com seu pai na capital das  
 terras Pashtuns. ~~Essa~~ Essa foi a Primeira  
 Paralisação Pública dela.

Ela sabia que no livro sagrado  
 dos muçulmanos está escrito que todos  
 devem buscar conhecimento. Então se lem-  
 brava como conhecer as letras e os livros  
 é importante.

Malala começou a escrever e escrever  
 um blog. É por segurança escolheu o  
 nome Gul Makai, que é a heroína do  
 folclore Pashtun e que também de nome  
 é uma flor azul belíssima. Para por seu  
 pseudônimo. Ela publicou o blog em  
 vídeo no site da ~~BBC~~ BBC de Grã-~~Britânia~~  
~~Britânia~~ Britânia. Por estar anônima,  
 ficou protegida dos talibãs, então continuou  
 a escrever.

P10

12 de Setembro de 2017

Molala era  
a mais variada  
a mais valente  
a mais falante.

A aula hoje foi ótima.

P11

Glauco Pires

Torres - RJ, 32 de setembro de 2017

Litura do capítulo 4 e 5 começou. Ou seja as mulheres não "existiram" depois de casadas e não estão ainda então para os maridos, não podem ler livros.

As vezes me peço nos meus dias ruins porque é tudo estranho e parecido. Acho uma livro um pouco perdido, seria melhor se tivesse mais explicações ou aprofundasse em algumas situações, gosto da forma que é narrada mais queria que aprofundasse. Não entendo as falhas se eles não estudaram porque não da oportunidade de outras pessoas estudarem. É uma tal de Mula Omar que é muito idiota, daí se ele nunca se estudou porque esse homem não está bem da cabeça. Eu sim!

P12

Escola Municipal

06-09-2014

Hoje eu cheguei atrasada, porque  
tive que passar na casa da cida de  
ela ainda ia pentear a buxa  
dela KKKK.

P13

Escola

06.09.2014

Hoje eu cheguei Alvaradissima, e cheguei  
eram 4h30, A professora tentou saber, mas  
não deu kkk.

Entreí na segunda aula com a cadêrnia  
da [redacted], temos... eu deveríamos ler  
o capítulo 2 e 3. mas não deu tempo  
Aí tive: falta pra ler e fazer o resu-  
mo em casa.

P14

05 de Setembro de 2017

Bem, hoje estou iniciando o projeto de leitura, ontem eu não fui à escola por motivos pessoais.

Hoje li o 1º capítulo, pelo o que li parece ser um livro bem interessante. Teve uma palavra que eu não entendi, mas depois perguntei a professora e ela disse o que era SWAT, eu esqueci mas depois pergunto de novo.

Gostei muito do livro.

P15

13 de setembro de 2017

## Capítulo 2

Não dá pra explicar, falta paci-  
mas, falta tudo no momento, um  
livro desse, uma história dessa, uma  
autora incrível como Jádriana Garçon-  
coi, a ~~ta~~ história de Makala realmen-  
te é coisa de outro mundo.

K.K.K.K.K.

Veio na minha cabeça coisas  
loucas que devem ter acontecido  
para Jádriana escrever esse livro  
porque a bicha é louca em meio  
a tantos perigos, proibições mas a  
danada não se aquentou, quando  
eu crescer quero ser "igual" a ela.

A coragem dela me motiva, sabe?!  
O tipo que dá pra mim perceber  
que nada é proibido, nós mesmo  
é quem fazemos as nossas arres de

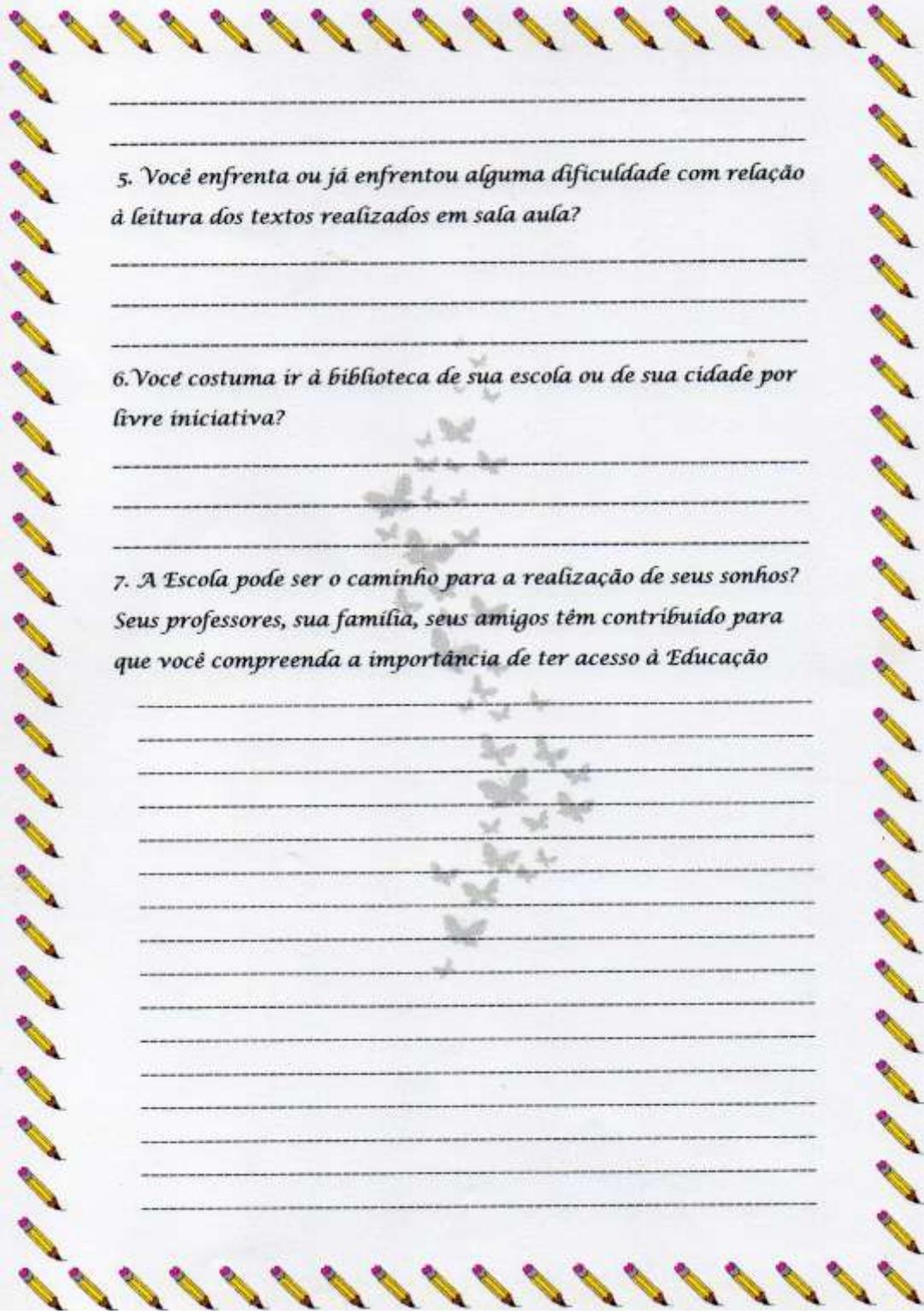
proibição e legalização, ninguém pode nos dar um limite de até onde podemos ir ou viver, nesse foguete da vida nós que ditamos nossas próprias regras.

Gostaria de dizer que "cada porta que se abre é uma nova oportunidade, um novo sonho, uma nova chance para tentar de novo", o mundo está aí, tão grande todo isso para a gente conhecer e aproveitar, conhecer novas pessoas, novos amores, para sorrir e chorar também porque nada é perfeito faz parte do livro da vida de cada um.

A frase da minha vida, Onde a rainha fala "Muito bem! O estudo é bastante, porque a educação é muito importante para meninos e meninas!"  
Ter lido essas frases foi muito motivador para mim, que estou lutando pelo meus estudos e futuro, espero

cada vez mais conquistar as mi-  
nhas coisa e junto a isso realizar  
cada sonho que habita em mim,  
dificuldades tiram sem dúvidas, o que  
não pode acontecer e deixar que  
essas dificuldades sejam maior  
que a nossa força de vontade,





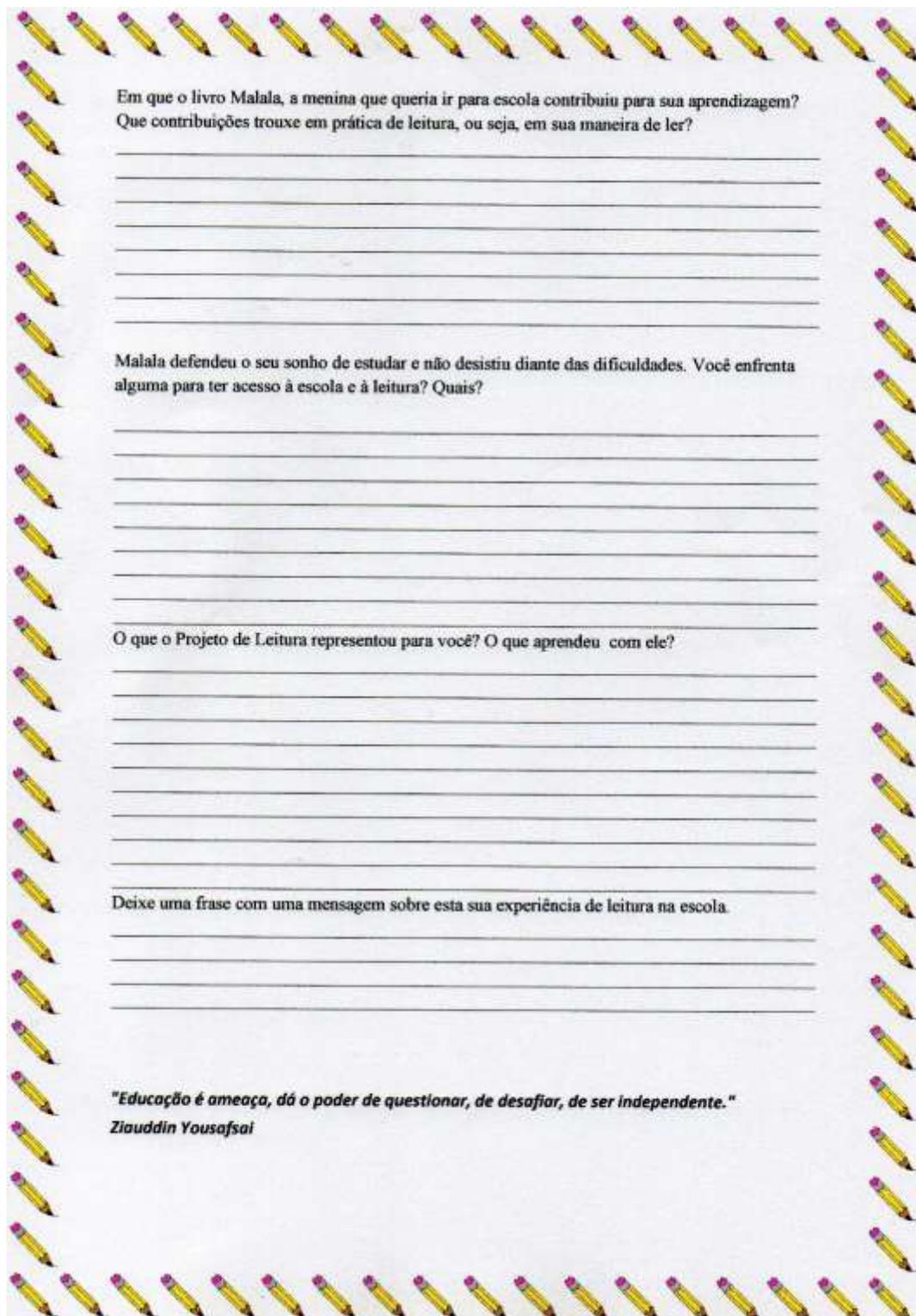
5. *Você enfrenta ou já enfrentou alguma dificuldade com relação à leitura dos textos realizados em sala aula?*

6. *Você costuma ir à biblioteca de sua escola ou de sua cidade por livre iniciativa?*

7. *A Escola pode ser o caminho para a realização de seus sonhos? Seus professores, sua família, seus amigos têm contribuído para que você compreenda a importância de ter acesso à Educação*



## APÊNDICE C - SONDAGEM FINAL



Em que o livro Malala, a menina que queria ir para escola contribuiu para sua aprendizagem? Que contribuições trouxe em prática de leitura, ou seja, em sua maneira de ler?

---

---

---

---

---

---

---

---

Malala defendeu o seu sonho de estudar e não desistiu diante das dificuldades. Você enfrenta alguma para ter acesso à escola e à leitura? Quais?

---

---

---

---

---

---

---

---

O que o Projeto de Leitura representou para você? O que aprendeu com ele?

---

---

---

---

---

---

---

---

Deixe uma frase com uma mensagem sobre esta sua experiência de leitura na escola.

---

---

---

---

***"Educação é ameaça, dá o poder de questionar, de desafiar, de ser independente."***  
**Ziauddin Yousafzai**

**APÊNDICE D: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E  
ESCLARECIDO**



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado(a) Senhor(a)

Sou aluna do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS do Campus IV da Universidade Federal da Paraíba – Campus IV e estou realizando uma pesquisa sobre leitura com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal XXXX, sob da Profa. Dra. Laurênia Souto Sales. A pesquisa tem como principal objetivo possibilitar o desenvolvimento da capacidade reflexiva de alunos do 9º ano de uma escola pública mediante práticas de leitura que lhes possibilite expressar a subjetividade. Solicitamos a sua colaboração no sentido de participar das atividades propostas, com leituras de textos, rodas de conversa e produções escritas, para que possamos atingir o objetivo da nossa pesquisa, como também pedimos sua autorização para apresentar os resultados desse estudo em nossa dissertação de Mestrado, e em eventos e revistas científicas da área. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

Contudo, esperamos contar com sua anuência e estamos a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário.

Atenciosamente,

---

EVÂNIA CÂMARA VILAR

Aluna-Pesquisadora

---

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente de que receberei uma cópia deste documento.

---

Assinatura do/da Participante da Pesquisa

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora EVÂNIA CÂMARA VILAR. Fone: (83) 3216-7791 – E-mail: eticaccufpb@hotmail.com

### **TERMO DE ASSENTIMENTO**

(Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada Práticas de Leituras Mediadas em Diário Reflexivo sob minha responsabilidade e da Profa. Dra. Laurênia Souto Sales, cujo objetivo é possibilitar o desenvolvimento da capacidade reflexiva dos alunos mediante práticas de leitura que lhes possibilite expressar sua subjetividade. Essa pesquisa promove a formação de leitores e, conseqüentemente, escritores eficientes e autônomos, dentro e fora dos domínios escolares, capazes de refletir sobre as práticas sociais de leitura e de escrita como lugar de poder e transformação, sobre si mesmos e sobre o mundo.

Para a realização deste trabalho, usaremos a metodologia da pesquisa-ação, que possui natureza aplicada e caráter intervencionista. As atividades

propostas serão realizadas mediante leituras de textos, rodas de conversa e produções escritas em um diário.

Seu nome, assim como todos os dados que lhe identifiquem serão mantidos sob sigilo absoluto, antes, durante e após o término do estudo. Quanto aos riscos e desconfortos, afirmamos que os benefícios que esta pesquisa pode proporcionar são claramente superiores a eventuais riscos. Caso você venha a sentir qualquer tipo de desconforto, comunique à pesquisadora para que sejam tomadas as devidas providências, como: diálogo para a superação das dificuldades enfrentadas; redefinição de alguma estratégia didático-pedagógica que possa ter causado algum desconforto.

No curso da pesquisa, você tem os seguintes direitos: a) garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta; b) liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento, mesmo que seu pai ou responsável tenha consentido sua participação, sem prejuízo para si ou para seu tratamento (se for o caso); c) garantia de que, caso haja algum dano a sua pessoa, os prejuízos serão assumidos pelos pesquisadores ou pela instituição responsável, inclusive acompanhamento médico e hospitalar (se for o caso). Caso haja gastos adicionais, os mesmos serão absorvidos pelo pesquisador.

Nos casos de dúvidas, você deverá falar com seu responsável, para que ele procure a pesquisadora responsável, Evânia Câmara Vilar.

Endereço (Setor de Trabalho): Escola Municipal XXXX

R. XXX - Bairro XXXX, João Pessoa - PB, 58083-090 - Telefone: (83) XXXX

Eu,

---

, fui informado(a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e me retirar do estudo a qualquer momento sem qualquer prejuízo, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em

participar dessa pesquisa. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

João Pessoa/PB, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

#### Assentimento Livre e Esclarecido

Eu,

\_\_\_\_\_,  
após ter recebido todos os esclarecimentos e assinado o TCLE, confirmo que o(a) menor \_\_\_\_\_ recebeu todos os esclarecimentos necessários, e concorda em participar desta pesquisa. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do pesquisador.

João Pessoa/PB, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador